REVISTA DE

# REFLEXÃO MISSIOLÓGICA

PERIÓDICO SOBRE TENDÊNCIAS E DESAFIOS GLOBAIS DA MISSÃO

MISSÕES MUNDIAIS

*Rio de Janeiro, Brasil - Volume 2 - Número 2 - janeiro-junho 2022*

# *REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA*

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

# *EXPEDIENTE*


## JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Diretor-Excutivo: Pr. João Marcos Barreto Soares
Gerente de Missões: Pr. Alexandre Felício Peixoto

## REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA

**Núcleo de Inteligência Missionária**
Responsável: Pr. Daniel da Cruz Moulié Corrêa

## *EDITORES-EXECUTIVOS*

Doutora Analzira Pereira do Nascimento
Doutor Alcir Almeida de Souza

## CONSELHO EDITORIAL

Doutora Analzira Pereira do Nascimento, Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTSP, Brasil
Doutor Alcir Almeida de Souza, Seminário Teológico Baptista de Queluz - STBQ, Portugal
Doutor Reinaldo Arruda Pereira, Faculdades Batistas do Paraná - FABAPAR, Brasil

## REVISÃO

Redação, Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

## *PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO*

Maurício Barros Bastos, Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

## FOTOS DA CAPA E PUBLICAÇÃO

Bel Oliveira*
* Pseudônimo, missionária de Missões Mundiais na Ásia.

# *INSTITUCIONAL*


**CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA**
***JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS***
***GERÊNCIA DE MISSÕES***

Rio de Janeiro, Brasil
Rua José Higino, 416 - Prédio 21, Tijuca.
CEP: 20510-412 - Rio de Janeiro - RJ
e-mail: centraldeatendimento@jmm.org.br
www.missoesmundiais.com.br
Contato (21) 2122-1901 / 2730-6800 (cidades com DDD 21)
0800-709-1900 (demais localidades)

# SOBRE A REVISTA

## REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

A Revista de ***Reflexão Missiológica***, lançada em 2021, é uma publicação eletrônica semestral produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária - Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

## MISSÃO

A ***Reflexão Missiológica*** tem como missão ser um espaço de reflexão e diálogo que estimule a publicação de textos inéditos em língua portuguesa, fomentando pesquisas interdisciplinares relevantes à *praxis* missionária.

## OBJETIVOS

A partir de sua vinculação institucional e confessional, ser um espaço que:

- Evidencie a riqueza da diversidade de pensamento e da reflexão crítica no campo da missiologia e áreas correlatas;
- Divulgue resultados de pesquisas inovadoras e de projetos/ações missionais relevantes com vistas ao enriquecimento do saber missiológico e da *praxis* missionária da igreja;
- Acompanhe e fomente a produção missiológica que se efetua em outros países, assinalando a vocação internacional da revista;
- Registre a produção de conhecimento no contexto missiológico contemporâneo.

# SOBRE A REVISTA

## PÚBLICO-ALVO

Os conteúdos da revista destinam-se prioritariamente ao público acadêmico, a saber, professores, pesquisadores e estudantes, bem como cristãos interessados na reflexão teológico-missionária.

## PERIODICIDADE

A Revista de ***Reflexão Missiológica*** é uma publicação semestral (janeiro-junho e julho-dezembro) no formato eletrônico.

## PROCESSO DE AVALIAÇÃO PELOS PARES

Os textos aceitos pelo Conselho Editorial serão submetidos à avaliação de dois avaliadores *ad hoc*, pelo sistema de avaliação cega (*Double Blind Review*). Os avaliadores terão um prazo de até quatro semanas para emitir decisão favorável, desfavorável ou favorável sob condições de revisão. Fica reservada à Comissão Editorial o direito de solicitar pareceres adicionais. Todo o processo deve ser realizado, normalmente, em um período de dois meses.

## POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público universaliza o conhecimento.

## CUSTO DE PROCESSAMENTO E ENVIO DOS ARTIGOS

A submissão de artigos na Revista de ***Reflexão Missiológica*** é livre e gratuita e não contempla remuneração aos seus autores.

# SUBMISSÕES

## *DIRETRIZES PARA AUTORES*

### Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

### Texto principal

O corpo do texto deve ser obrigatoriamente iniciado pela “introdução” e concluído pelas “considerações finais” e a lista de “referências”. O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 14. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento 1,5. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 10, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 9. As palavras estrangeiras deverão estar em itálico, sem aspas. As referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”. O artigo completo deverá ter entre 18.000 e 20.000 caracteres com espaços, incluídas as referências e as notas. Quadros e gráficos deverão ser incluídos no corpo do texto (a utilização de determinadas imagens pode implicar ocasionalmente a busca de uma declaração ou autorização de uso das mesmas).

# *DIRETRIZES PARA AUTORES*

**Resumo/Abstract**

O resumo deve ter até 200 palavras, espaçamento simples entrelinhas. A estrutura do resumo deve conter: objetivo do artigo, metodologia ou recorte utilizado, dados colhidos e breve considerações das análises efetuadas. Se o artigo for escrito em português, o resumo deve ser traduzido também para o inglês. Deverão ser apresentadas de 3 a 6 palavras-chave separadas por ponto.

**Referências**

As referências utilizadas no artigo deverão ser apresentadas ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023. As referências deverão ser alinhadas à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

# *DIRETRIZES PARA AUTORES*

**Vozes do Campo - Relatos de Experiência**

Os Relatos de Experiência deverão ser de experiências próprias ou de terceiros. Caso seja um relato de terceiros, é necessário ter relação com o(a) autor(a). Os relatos devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitados em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter nome completo do autor(a), país de referência e o relato de experiência ao final do mesmo.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

**Resenhas**

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (no máximo 3 anos de publicação) e devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitadas em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter título, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

# *DIREITO AUTORAL E POLÍTICAS*

## *DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL*

Estou ciente de que, através da submissão voluntária de meu texto ao corpo editorial da Revista de ***Reflexão Missiológica***, editada pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, autorizo a mesma a publicar o respectivo texto na revista a título não oneroso e declarando a originalidade do texto e sua não submissão simultânea a qualquer outro periódico, em meu nome e em nome das demais pessoas coautoras, se eventualmente existirem. Permaneço como titular de todos os direitos autorais e comprometo-me a não submeter este mesmo texto a qualquer outra publicação no prazo de, pelo menos, um (1) ano a partir da data de publicação do texto, além de, em caso de nova publicação, fazer referência à publicação original na Revista de ***Reflexão Missiológica***.

## *POLÍTICA DE RESPONSABILIDADE AUTORAL*

Os autores assumem inteira responsabilidade pelo conteúdo dos textos de sua autoria. As pesquisas dos autores não necessariamente expressam a linha editorial e entendimento da Revista de ***Reflexão Missiológica***.

## *POLÍTICA DE PRIVACIDADE*

Os nomes e endereços informados na Revista de ***Reflexão Missiológica*** serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

# *INFORMAÇÕES GERAIS*

## *EXPLICAÇÃO SOBRE AS SEÇÕES DA REVISTA*

**Apresentação**

Em todas as publicações haverá a seção de "Apresentação", que tem por objetivo de apresentar o principal assunto abordado na publicação e desafiar o público-alvo para a discussão.

**Editorial**

Esta seção apresentará a opinião do Conselho Editorial da Revista de **Reflexão Missiológica**, apresentando o posicionamento e sua linha editorial. Neste espaço será discorrido sobre o tema principal da publicação.

**Artigos**

Nesta seção serão apresentados os artigos científicos aprovados pelo Conselho Editorial durante o fluxo de trabalho da Revista de **Reflexão Missiológica.**

**Resenhas**

Nesta seção serão apresentadas as sínteses de livros escolhidos pelo Conselho Editorial, que têm por objetivo despertar a atenção do leitor para o livro em questão, situando-o quanto à importância da obra. Portanto, esta seção será um convite à leitura de livros atuais e de referência em missiologia.

**Vozes do Campo**

Nesta seção serão apresentados os relatos de experiências missionárias, com o objetivo de colaborar e contribuir com as pesquisas científicas desenvolvidas pela comunidade acadêmica.

REVISTA DE

# REFLEXÃO MISSIOLÓGICA

PERIÓDICO SOBRE TENDÊNCIAS E DESAFIOS GLOBAIS DA MISSÃO

## OS DESAFIOS DA VOCAÇÃO E AS TENDÊNCIAS GLOBAIS DA MISSIO DEI

*Rio de Janeiro, Brasil - Volume 2 - Número 2 - janeiro-junho 2022*

# *Sumário*


14 **APRESENTAÇÃO**

Pr. João Marcos Barreto Soares

15 **EDITORIAL**

Dra. Analzira Pereira do Nascimento

**ARTIGOS**

19 **VOCAÇÃO E MISSÃO COMO PROPÓSITO DE VIDA EM OPOSIÇÃO AO PARADIGMA DOMINANTE NAS IGREJAS BRASILEIRAS**

Analzira Pereira do Nascimento

33 **VOCAÇÃO COMO PROJETO E DESTINO: UMA APROXIMAÇÃO AO PENSAMENTO DE EMMANUEL MOUNIER**

Alcir Almeida de Souza

47 **IMPLICAÇÕES PROPOSITIVAS DA VOCAÇÃO MISSIONÁRIA NO "MANIFESTO DE NAZARÉ" EM LUCAS 4.18,19**

Ezequias Amâncio Marins

61 **O COACHING COMO METODOLOGIA DE APOIO NA ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS NA VIDA MISSIONÁRIA**

Teresa Cristina Belchior dos Santos

75 **O DESAFIO DA PRÁTICA VOCACIONAL NO CAMPO MISSIONÁRIO UM ENSAIO ACADÊMICO SOBRE SAÚDE E MISSÕES**

Mario Angelo Cenedesi Júnior
Aline De Almeida Braga Ribeiro

91 **PASTORES, UNIVERSITÁRIOS E VOCAÇÃO**

Maurício Jaccoud da Costa

105 **A MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ**

Aline Silva Szamszoryk Fierro Davi

120 **EDUCAÇÃO E VOCAÇÃO, UMA MISSÃO A SER PARTILHADA**

Renata Trivelato Felicio Cenedesi
Denise Afonso Sabino Santos

138 **A VOCAÇÃO DA IGREJA DE CRISTO PARA O CUIDADO COM A CRIAÇÃO**

Adriana Brito da Silva
Daniel da Cruz Moulié Corrêa

## VOZES DO CAMPO


152 **LÁ ONDE NÃO HÁ ESPERANÇA**

Veralúcia Ferreira da Rocha - Mali - África

154 **MINHA VOCAÇÃO**

Analzira Pereira do Nascimento - Angola - África

156 **TÉMOIGNAGE**

Christance Badiate - Senegal - África

157 **VOCAÇÃO NA INFÂNCIA É POSSÍVEL!**

Carla Freitas - Colômbia - Américas

159 **SINAIS E MARAVILHAS**

Priscila & Áquila Dantas* - Sul da Ásia

# Apresentação

Compartilhamos com todos mais uma publicação da Revista de **Reflexão Missiológica**, que é uma publicação eletrônica semestral produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária – Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

Vermos a segunda publicação da Revista de Reflexão Missiológica sendo compartilhada com os centros acadêmicos, e seus pesquisadores, é a certeza de que tomamos a decisão certa e é a consolidação de uma visão missionária que precisa ser amplamente discutida, debatida e projetada.

Nessa publicação, a Revista de Reflexão Missiológica aborda sobre "os desafios da vocação e as tendências globais da *Missio Dei*". Esse tema é de extrema relevância para a obra missionária, e conectar os centros acadêmicos nessa reflexão é um diferencial para o avanço do Reino de Deus junto aos Povos Não Alcançados.

Nosso desejo é estimular, cada vez mais, pesquisas na área de missiologia que reflitam sobre tendências e desafios globais da Missão. Nós nos sentimos honrados, e conscientes da grande responsabilidade, em viabilizar esse projeto tão desafiador.

Queremos que a Revista de Reflexão Missiológica alcance muitas instituições acadêmicas do Brasil, e, do mundo, principalmente nos países que Missões Mundiais atua através do ensino teológico.

Aproveite!

# Editorial

## Dra. Analzira Pereira do Nascimento

Dons espirituais têm a ver com as ferramentas, as formas como caminhamos para alcançar os objetivos de Deus para a nossa vida e para mundo. Dons – são capacidades espirituais concedidas por Deus a nós e todo cristão tem pelo menos um dom (1Co 12; Ef 4). O dom nos instrumentaliza, fornece as ferramentas com as quais seremos equipados para exercer nossa **vocação** (1Pd 4:10).

Como você usa seus dons e talentos fala sobre você e pode moldar o seu ambiente. Não saber nosso dom pode dificultar a definição de nosso lugar. Corremos o risco de estar em lugares ou funções erradas. Podemos sofrer e fazer outros a nossa volta sofrerem. Também é possível ter uma carreira brilhante, estar feliz, mas não estar vivendo a nossa vocação na plenitude se o nosso indicador de sucesso for somente o financeiro. Também podemos ter uma carreira que não traz realização porque interpretamos que para fazer a vontade de Deus precisamos estar em tempo integral em alguma atividade religiosa. Às vezes pensamos que aquela atividade não possibilita viver a nossa vocação. A nossa profissão e carreira podem viabilizar nossa vocação.

Além do mais, só você é você. Somos únicos e ninguém pode ocupar o nosso lugar. Se não fazemos o que precisamos fazer, corremos o risco de tirar dos outros o direito de receber o que só você poderia realizar com excelência. Essa é a ideia de Corpo de Cristo, dons espirituais e interdependência. A implicação desta nossa singularidade é que se não fazemos o que seria nossa "missão" fazer, podemos interromper uma engrenagem e atrapalhar um esquema divino para uma nação, um lugar, uma circunstância. É possível estar onde não deveria.

Pequenas decisões do dia a dia, orientadas por Deus, podem nos conduzir a grandes escolhas que definem nosso futuro e vocação. Às vezes ficamos tão envolvidos com atividades religiosas e confundimos o fazer com o ser. Em seu livro "Sendo quem eu quero ser: torne-se a melhor versão de você mesmo", Ortberg afirma que viver "não tem nada a ver com uma realização ou experiência particular. A tarefa mais importante da vida não é o que você faz, mas quem você se torna". Se buscarmos diariamente o Pai, Ele vai dar orientação do caminho a escolher.

# ARTİGOS

# VOCAÇÃO E MISSÃO COMO PROPÓSITO DE VIDA EM OPOSIÇÃO AO PARADIGMA DOMINANTE NAS IGREJAS BRASILEIRAS

**Analzira Pereira do Nascimento**

Doutora e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, graduada em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, enfermeira, e missionária pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, tendo servido em Angola 17 anos durante a guerra civil. Professora de Missiologia na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e no Seminário Teológico Baptista do Huambo em Angola, é autora de um dos best-sellers da editora Ultimato, o livro "Evangelização ou Colonização? – o risco de fazer missão sem se importar com o outro". Analzira Nascimento teve sua biografia publicada no livro "África: amor e dor – Uma mulher responde a Castro Alves", pela editora Vida Nova. Palestrante em Missiologia, discorre principalmente nos seguintes temas: missão e alteridade, interculturalidade, formação e capacitação missionária, juventude com propósito e vocação.

# VOCAÇÃO E MISSÃO COMO PROPÓSITO DE VIDA EM OPOSIÇÃO AO PARADIGMA DOMINANTE NAS IGREJAS BRASILEIRAS

**Resumo**
O objetivo desse artigo é apresentar a influência dos movimentos históricos na construção da perspectiva dominante nas igrejas brasileiras sobre vocação e missão. Procura-se apresentar possíveis influências para o paradigma dominante da concepção de vocação, demonstrando que todo filho de Deus é chamado para viver um estilo de vida que glorifique a Deus onde está, com o que é, e, também, com o que faz. Deseja-se que a igreja brasileira reflita sobre o papel libertador quando se entende que é possível participar da Missão de Deus para este mundo, mesmo não estando envolvida diretamente numa atividade religiosa.

**Palavras-Chave:** Vocação. Missão. Propósito. Sentido de Vida. Carreira.

**Abstract**
The purpose of this article is to present the influence of historical movements in the construction of the dominant perspective on vocation and mission in Brazilian churches. It seeks to present possible influences for the dominant paradigm of the conception of vocation, demonstrating that every child of God is called to live a lifestyle that glorifies God where he is, with what he is, and also with what he does. It is hoped that the Brazilian church will reflect on its liberating role when it understands that it is possible to participate in God's Mission for this world, even if it is not directly involved in a religious activity.

**Keywords:** Vocation. Mission. Purpose. Sense of Life. Career.

**Introdução**

A Reforma Protestante levantou alguns temas polêmicos na pauta da cristandade no século XVI, dentre eles interessa destacar o resgate do ensino bíblico sobre vocação e o sacerdócio universal dos crentes.

O movimento protagonizado por Martinho Lutero veio reafirmar que o Espírito Santo é concedido para todos, o que viria a desmoronar certas tradições incorporadas ao cristianismo, que privilegiavam algumas classes dentre os cristãos. A partir de então, quebraram-se algumas exclusividades e dessacralizou-se a autoridade religiosa, reforçando as ideias de liberdade individual.

Um dos desdobramentos decorrentes da Reforma foi a possibilidade de distinguir entre cristianismo e igreja - entre ser cristão e ser da igreja, criando um espaço livre da interferência da instituição religiosa. O direito à privacidade concedia ao individuo não só a vantagem de ler e interpretar o texto sagrado, mas também liberdade [para] da pessoa pensar e decidir como quer viver.

O movimento, que inicialmente era fruto de um inconformismo dentro dos muros da religião, causou um efeito dominó em vários segmentos da sociedade e afetou consideravelmente a concepção de vocação. Segundo Luís Alberto De Boni, comentando alguns textos de Lutero e outros pensadores da Reforma, o sacerdócio comum dos fiéis derrubou a muralha dos privilégios dos clérigos, e a partir deste entendimento já não haveria mais diferença entre o sacerdote e o leigo, pois a linha divisória era somente a do ofício.

Com as disputas internas dentro do movimento - somando-se a matança dos camponeses e a discórdia Anabatista, que não se contentava só com a ideia de reformar a igreja, mas queriam uma volta ao cristianismo primitivo – houve um desgaste que provocou radicalizações e, com a efervescência do momento, os diques da autoridade eclesiástica se romperam. Assim, já não havia como evitar o surgimento de posições extremistas, comentou o teólogo Justo L. González.

A despeito da possibilidade de uma mudança tão radical que a Reforma havia prenunciado, reivindicando a volta às origens, o assunto da vocação de todo cristão foi perdendo sua expressão e visibilidade. Entretanto, o ressurgimento do tema naquele período viria trazer grandes contribuições para o movimento missionário a partir do século XVIII.

**Vocação Hoje**

Em nossos dias, é perceptível que a concepção de vocação para a maioria das igrejas segue fundamentada em tradições que a Reforma não deu conta de desmontar.

> O paradigma dominante do que se considera como "vocacionado" refere-se quase que exclusivamente ao membro de uma comunidade que sente a inclinação para ser missionário transcultural ou aquele que deseja exercer um ministério eclesiástico, especialmente o pastorado. Esta lógica é fruto de um paradigma eclesiocêntrico, influenciado pelo Clericalismo que torna o pastor e o missionário os agentes legítimos da missão[1]

Esta concepção sedimentada no Brasil teve sua origem nas ideias puritanas instalada e amplamente difundida nos EUA, que enfatizavam o desprezo pelas "coisas temporais", somadas às teologias dos avivamentos, em que reforçavam radical valorização das "coisas espirituais". Estes componentes contribuíram para a configuração de uma visão salvacionista e apocalíptica, que despreza esta vida transitória e preconiza a ideia de que nós estamos aqui na terra somente para receber a salvação da alma.

[1] NASCIMENTO, Analzira. **Todos somos vocacionados**. Viçosa, Ultimato, 2019. Pág.32.

Segundo esta visão, nós estamos no mundo como que numa “sala de espera” aguardando o céu e, portanto, só quem trabalha “pelo mundo vindouro” teria real valor.

Os outros “crentes comuns” vivem sua “vida secular” e vão à igreja para ouvir a palavra, ter comunhão com os irmãos e se envolver em algumas ações de crescimento da igreja. O pastor e os missionários trabalham pela expansão do cristianismo, os crentes oram e contribuem e, às vezes, alguns cristãos são despertados a também se envolverem diretamente no esforço missionário, nas bases de Atos 1:8: “Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia, Samaria e até os confins da terra”.

Não existem dois mundos, nem dois tipos de vida para se viver. Deus criou, sustenta e está redimindo um mundo somente. A vontade de Deus é que todo cristão ande com Ele, enquanto trabalha em seu chamado para ser “luz do mundo e sal da terra”, e que atue em sua profissão com os olhos no Eterno.

Assim, as habilidades passam a ser não apenas uma maneira de chegar a algum lugar como “missionários”, mas uma forma concreta de fazer o reino de Deus chegar a lugares por meio da nossa atividade.

Para alguns cristãos é muito mais fácil ficar preso à ideia de que ministério e trabalho são coisas diferentes, do que levar os princípios cristãos a todo um modo de viver coerente e extensivo às dimensões da vida espiritual, social, cultural etc. O tudo que somos deve refletir o Deus de toda a vida e, quando isso acontecer efetivamente, a compaixão de Deus não tocará apenas indivíduos, mas poderá alcançar as leis, o governo, a educação, o saneamento etc. Cada cristão é responsável e mordomo diante daquilo que Deus o deu: talentos, dons e habilidades, devendo submetê-los à sua própria vocação.

"Vocação, do latim *vocare*, quer dizer chamado. Vocação é um chamado interior de amor: chamado de amor por um fazer"[2], disse Ruben Alves e eu acrescentaria um chamado para ser. Todo filho de Deus é chamado para viver um estilo de vida que glorifique a Deus onde está, com o que é, e, também, com o que faz.

> "Glorificar a Deus não é acrescentar mais um item à lista de "coisas para fazer" dos discípulos. Glorificar a Deus não é outra atividade acrescida a todas as outras que um discípulo faz. Pelo contrário, glorificamos a Deus em tudo o que fazemos e por meio disso, ao entregarmos essas atividades e obras como uma oferta de coração ao Senhor."[3]

A partir de entrevistas semiestruturadas que tenho realizado pelo Brasil, há muitos depoimentos coletados de que "esta descoberta" foi libertadora, principalmente para alguns jovens. Foi um "divisor de águas", em sua existência, descobrir que podem participar da Missão de Deus para este mundo, mesmo não estando envolvidos diretamente numa atividade religiosa.

A grande maioria das igrejas reforça o discurso que só o pastor ou alguma outra liderança eclesiástica e o missionário são vocacionados. Entretanto, Collin Hansen & Johathan Leeman afirma que,

> "...a igreja é um grupo de cristãos que se reúne como uma embaixada terrena do reino celestial de Cristo para proclamar as boas-novas e os mandamentos de Cristo, o Rei; para afirmar uns aos outros como seus cidadãos por meio das ordenanças; e para evidenciar o amor e a santidade de Deus...".[4]

A Bíblia relata que Deus chamou a todos para viver para a Sua glória, pertencer a Sua família e servi-lo onde estivermos.

---

[2] ALVES, Rubem. **Sobre política e jardinagem**. Folha de São Paulo, fragmento, 19 de maio de 2000.
[3] VANHOOZER, Kevin J. **Discipulado para a glória de Deus: um guia pastoral para fazer discípulos por meio da Escritura e doutrina**. São Paulo: Vida Nova, 2022. Pág. 290.
[4]HANSEN, Collin; LEEMAN, Jonathan. **Igreja é essencial: redescobrindo a importância do corpo de Cristo.** São José dos Campos: Fiel, 2021. Pág.37.

Mas Deus também levanta na comunidade local pessoas com vocação missionária ou pastoral, e tenho constatado que geralmente a caminhada é solitária e depende muito das iniciativas do candidato em buscar orientações, leituras e frequentar eventos. São poucos os líderes que estão pastoreando estes vocacionados para o trabalho ministerial, e eles precisam ser abraçados e mentoriados.

Este é o nosso chamado – *Coram Deo*: viveremos toda a nossa vida na presença de Deus, sob a autoridade de Deus, para a honra e a glória de Deus, escreveu Darrow Miller. A patente deste assunto é do Espírito Santo; é parte da pauta de quem criou a vida. Nosso protagonismo está apenas em sermos obedientes e disponíveis, sinalizando o reino de Deus, seguindo o vento do Espírito, onde quer que ele sopre. Pela graça, pela fé.

**Vivendo a vocação com coerência de vida**

Para viver a vocação é preciso estar atento ao movimento de Deus no mundo. Vocação é ser presença de Deus em circunstâncias específicas tendo uma atuação que glorifica ao Criador. É ser Jesus, é ser resposta para uma realidade ou necessidade urgente através de uma profissão, função, atividade, cargo, trabalho ou habilidade.

Exercer a vocação tem a ver com uma decisão de querer participar no que Deus está fazendo no mundo e disponibilizar o que se tem, o que é e o que sabe fazer para o cumprimento do propósito divino para toda a Sua Criação. Vocação tem a ver com o sentido da nossa existência. Ed René Kivitz diz que “vocação é a maneira como Deus se expressa através de uma pessoa”[5].

Muitos cristãos têm dificuldade de entender que Deus está presente nas rotinas, no trabalho, de segunda a sexta, e, também, nos outros lugares aonde se vai e em outros a fazeres que se tem.

[5]KIVITZ, Ed Rene. **Para quem deseja independência para fazer o que gosta.** Informativo Vigiai. Ano III – Número 12, 2014. Pág. 46.

Toda a vida é de Deus, por isso, em tudo o que se vive e se faz, deve-se viver para a Sua glória. O exercício da vocação deve ainda estar diretamente vinculado com a missão de Deus (Missio Dei), porque os objetivos de vida devem estar alinhados com os objetivos do Pai. A vida só tem sentido quando se está trabalhando com Deus para os mesmos objetivos. A vocação pode estar a serviço do cumprimento do propósito de Deus para o mundo. Cada cristão pode ser resposta de Deus para um local, ou uma instituição.

Entretanto, quando é discutido sobre a Missão de Deus (*missio Dei*) para este mundo, duas questões devem ser consideradas em relação à "vocação para o trabalho missionário": em primeiro lugar, alguém "vocacionado para missões", necessariamente, não faz referência apenas a um missionário com formação teológica, que só atua mediante a proclamação do evangelho. "Vocacionado para missões" também pode acolher a ideia de um profissional que decidiu dedicar seu trabalho todo em algum campo missionário transcultural ou, ainda, de um profissional liberal que consagrou sua vida a Deus, transformando seu local de trabalho em um campo missionário.

Em segundo lugar, quando se discute de "missões" no universo evangélico, percebe-se que a abordagem e as metodologias em geral enfatizam o "fazer" e não o "ser". Contudo, não se pode esquecer que um dos primeiros chamados do cristão é para ser santo. E esta premissa permite apontar que algumas dificuldades da missão se localiza no campo da ética e no respeito às diferenças socioculturais, exatamente porque é separado o "fazer" do "ser", não há coerência entre o discurso e a prática.

Assim, quando se entende que é possível participar do projeto de Deus para o mundo, deixa de se preocupar com a atuação e "nossa vocação" de maneira fragmentada, desconectada, mas o cristão se sente parte do que Ele está fazendo por toda a Sua Criação, incluindo a humanidade. Segundo Efésios 1:3-11, especialmente os versículos 11 e 12, é possível ser participantes deste propósito geral de Deus: "Foi em Cristo que descobrimos quem somos e por que vivemos.

Muito antes de ouvirmos falar de Cristo e depositarmos a esperança nele, ele já pensava em nós e tinha planos de nos dar uma vida gloriosa, que é parte do propósito geral que ele está executando em tudo e em todos." (Bíblia Mensagem).

A vocação é dinâmica! Jesus na oração sacerdotal afirmou: "assim como me deste uma missão no mundo, eu dei a eles uma missão no mundo" (João 17: 18 – Bíblia Mensagem). A razão da nossa vida está em descobrir essa missão – nosso projeto de vida deve ser este, e mergulhar nele para a glória de Deus! O que vai dar sentido a nossa existência é viver em coerência com o propósito para o qual fomos criados.

Ainda no Evangelho de João, no mesmo capítulo 17, no versículo 4, Jesus afirma que completou a missão recebida pelo Pai. Este objetivo alcançado glorificou ao Pai na terra. Fazendo o que Ele tinha que fazer, cumprindo a missão e o objetivo pelo qual veio a este mundo, Ele glorificou ao Pai.

Paulo encarava o cumprimento da sua missão no mundo como sua razão de viver: "mas eu não dou valor à minha própria vida. O importante é que eu complete a minha missão e termine o trabalho que o Senhor Jesus me deu para fazer..." (Atos 20:24 - BLH). O que dava sentido a sua existência era terminar o que Deus lhe mandou fazer. Completar uma missão recebida.

É neste contexto que tenho usado bastante a frase: "não estou no mundo a passeio, mas tenho uma missão a cumprir". Estar a passeio é viver por viver. É viver sem propósito. É vida sem sentido.

Se cada cristão, independentemente de ser pastor ou missionário, tem uma vocação, quer ser o que Deus pensou, e quer cumprir o propósito de Deus, precisa ser seletivo com algumas escolhas, ou seja, precisa renunciar a alguns privilégios e até direitos. É preciso cuidar da vocação.

Algumas vocações vão exigir renúncia e disciplina, mas a satisfação pessoal de ter a certeza de que ali é o seu lugar e que exerce algo que só você faz muito bem, é de uma nobreza inigualável. Nenhum dinheiro, pessoa ou projeto traria esta realização para sua vida.

Em tempos de sociedade pós-moderna, somos devorados por uma cultura digital que nos invade com quantidades exorbitantes de informação, somos engolidos por correntes e modismos da tecnologia e arrastados por ideologias que pressionam a nos encaixarmos em suas "tendências" dogmáticas. Algumas vezes esquecemos que não somos simplesmente religiosos, mas fazemos parte de um grupo que optou por um estilo de vida supra-cultural porque temos a Bíblia como autoritativa e inspirada por Deus.

Ela deverá ser o balizador que pode definir nossa forma de compreender o mundo e configurar nossa cosmovisão cristã. Ela dará o equilíbrio e discernimento para preservar os marcos referenciais do Deus Criador de todas as coisas, definir nossas prioridades e orientar para o que pode ser descartado. Ela nos protegerá de uma visão distorcida, uma vida incoerente e dupla, de querer viver o melhor de cada mundo.

A nossa opção de vida, por outro lado, não significa julgar os outros modos de vida. Nossa liberdade de existir significa coexistir com outros modos e formas de ver, existir e se colocar no mundo. Se cremos que Deus é o Senhor da história, Ele também se importa com o que pode afetar nossa vida no aqui e agora.

**Considerações finais**

Cada cristão faz parte de uma história maior - a história de Deus. E assim, a vida só tem sentido quando os objetivos estão alinhados com os objetivos de Deus para este mundo. Não se pode viver uma vida fragmentada e desconectada dos propósitos do Criador.

Uma das teses da Reforma foi redefinir/ressignificar as fronteiras entre clero e leigos e retomar a discussão sobre o sacerdócio universal dos crentes - “Mas vocês são os escolhidos de Deus, escolhidos para a alta vocação do trabalho sacerdotal e para serem um povo santo”, 1 Pedro 2:9 – Bíblia Mensagem. Se todo cristão tem o Espírito Santo, a diferença então fica por conta do ofício, funções e tarefas? Na caminhada vão descobrindo sua vocação e chamada para glorificar a Deus neste mundo? “Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas” – 1 Pedro 4:10. Entendemos que a vida controlada pelo Espírito Santo pode conduzir ao envolvimento e participação no cumprimento dos propósitos de Deus para o mundo, onde estivermos - independentemente de ser um trabalhador religioso ou “cidadão comum”.

Deus pode revelar sua vontade em uma vivência diária de busca por obediência a Sua Palavra e desejo de entrega total. É uma decisão pessoal de viver para a glória de Deus não importa onde estejamos. As definições específicas vão acontecendo naturalmente, as peças do quebra cabeça vão se encaixando e fazendo sentido em nossa vida.

A Bíblia diz que “um coração quebrantado e contrito, não desprezarás ó Deus”, Salmo 51:17. Se pedimos de todo coração que Ele cumpra em nós os Seus propósitos e desejamos realmente nos submeter ao Seu comando, Ele vai se revelar a nós e validar a nossa caminhada. Todos nós podemos ter dúvidas no momento de crise.

Sem esquecer o que a Palavra de Deus representa em nossa vida: lâmpada para os nossos pés e luz para os nossos caminhos! Quando se invoca a Sua presença, o Espírito de Deus vem sobre a vida clareando o que estava na penumbra e iluminando os passos e renovando o discernimento para as decisões.

Em seu livro “A Missão do Povo de Deus”, Christopher Wright pergunta: “qual é o propósito da existência daqueles que se chamam filhos de Deus? Para que estamos na terra?”

O sentido da vida está em descobrir sua vocação, sua missão: ser e fazer o que Deus quer para cada cristão. Só poderá ser felizes quando decidir ser aquilo que o Criador pensou para cada um. Michael Goheen em seu livro “A Missão da Igreja Hoje”, faz uma profunda e essencial reflexão sobre a vocação para aqueles querem estar engajados na missão do reino de Deus. Ele afirma que a missão define a identidade da igreja, sendo muito maior do que uma tarefa.

Quando cada cristão entender que não se "faz missões" como atividades isoladas para cumprir programas estabelecidos por instituições, mas se "está em missão", participar-se-á da missão de Deus e poder-se-á fazer a sua parte no Reino de Deus.

Assim haverá vocacionados em todos os segmentos da sociedade, não apenas nos “campos missionários” propriamente ditos. Haverá pessoas servindo pessoas seja em um projeto missionário, seja como pastor de uma comunidade de fé, seja o jovem na empresa, seja o acadêmico, seja no chá da tarde com o vizinho.

Quando todos entenderem que todos são vocacionados, todos serão melhores profissionais, melhores estudantes, melhores cidadãos, melhores filhos, melhores pais, e até melhores missionários e realizar-se-á trabalhos de excelente qualidade onde Deus os colocar.

Darrow Miller desafia a cada cristão a deixar sua assinatura no Universo. Deixe marcas de uma vida temente a Deus, produtiva e que ama o seu próximo e quer servi-lo.

**Referências**

ALVES, Rubem. **Sobre política e jardinagem.** Folha de São Paulo, fragmento, 19 de maio de 2000.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão.** São Leopoldo: Sinodal, 2009.

DE BONI, Luis Alberto. **Escritos Seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino.** Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

GOHEEN, Michael W. **A Missão da igreja hoje: a Bíblia, a história e as questões contemporâneas.** Viçosa: Ultimato, 2019.

HANSEN, Collin; LEEMAN, Jonathan. **Igreja é essencial: redescobrindo a importância do corpo de Cristo.** São José dos Campos: Fiel, 2021.

KIVITZ, Ed Rene. **Para quem deseja independência para fazer o que gosta.** Informativo Vigiai. Ano III – Número 12, 2014.

MILLER, Darrow. **Vocação: escreva a sua assinatura no Universo.** Curitiba: Publicações Transforma, 2012.

ORTBERG, John. **EU, sendo quem eu quero ser.** São Paulo: Editora Vida, 2011.

VANHOOZER, Kevin J. **Discipulado para a glória de Deus: um guia pastoral para fazer discípulos por meio da Escritura e doutrina.** São Paulo: Vida Nova, 2022.

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão do Povo de Deus.** São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# VOCAÇÃO COMO PROJETO E DESTINO: UMA APROXIMAÇÃO AO PENSAMENTO DE EMMANUEL MOUNIER

**Alcir Almeida de Souza**

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Teologia pelo Centro Evangélico de Missões, graduado em Letras (Literatura) pela Universidade Federal de Viçosa, graduado em Teologia pelo Seminário Teológico do Oeste do Rio de Janeiro e missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, servindo com sua família em Portugal desde 2013. É docente no Seminário Teológico Baptista de Queluz (Lisboa, Portugal).

# VOCAÇÃO COMO PROJETO E DESTINO: UMA APROXIMAÇÃO AO PENSAMENTO DE EMMANUEL MOUNIER

**Resumo**
Este artigo propõe uma análise do conceito de vocação humana segundo a Filosofia do Personalismo de Emmanuel Mounier e indica a sua contribuição na elaboração do sentido de vocação como um chamado a ser pessoa sempre voltada para além de si. Esta afirmação da pessoa é apresentada ainda como uma superação do individualismo, tão demarcado nos dias atuais, que se revela uma tendência de absolutização do Eu e de desenvolvimento da pessoa através de autorrealização absoluta, de um fazer-se a si mesmo.

**Palavras-Chave:** Vocação. Pessoa. Personalismo. Individualismo.

**Abstract**
This article proposes an analysis of the concept of human vocation according to Emmanuel Mounier's Philosophy of Personalism and indicates its contribution to the elaboration of the meaning of vocation as a call to be a person always looking beyond oneself. This affirmation of the person is also presented as an overcoming of individualism, so demarcated nowadays, which reveals a tendency of absolutization of the Self and the development of the person through absolute self-realization, of making oneself.

**Keywords:** Vocation. Person. Personalism. Individualism.

## Introdução

> "Importa, a todo custo, que façamos alguma coisa de nossa vida. Não o que os outros admiram, mas esse impulso que consiste em imprimir-lhe o Infinito."
>
> Emmanuel Mounier

Na primeira metade do século XX, o filósofo francês Emmanuel Mounier[1] elaborou a sua filosofia do *Personalismo*.[2] Como reação a uma sociedade europeia envolta em duas grandes guerras e caracterizada pelo pessimismo, a banalização da vida e a negação da pessoa, Mounier pretendeu despertar as pessoas para que vivessem com dignidade sua vocação de humanizar-se e humanizar o mundo. Assim, o Personalismo se propõe a "fazer a Filosofia descer das alturas da abstração para a vida concreta; ser um instrumento não só de interpretação, mas também de transformação da realidade. O *Personalismo* é, ao mesmo tempo, filosofia, atitude perante a realidade e ação".[3]

Na antropologia mouneriana, a pessoa é compreendida como uma realidade dinâmica, em permanente movimento de personalização de si e do mundo, mas sempre sob os riscos da despersonalização.

Dentre estas ameaças está o individualismo. Cabe ressaltar que Mounier entende o valor originário do individualismo como um proposta de re-visão do ser humano, de afirmação da sua dignidade intrínseca e de defesa de seus direitos.[4]

---

[1] Mounier nasceu em primeiro de abril de 1905, na cidade de Grenoble (França), em uma família de tradição católica. Aos 18 anos segue para Paris onde inicia os estudos em Filosofia (Sorbonne). Em 1932 lançou a revista "Esprit" cujo objetivo era despertar um geração estagnada diante da crise mundial dos anos de 1930. Foi preso em janeiro de 1942 suspeito de pertencer a um movimento contrário à propaganda nazista. Faleceu em 22 de março de 1950.
[2] O Personalismo, como filosofia da ação, foi um movimento em defesa dos direitos humanos, uma busca por respostas aos problemas concretos do seu tempo. Entre as principais obras de Mounier encontram-se "Introdução aos Existencialismos" (1963), "Manifesto ao serviço do personalismo" (1967), "O Personalismo" (1971) e "O compromisso da Fé" (1976).
[3] RAMPAZZO L; DIAS M. J. (org.). **Pessoa, comunidade e instituições na obra de E. Mounier e de Ricoeur.** Campinas: Alínea; 2012, pp. 9,10.
[4] Para um estudo da noção de individualismo nos escritos de Mounier ver, entre outros, ROCHA, A.V.G. **O individualismo e a contemporaneidade: a crítica de Emmanuel Mounier à perspectiva individualista.** Porto Alegre: Intuitio, 3(2), 16-31, 2010.

Porém, no seu estreitamento, acabou por ser tornar

> "um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. (...) O homem abstracto, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro duma liberdade sem direcção e nem medida, sempre pronto a olhar os outros com desconfianças, cálculos ou reivindicações; (...) É a própria antítese do personalismo e o seu mais directo adversário".[5]

E esta absolutização do Eu é a causa de várias distorções como o esgotamento do outro, a impossibilidade do amor e a obstrução da plena realização humana, gerando, entre outras coisas, desumanização, competição e autoritarismo.

**Dimensões antropológicas do *ser***

Como uma permanência aberta, a pessoa se constitui no que Mounier considera como as dimensões antropológicas essenciais para o existir propriamente humano. São elas a *encarnação*, a *comunhão* e a *vocação*.[6]

Por *encarnação* compreende-se a imersão de cada indivíduo na realidade ou a busca da experiência plena de humanização como fundamento para sua realização como pessoa, contrapondo-se à racionalidade instrumental que operou um divórcio entre a pessoa e o mundo. É, portanto, uma proposta de reencontro, um ato fertilizador da vida.

E este engajamento acentua o dever que todos têm de estar presentes num mundo para além de si. Torna-se uma fidelidade criadora, uma escolha livre que arranca do autocentramento e possibilita construir a personalização de forma responsável e disponível no âmbito individual e comunitário.

[5] MOUNIER, E. **O Personalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1976, pp. 61-62.
[6] MOUNIER, E. **Compromisso da Fé.** São Paulo: Duas Cidades, 1971, pp. 63-64. Pela delimitação do estudo, a dimensão da Vocação será analisada de forma mais abrangente e em interação com as dimensões da Encarnação e Comunhão.

Nesta perspectiva, Mounier critica as narrativas religiosas encharcadas de dualismo que

> sustentam certa perfeição cristã que pode ser imaginada, mas não pode ser praticada e da qual muitos tiram lições, mas ninguém transforma em ações. (...) a mínima execução é mais útil que os grandes desejos das coisas afastadas do nosso poder. (...) Nós às vezes nos divertimos tanto em ser bons anjos, que deixamos de ser bons homens ou boas mulheres. E o que será esse desejo angélico senão a melhor astúcia do instinto de imobilidade? [7]

Quanto à dimensão da comunhão, é possível encontrá-la "inserida no próprio coração da pessoa, parte integrante da sua própria existência".[8] E a comunhão é o cume da comunicação. Sem a comunicação não há comunhão.[9]

Por isso a comunicação é fonte de crescimento pessoal. O outro não é limite, mas fonte do eu, de modo que "o tu e, adentro dele, o nós, precede o eu, ou pelo menos acompanha-o".[10] Esta dinâmica de retroalimentação é determinante não apenas no processo de crescimento da pessoa, mas também do coletivo, e na construção de caminhos de superação da indiferença, hostilidade e cancelamento.

E este não é um processo automático, mas uma conquista. No âmbito da liberdade e da escolha, acessar o próximo é sempre um desafio duplo: superar o egoísmo e o autocentramento não dialogal e a possibilidade de reificação através do olhar do outro.

Neste específico vale ressaltar a concepção do amor como base. O amor identifica a dignidade do outro e insere-o na dinâmica do encontro e do diálogo. Por ser amor, "é criador de distinções, é reconhecimento e afirmação do outro enquanto outro (...) é a mais forte certeza do homem, o "cogito" existencial irrefutável: amo, logo o ser é, e a vida vale a pena ser vivida".[11]

[7] Ibid., pp. 73-74.
[8] Id., 1976, pp. 105,106.
[9] Id., 1976, p. 49.
[10] Ibid., p. 64.
[11] Ibid., p. 68.

**O conceito de vocação na antropologia mouneriana**

O conceito de vocação é central no *Personalismo*[12], pois é entendido como um princípio que define o próprio ser e significa toda a existência.[13] Mas o próprio Mounier alerta que

> "esta palavra está gasta pelo uso que correntemente se faz dela. O que se chama "uma vocação" profissional pode entrar, como todo contributo do meu destino, no desígnio geral de minha vocação. Mas então ela aí toma um sentido totalmente outro que não essa feliz adaptação de minhas aptidões que ela significa na boca das pessoas."[14]

A identidade pessoal é construída como resposta a um chamado, ou aos chamados, que interpelam cada ser humano à descoberta de sua vocação. A pessoa, em sua subjetividade, não é a fonte de sentido do ser, mas o *locus* da manifestação deste sentido.

E a resposta a este chamado pressupõe uma forma concreta de estar na vida,[15] ou seja, tornar-se sujeito livre e ativo na sociedade realizando a sua vocação de ser, com o Outro, os outros e para os outros. Para os fins deste estudo, o conceito de vocação na antropologia personalista será evidenciada a partir dos seguintes temas: i)singularidade, ii)unidade e iii)plenitude.

i) Singularidade

Como dimensão essencial da pessoa humana, a primeira ênfase reside na realização da vocação em seu caráter singular, identitário, pois "...toda pessoa tem uma significação tal, que o lugar que ocupa no universo não pode ser preenchido por outra qualquer".[16]

[12] Cf. FERNÁNDEZ, A. **El sujeto ético en el pensamiento de Emmanuel Mounier.** Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1991.
[13] Mounier relata que a descoberta de sua vocação na juventude foi determinante para a sua vida. Durante um retiro espiritual realizado pela Ação Católica da Juventude Francesa (ACJF), Mounier teve um discernimento "não da vida interior, que graças a Deus, a tive abundante em toda a minha adolescência, mas da verdadeira humildade que eu ignorava e de minha vocação da qual duvidava" (MOUNIER, E. **Introdução aos Existencialismos.** São Paulo: Duas Cidades, 1963, p. 417).
[14] Id., 1971, p. 169.
[15] Por isso que, para Mounier, uma teoria da ação não é um apêndice ao Personalismo, mas seu capítulo central.
[16] MOUNIER, 1976, p. 92-93.

A vocação como *com-vocação* ou, como dito anteriormente, como um chamado à realização de uma condição doada, só é possível à seres concretos, situados na história.

Deste modo, se a vida humana não se realiza para além da existência histórica, a vocação se articula sempre em formas particulares de ser, pois cada pessoa é um sujeito único, distinto.

Este chamamento particular, que ecoa no âmago de uma identidade inconfundível e irredutível, é o que confere a cada pessoa a sua dignidade que, ao olhos daquele que chama, jamais poderá ser anulada. “Na verdade, é certo que a pessoa é o que nunca se repete, mesmo quando as faces e gestos dos homens, caindo sem cessar na generalidade, se copiam desesperadamente à superfície”.[17]

Esta afirmação de singularidade distancia a pessoa de qualquer lugar ou discurso em que prevalece uma despersonalização coletiva, sem rosto, ou uma espiritualização alienante, sem alma.

Afirmar a singularidade da vocação é superar as tendências de separação, evasão e alienação da pessoa em relação à humanidade. Somente através da “...tomada de consciência da minha vida”[18] é que possível afastar-se do “nós” despersonalizado e seguir em direção ao “nós” comunitário.

ii) Unidade

Para Mounier, pessoa e comunidade são categorias complementares. É na comunidade que a pessoa encontra seu espaço de realização e vivencia o processo de aprendizagem do tu.

[17] Ibid., p. 98.
[18] Id., 1967, p. 109.

Neste sentido que o Personalismo não pode ser compreendido como

> "um avatar do individualismo, pois, se o nós é anterior ao eu, se a vida pessoal não é volta sobre si, mas movimento para e com o outro, para e sobre o mundo natural, para um acima e um além do adquirido, tão fundamentalmente como é recolhimento e interioridade, o Personalismo situa-se nos antípodas do narcisismo, do individualismo, do culto egocêntrico."[19]

Daí a necessidade de um contínuo movimento de interiorização e exteriorização, traços singulares na construção de uma subjetividade aberta. O desenvolvimento da pessoa (voltar-se sobre si) está conectado à capacidade de construir uma comunidade (ser com os outros) como lugar de afirmação das identidades pessoais. "A unidade dum mundo de pessoas só se pode obter na diversidade de vocações e na autenticidade das adesões. É um caminho mais difícil e mais longo que as brutalidades do poder. Seria utópico pensar que poderemos sempre empregá-lo, mas pelo menos deve inspirar as linhas diretas da nossa acção."[20]

Mounier reconhecia o desafio que esta proposta carrega: refazer o tecido social como lugar de libertação da tirania da uniformidade e de afirmação da diversidade. Segundo ele, este lugar social funda-se numa série de atos originais:

> **1º - Sair para fora de si**. A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponível aos outros. (...) Só liberta o mundo e os homens aquele que primeiramente se libertou a si próprio. Os antigos falavam de luta contra o amor-próprio; nós chamamos-lhe hoje egocentrismo, narcisismo, individualismo.
> **2º - Compreender.** Deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não me procurar numa pessoa escolhida e igual a mim, não conhecer os outros apenas pelo conhecimento geral(...) mas captar com a minha singularidade a sua singularidade, numa atitude de acolhimento e num esforço de recolhimento. Ser todo para todos sem deixar de ser e de ser eu. (...)

[19] SEVERINO, A. J. **Pessoa e Existência.** Petrópolis: Vozes, 1983, p.89.
[20] MOUNIER, 1976, p. 93.

> 3º - Tomar sobre nós, assumir o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, "sofrer na nossa própria carne".
> 4º - Dar. A Força viva do ímpeto pessoal (...) na generosidade e no ato gratuito, ou seja, numa palavra, na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa. A economia da pessoa é uma economia de dádiva, não de compensação ou de cálculo. A generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa, mesmo quando ela não recebe nada em troca: (...) Desarma as recusas, oferecendo aos outros um valor aos seus próprios olhos.
> 5º - Ser fiel. A aventura da pessoa é uma aventura constante desde o nascimento à morte. As dedicações pessoais, amor e amizade só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma exibição, uma repetição uniforme (...), mas um contínuo renovamento. A fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora.[21]

iii) Plenitude

Para Mounier, a realidade humana como permanente busca da libertação de si, da sedução da autossuficiência, do isolamento estéril e da busca desenfreada pelo poder só é possível por que a pessoa possui sede de transcendência.[22] Vocação humana é, portanto, vocação a ser em plenitude. E esta dimensão é evidente para os cristãos, que reconhecem sua vocação como com-vocação do próprio de Deus que "é o Ser supremo, que por amor nos fez existir, não conferindo unidade ao mundo através da abstração duma ideia, mas através duma infinita capacidade para multiplicar indefinidamente esses atos de amor únicos".[23]

O impulso de crescimento e superação nas várias dimensões da vida como traço de realização pessoal é, por si, um indício deste dinamismo pessoal de sempre ser mais, de ir mais além. Ainda que vivido à sombra do desejo egocêntrico de ter mais, este impulso deve ser experienciado como negação de si como um mundo fechado, suficiente e isolado, e se revelar itinerário para uma verdadeira liberdade, "porque o homem só atingirá plenamente os pontos aonde, inteiro, chegar".[24]

[21] Ibid., p. 65-67.
[22] Id., 1963, p.162.
[23] Id., 1976, p. 24. Mounier era um filósofo que reconhecia a pessoa de Cristo como sua fonte sentido e a força de seu congraçamento. Cf. MOIX, C. **O Pensamento de Emmanuel Mounier.** São Paulo: Paz e Terra, 1968, p.98.
[24] MOUNIER, 1976, p.93.

E se a pessoa humana é um ser irrepetível, por mais que essa sede de plenitude esteja presente em toda a humanidade, em cada um se revela de forma distinta.

> Acima das pessoas já não reina a tirania abstracta dum Destino, duma constelação de ideias ou dum Pensamento Impessoal, indiferentes a destinos individuais, mas um Deus que é ele próprio pessoal (...) que "entregou a sua pessoa" para assumir e transfigurar a condição humana, e que propõe a cada pessoa uma relação única em intimidade, uma participação na sua divindade; um Deus que não se afirma (...) sobre coisas arrancadas ao homem.[25]

**Vocação e(m) comunidade**

Como afirmado acima, a pessoa só se completa com a dimensão de comunidade. A família, experiência primeira de socialização de uma criança, tem a função de ser "ponto de articulação do público e do privado, de unir certa vida social com uma certa intimidade. Socializa o homem e interioriza costumes. Pelo seu papel de mediação é o centro capital do universo pessoal".[26]

Como ser de relação, a pessoa continua seu desenvolvimento nas variadas experiências comunitárias, que não correspondem a um mero contrato social mas dizem respeito a própria condição humana. Nenhuma pessoa pode se definir no autofechamento e no isolamento.

Nestas experiências de socialização ao longo da vida é possível, e necessário, estabelecer distinções entre uma comunidade, em seu sentido pleno, e um simples agrupamento de pessoas. Não pode ser assumido como *com-unidade* um ajuntamento de pessoas que apenas devem reproduzir sentidos e opiniões recebidas, numa massificação de ideias, cujos ideais e propósitos são apenas um "eco", uma ressonância, de uma liderança. Ou grupos em que prevalece uma instrumentalização das pessoas, uma automação das ações, onde o fazer sobrepõe-se de forma estéril ao ser a fim de alimentar uma engrenagem despersonalizadora, mas "lucrativa".

[25] Ibid., pp. 24,25.
[26] Id., pp. 186-187.

E, ainda, uma coletividade que almeja unidade tendo como principal custo o apagamento das individualidades e não a escolha livre de pessoas solidamente constituídas. Um espaço em que vigora uma tendência ao anonimato e não a co-existência da liberdade, da responsabilidade e da comunicação.[27]

Mesmo consciente de que, por vezes, a construção de um tipo de convivência que supere estes desafios pareça algo utópico, Mounier já asseverava que

> o profundo movimento da existência humana não tende a assimilar-se a generalidade abstracta da natureza ou das Ideias, mas a transformar o 'coração do próprio coração' (metanoia) para que nele se introduza e sobre o mundo irradie um Reino transfigurado. O segredo de nossos corações, onde se decide, por opção pessoal, essa transfiguração do universo, é domínio inviolável, que ninguém pode julgar, e que não é conhecido por ninguém, nem pelos anjos, mas somente por Deus.[28]

**Considerações finais**

Este estudo sugere a noção de vocação humana na antropologia personalista de Emmanuel Mounier como um recurso para a reflexão sobre o sentido da vida humana em tempo de extremado individualismo, especialmente por sua relevância e atualidade.

A primeira inferência é de que a vida não é algo que a pessoa recebe já pronta, pois sua potencialidade está no movimento, em ser conduzida por novos caminhos, em atravessar novas fronteiras. Determinante nos rumos que a pessoa dá à vida está a tomada de consciência de sua vocação a *ser*. Nos dias atuais, é necessário combater a ideia de que esta é uma "graça" concedida a poucos e privilegiados, mas sempre será uma conquista oferecida a todos.[29]

[27] ROCHA, 2010, p. 27. O sociólogo norte-americano Robert Bellah alerta para outro grande risco à vivência comunitária genuína: "...estamos nos encaminhando para uma validação ainda maior da sacralização do indivíduo, [...] nossa capacidade de imaginar uma estrutura social que mantenha as pessoas unidas está desaparecendo" (BELLAH, R. "Is There a Common American Culture?", disponível em: <www.rober- tbellah.com/ articles_6. htm>)
[28] MOUNIER, E. 1976, p. 25.
[29] Id., 1967, p. 105.

Outro aspecto é que esta consciência de ser, para além de si, ocupa um lugar essencial na tarefa de realizar escolhas. Quando a pessoa está no caminho de decifrar a sua vocação, torna-se capaz de rever suas pretensões relativas (interesse, aceitação ou sucesso) e, neste sentido, a pessoa é a própria gratuidade.[30] Sua ocupação, seja ela qual for, passa a ser vista como um serviço a Deus no mundo, ao mundo, e a sua realização transcende a dimensão do meramente útil, pois "não sou simplesmente o que faço, o mundo não é somente o que quero".[31]

Por fim, as ações que materializam estas escolhas deverão ser sustentas pela liberdade, pela opção existencial aos riscos da independência em vez da "escravidão" da segurança, da autopreservação. A realização pessoal e a felicidade deverão ser assumidas como parceiras de uma vida pautada na doação de si, na consciência de que o supremo valor da vida não é a própria sobrevivência.

[30] Id., 1976, p. 93.
[31] Id., 1976, p. 109.

**Referências**

AMORIM. L. C. V. **Pessoa e Comunidade: O Individualismo Religioso Contemporâneo Face ao Personalismo de Emmanuel Mounier e ao Aspecto Comunitário da Teologia de Karl Barth.** Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Teologia, 2010.

BELLAH, R. **Is There a Common American Culture?**, disponível em: www.rober- tbellah.com/ articles_6. htm> Acesso em: 20 de Jun/2022.

FERNÁNDEZ, A. **El sujeto ético en el pensamiento de Emmanuel Mounier.** Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1991.

MOIX, C. **O Pensamento de Emmanuel Mounier.** São Paulo: Paz e Terra, 1968.

MOUNIER, E. **Introdução aos Existencialismos.** São Paulo: Duas Cidades, 1963.

_____. **Manifesto ao Serviço do Personalismo.** Lisboa: Moraes, 1967.

_____. **O Compromisso da Fé.** São Paulo: Duas Cidades, 1971.

_____. **O Personalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1976.

PRIETO, X. M. **Vocación y crecimiento de la persona. Revista Acontecimiento.** No 54. Disponível em: < http://www.mounier.es/revista/pdfs/054033036.pdf> Acesso em: 20 de Jun/2022.

RAMPAZZO L.; DIAS M. J. (org.). **Pessoa, comunidade e instituições na obra de E. Mounier e de Ricoeur.** Campinas: Alínea, 2012.

ROCHA, A.V.G. **O individualismo e a contemporaneidade: a crítica de Emmanuel Mounier à perspectiva individualista.** Porto Alegre: Intuitio, 3(2), 16-31, 2010.

_____. **As noções de pessoa e vida pessoal em Emmanuel Mounier: fundamentos de sua proposta de sociabilidade e de sua crítica ao processo de despersonalização.** 2011. Dissertação (Mestrado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Filosofia, 2011.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEVERINO, A. J. **Pessoa e Existência.** Petrópolis: Vozes, 1983.

VALLEJO, J. M. B. **Sobre la Idea de acción en el personalismo mounieriano: ser antes que hacer.** Costa Rica. Revista de Ciencias Sociales. Vol. I, no 95, 2002.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# IMPLICAÇÕES PROPOSITIVAS DA VOCAÇÃO MISSIONÁRIA NO "MANIFESTO DE NAZARÉ" EM LUCAS 4.18,19

**Ezequias Amâncio Marins**

Mestre em Divindade pelo Seminário Teológico da Fé Reformada, SP, pós-graduado em Ciências da Religião pela Faculdade Serra Geral, MG, pós-graduado em Teologia Bíblica pelo Centro de Pós-graduação Andrew Jumper, SP, licenciado em História pela Universidade Estácio de Sá, RJ, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, RJ e pastor Batista.

# *IMPLICAÇÕES PROPOSITIVAS DA VOCAÇÃO MISSIONÁRIA NO "MANIFESTO DE NAZARÉ" EM LUCAS 4.18,19*

**Resumo**
Todo crente tem um chamado: seguir a missão de Deus cumprida plenamente por Jesus de Nazaré. Neste ensaio o autor procurou desenvolver um olhar mais atento no conhecido "Manifesto de Nazaré" que Lucas registra em seu Evangelho (4.18,19) como modelo da essência e alcance da vocação cristã como igreja missionária. A perspectiva apresentada é a de que o crente tem um alvo intencional em sua missão, a saber quatro grupos: "pobres, cativos, cegos e oprimidos" e a estes precisa-se anunciar o "ano aceitável do Senhor", a saber o "Ano do Jubileu" extraído de Levítico 25. Jesus no início de seu ministério, na peculiaridade do olhar de Lucas com base na Galileia, concentra sua visão de chamado missional em sua proclamação de que o tempo do Jubileu já era chegado, e as marcas desse tempo seriam a "liberdade e o amor". Quando se pensa em vocação, enxerga-se também esses elementos de anúncio desse tempo de equilíbrio entre pendências com o passado e perdão no presente, uma vez que no Jubileu as dívidas eram perdoadas, as terras devolvidas aos seus antigos donos e os escravizados eram libertados. O autor entende vocação como algo que vem de Deus e alcança corações, isso quando realidades das Escrituras como Isaias 61.1-3 se tornam realidade em Jesus, em Lucas 4.18,19.

**Palavras-Chave:** Lucas. Nazaré. Jesus. Vocação. Missão.

**Abstract**
Every believer has a calling: to follow God's mission fully accomplished by Jesus of Nazareth. In this essay, the author sought to develop a closer look at the well-known "Manifesto of Nazareth" that Luke records in his Gospel (4:18,19) as a model of the essence and scope of the Christian vocation as a missionary church. The perspective presented is that the believer has an intentional goal in his mission, namely four groups: "poor, captives, blind and oppressed" and to these it is necessary to announce the "acceptable year of the Lord", namely the "Year of the Lord". Year of Jubilee" taken from Leviticus 25. Jesus at the beginning of his ministry, in the peculiarity of Luke's perspective based on Galilee, focuses his vision of the missional call on his proclamation that the time of the Jubilee had already arrived, and the marks of that time would be "freedom and love". When one thinks of vocation, one also sees these elements of announcing this time of balance between pending issues with the past and forgiveness in the present, since in the Jubilee debts were forgiven, lands returned to their former owners and the enslaved were freed. The author understands vocation as something that comes from God and reaches hearts, this when realities of Scripture such as Isaiah 61.1-3 become reality in Jesus, in Luke 4.18,19.

**Keywords:** Luke. Nazareth. Jesus. Vocation. Mission.

**Introdução**

No Evangelho de Lucas há o trabalho de um historiador, um homem da ciência, que se preocupa em reunir fatos pelo testemunho de pessoas que conviveram com Jesus. Todo esse trabalho foi empreendido para ser enviado a um Téofilo, que pelo título de "excelentíssimo" é apresentado tanto no Evangelho quanto no livro seguinte, "Atos dos Apóstolos" como o destinatário mui digno desse tratado.

Em um recorte no Evangelho de Lucas, será analisado aqui o "Manifesto de Nazaré" (4.18,19), como ponto de avaliação do resumo da missão de Jesus junto aos carentes em seu tempo. Todo o Evangelho de Lucas é construído a partir dessa ênfase, onde Jesus forma o "Novo Israel" a partir desses grupos de "pobres, cegos, cativos e oprimidos".

Será visto neste prisma o "Ano do Jubileu" como sendo um clima de euforia divina nesse movimento que Jesus representa, a saber, sua vinda como Rei de Israel que traria a libertação ao seu povo, seria uma espécie de "segundo êxodo". Isso ficará mais claro à medida em que se verá detalhes desse tempo do Jubileu que marcarão inclusive elementos das expectativas messiânicas como base de sua mensagem evangelística.

A vocação missionária precisa ser questionada ao se perceber que a igreja sempre teve o compromisso de se misturar ao povo em seu entorno a fim de pregar o Evangelho com os "pés no chão".

**A proposta do evangelho de Lucas**

Entende-se após a leitura do seu prólogo (1.1-4) que Lucas, após uma minuciosa pesquisa envolveu-se ao trabalho de formar "uma exposição em ordem" de toda a vida e ministério de Jesus.

Broadus David Hale destaca que:

> É quase universalmente admitido que o terceiro Evangelho é um dos mais belos livros já escritos. A extensão incomumente ampla de vocabulário, a excelência da gramática e a alta qualidade do estilo mostram que a obra de Lucas é digna de ocupar um lugar respeitável entre os gigantes literários de todos os tempos. O prefácio (1:1-4) foi chamado de "uma perfeita joia da arte grega".[1]

Quando se identifica que esse Evangelho foi escrito como parte de um tratado que incluía o livro de "Atos dos Apóstolos", o entendimento do texto é enriquecido, no ponto de vista de que a história de Jesus é prosseguida pela história da igreja e dos apóstolos, e por consequência pode-se afirmar que a missão de Jesus é seguida pela missão da igreja. Tudo isso no chão da história. A revelação de Deus não é etérea, incorpórea e alienante, mas tem origem no chão da humanidade.

É o que o Reverendo Flávio Gouveia de Oliveira vai argumentar em sua obra:

> É interessante que ele não escreveu o evangelho em um transe onde recebia mensagens místicas e transcendentais, mas realmente foi atrás da informação, impulsionado pelo mesmo Espírito que capacitava a mensagem falada, afinal, ele mesmo participava dessas pregações, inclusive com o apóstolo Paulo (cf. At 16.11ss).[2]

Nessa relação entre a escrita do Evangelho, que seria uma "biografia teológica" da vida de Jesus e de sua missão, em conjugação com uma obra historiográfica detalhada do avanço da igreja a partir dos eixos de dois apóstolos, a saber, Pedro (Atos 1-12) e Paulo (Atos 13-28) é importante salientar que essa culminação temática deu-se por conta do propósito de Lucas ao reunir suas fontes para traçar o seu argumento que se baseia em uma fé no Cristo que se estabeleceu na história, e cuja presença entre os homens foi confirmada em fatos e por fé.

[1] HALE, Broadus David. **Introdução ao Novo Testamento**. JUERP: Rio, 1993, p. 76.
[2] Gouvêa de Oliveira, Flávio; Gouvêa de Oliveira, Flávio. **O Evangelho em Carne e Osso: Uma exposição do evangelho de Lucas para pessoas de corpo e alma** (p. 9). Flávio Gouvêa de Oliveira. Edição do Kindle.

Torna-se importante considerar como o Evangelho de Lucas começa e como ele termina. Em seu prólogo (1.1-4), ele indica claramente o que esperava alcançar com sua composição, endereçada a Teófilo, possivelmente uma figura preeminente em seu tempo. Esse seria seu propósito pastoral.

Já em seu epílogo (24.45-53), há um abrupto encerramento que só se justifica se considerarmos que há uma saga a ser desenvolvida em seguida, visto que todas as testemunhas aparecem em Jerusalém, aguardando o cumprimento de uma promessa. Esse seria o seu propósito missionário.

**A Proposta do "Manifesto de Nazaré"**

Quando se afunila a abordagem do Evangelho de Lucas enfocando a porção do capítulo 4, encontra-se o chamado "Manifesto de Nazaré". Jesus após ser batizado (3.21-22) e ser tentado (4.1-13) inicia a sua missão na Galileia. Será esse o movimento em seu Evangelho: da Galileia para Jerusalém.

Um texto paradigmático é o 4.14,15:

> "14Então Jesus, no poder do Espírito, voltou para a Galileia, e a sua fama correu por toda aquela região. 15E ensinava nas sinagogas, sendo elogiado por todos."[3]

Chegando em sua cidade (Nazaré), Jesus vai até uma sinagoga. E percebe-se neste ato algo planejado até mesmo em seus mínimos detalhes. Com o livro de Isaias em mãos, ocorre aqui mais do que uma Exposição das Escrituras, mas uma verdadeira proclamação: acerca do "ano aceitável do Senhor", que para Jesus já havia chegado.

[3] De Almeida, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. Lc 4.14–15.

Esse foi o texto lido por Jesus nessa ocasião:

> "1O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados, 2a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus, a consolar todos os que choram 3e a pôr sobre os que choram em Sião uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de pranto, manto de louvor em vez de espírito angustiado. Eles serão chamados carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória."[4]

N. T. Wright faz um comentário pertinente sobre essa proclamação em forma de "manifesto":

> Após retornar à sua terra natal de Nazaré, Jesus vai, em um sábado, para a sinagoga- um lugar de adoração, mas também de "ponto de encontro" comunal (é isso que a palavra significa), lugar onde pessoas se reúnem para discutir e analisar questões, estudar a lei e meditar sobre seu significado. Jesus se levanta para ler um texto do profeta Isaías, e escolhe mais uma das grandes passagens sobre a nova criação vindoura, libertação da escravidão, novo Êxodo e restauração após o exílio, o qual constituía a esperança que sustentava boa parte da vida judaica de sua época. Esta é a passagem normalmente referida como "manifesto de Nazaré".[5]

O texto fala de Jesus sendo "ungido" e sendo "enviado". O estudo dessas duas palavras cabe muito bem ao propósito desse argumento:

> *χριω chrio*
> 1) ungir
> 1a) consagrando Jesus para o ofício messiânico e concedendo-lhe os poderes necessários para o seu ministério
> 1b) revestindo os cristãos com os dons do Espírito Santo[6]

[4] De Almeida, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. Is 61.1–3
[5] WRIGHT, N.T. **Simplesmente Jesus.** São Paulo: Thomas Nelson, 2020, p. 105
[6] Strong, James, **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong** (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002)

> *αποστελλω apostello*
> 1) ordenar (alguém) ir para um lugar estabelecido
> 2) mandar embora, despedir
> 2a) permitir que alguém parta, para que alcance a liberdade
> 2b) ordenar a partida de alguém, enviar
> 2c) expulsar[7]

Em resumo, Jesus ao dar evidência ao texto de Isaias para nortear a sua vocação missionária trabalha com os conceitos de "unção" e "envio". Um diz respeito à essência ("unção") e outro do alcance da missão ("envio"). Importante se atentar ao que um comentarista sugere quanto a isso:

> Leu de Isaias 61.1-2, seguido por 58.6. As palavras profetizam o ministério do Messias às pessoas aflitas: os pobres, os cativos, os cegos e os oprimidos. A aplicação que Jesus fez das palavras a Ele mesmo mostra que o senso de vocação que veio com a voz celestial no Seu batismo permaneceu forte (para a unção do Espírito, cf. At 10.38). Jesus se via chegando com boas novas para as pessoas perturbadas deste mundo. O ano aceitável do Senhor não representa, naturalmente, qualquer ano civil, mas, sim, é um modo de fazer referência à era da salvação.[8]

Essa expressão "ano aceitável do Senhor" é uma evocação ao chamado "Jubileu". Em Levítico 25 encontra-se a instituição desse "sabático dos sabáticos".

> "8— Conte sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete anos, de maneira que os dias das sete semanas de anos somem quarenta e nove anos. 9Então, no sétimo mês, aos dez dias do mês, você fará soar a trombeta; no Dia da Expiação, vocês farão soar a trombeta por toda a terra de vocês. 10Santifiquem o quinquagésimo ano e proclamem liberdade na terra a todos os seus moradores. Esse será um ano de jubileu para vocês, e cada um de vocês voltará à sua propriedade, cada um de vocês voltará à sua família. 11O quinquagésimo ano será jubileu para vocês; não semeiem o campo, não colham o que nascer por si mesmo, nem colham as uvas das vinhas não podadas. 12Porque é jubileu, será santo para vocês; o produto do campo vocês podem comer.

[7] Strong, James, **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong** (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002)
[8] MORRIS, Leon L. **Lucas: introdução e comentário.** São Paulo: Mundo Novo e Vida Nova, 1990, pp.101,102

> 13— Neste Ano do Jubileu, cada um de vocês voltará à sua propriedade.
> 14— Quando você vender algo ao seu próximo ou comprar alguma coisa dele, não explore o seu irmão. 15Você comprará do seu próximo com base no número dos anos desde o último Jubileu; e, segundo o número dos anos das colheitas até o próximo Jubileu, ele venderá a você. 16Sendo muitos os anos, você aumentará o preço e, sendo poucos, você abaixará o preço; porque ele está vendendo a você o número das colheitas. 17Que ninguém explore o seu próximo; cada um, porém, tema o seu Deus; porque eu sou o Senhor, o Deus de vocês.
> 18— Observem os meus estatutos e cumpram os meus juízos; assim, vocês habitarão seguros na terra." [9]

Seria um tempo de ampla alforria, com três marcadores principais: os escravizados seriam libertados; as propriedades retornariam aos seus antigos donos e as dívidas do povo seriam perdoadas. Com o soar das trombetas o "ano do Jubileu" seria declarado de 49 a 49 anos. Para o pobre, esse som soaria como liberdade. Para o endividado, soaria como perdão. Seria um tempo de libertação sem precedentes, uma vez que haveria um gerenciamento de autonomias pessoais. Todos se sentiram "livres" no sentido mais absoluto da palavra.

Essa foi a proclamação de Jesus em Nazaré. Interessante que não foi em Jerusalém, centro da tradição judaica, mas na Galileia empobrecida. A missão de Jesus lança luz à nossa vocação junto aos "mais pobres dentre os pobres", para aqueles as quais a palavra "jubileu" faria todo o sentido.

Não se trata de "opção preferencial pelos pobres", mas sim de opção intencionalmente amorosa pelos empobrecidos. Aqueles para os quais a promessa de restauração e perdão ecoariam como realidade necessária e última. Na verdade, o Jubileu celebra um júbilo nacional, e "o júbilo é fruto do perdão. O júbilo é fruto da misericórdia. O júbilo é fruto de o verdadeiro Deus ser conhecido, adorado e obedecido".[10]

[9] De Almeida, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. Lv 25.8–18
[10] CROUCH, Andy. **Três fatores cruciais para uma real recuperação da pandemia.** Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2021/june-web-only/tres-fatores-cruciais-para-real-recuperacao-da-pandemia-pt.html> Acesso em: 12 de maio de 2022.

**A Proposta da Nossa Vocação**

Tentando trazer esse conceito de "Jubileu" para a contemporaneidade, é mister se fazer uma correlação com a recessão em que o mundo atravessa no contexto pós pandêmico. Tudo por conta de uma desigualdade que agride a humanidade severamente. Vê-se no mundo uma cultura de desperdício que deveria causar constrangimento público.

Os quatro grupos que Jesus cita de Isaias em seu sermão em Nazaré ainda estão no século XXI, a saber: "pobres, cativos, cegos e oprimidos" (Lucas 4.18,19), e eles hoje respondem por homens e mulheres que sobrevivem em meio a uma tirânica globalização.

Richard Foster em um dos seus livros, comenta sobre esse ponto quando menciona sobre o ano do Jubileu como sendo uma celebração da generosidade de Deus:

> Havia um princípio social importante no Jubileu. Se executado fielmente (o que não era), ele teria eliminado completamente o antigo problema de os ricos ficarem mais ricos e os pobres ficarem mais pobres. Era, com efeito, justiça legislativa a favor dos pobres; um mecanismo legal institucionalizado para resolver um problema social e espiritual. O ciclo vicioso de pobreza podia ser quebrado. Pais que tinham perdido tudo e eram forçados a vender-se como escravos para sobreviver sabiam que seus filhos não precisavam ser esmagados por sua herança econômica. Podiam ter um novo começo. Inversamente, os ricos não podiam oprimir para sempre os menos afortunados. Sua posição vantajosa não era perpétua.[11]

Essa mensagem é o cerne da vocação missionária: proclamar a todos que em Jesus, o Jubileu eterno pode ser estabelecido, sem a necessidade de se impetrar nenhum edito institucional. Logo, o Jubileu não é resposta a uma decisão política. Jesus é o "Jubileu encarnado". Basta crer nele.

[11] FOSTER, Richard. **Celebração da Simplicidade.** Campinas: United Press, 1999, p. 35

A liberdade que o crente possui, só pode ser plena em Jesus. E a vocação cristã só se torna plena quando a igreja se dedica à missão de Jesus sem restrições pessoais ou ideológicas. Jesus é a liberdade para um mundo cada vez escravizado por ídolos de metal e tantos outros mentais! E esta liberdade é a proclamação do "ano aceitável do Senhor".

Nessa abordagem do "manifesto de Nazaré" em Lucas com implicações para a vocação missionária, pode-se sinalizar que a missão da igreja junto aos "pobres, cativos, cegos e oprimidos" ocorre na imposição de uma "disposição natural do espírito", em uma verdadeira compulsão divina. Os crentes têm por mandato divino o dever de ministrar a liberdade e o amor aos que estão carentes de esperança em todo o mundo.

No contexto das grandes e pequenas cidades do mundo inteiro fica muito fácil se identificar pessoas carentes. E a elas, a igreja tem de comunicar que Jesus, o Jubileu "em carne e osso" veio a todos para trazer libertação sem limites. As igrejas locais precisam ser celeiros de generosidade. Em outras palavras, elas têm de viver um amor que faça seus membros saírem das quatro paredes de seus templos na direção das ruas onde encontram-se homens e mulheres a quem terão de demonstrar que Jesus é resposta aos seus anseios mais íntimos.

Antônio Carlos da Costa em um dos seus livros desafiadores, lança à igreja evangélica brasileira um desafio:

> Antes de chamar a Igreja para pregar, Deus a convoca para o exercício do amor. Compreender isso é de fundamental importância para a correção daquele tipo de espiritualidade que resume a vida e a missão do cristão e da igreja ao ato de pregar o evangelho para quem não o conhece. Esse pensamento tem feito que igrejas inteiras neguem os princípios mais elementares do amor, em nome de uma dedicação exclusiva a algo que, se for real, levará o convertido a fazer muito mais do que evangelizar.[12]

[12] COSTA, Antônio Carlos. **Teologia da Trincheira: reflexões e provocações sobre o indivíduo, a sociedade e o cristianismo.** São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 99

E ele continua:

> Não há nada que Deus ame em sua criação mais que os seres humanos, criados à sua imagem e semelhança. Amar é viabilizar a vida humana e ajudá-la a cumprir sua vocação divina. Significa tratar com dignidade todo aquele que cruza o seu caminho e levá-lo a voltar para casa se sentindo mais amado e mais próximo de Deus. Pratique isso com petistas, tucanos, espíritas, protestantes, católicos, ateus, agnósticos, esquerdistas, direitistas, homossexuais, heterossexuais, conservadores, progressistas, judeus, palestinos, árabes, americanos, argentinos, brasileiros, paulistas, cariocas, nordestinos. Não ignore o pobre, o vulnerável, o excluído, o enlutado, o doente, o desempregado, o que sofre violação de direitos humanos. Não explore ninguém. Não pague salário baixo. Que no seu e no meu caminho não haja rastro de destruição e miséria. E que, dos altos céus, Deus olhe para nós e sorria, pelo simples fato de nos ver vivendo a vida que ele próprio vive: uma vida de amor.[13]

Não há como fugir desse chamado proposto por Antônio Carlos no título de seu livro, a saber, "fazer teologia a partir de uma trincheira". A linguagem é de guerra. Não há o que se fazer de diferente.

A resposta de cada crente ao "Manifesto de Nazaré" precisa ser de uma obediência sem reservas. Fora dos templos evangélicos observa-se uma multidão aguardando a proclamação da libertação, em Jesus. E o Jubileu chegou. Jesus está entre nós.

Por isso pode-se encerrar essa argumentação com as palavras de C. S. Lewis em seu "Cristianismo Puro e Simples":

[13] Ibid, pp. 103,104.

> Nós não fomos gerados por Deus, mas apenas criados: em nosso estado natural, não somos filhos de Deus, mas apenas (por assim dizer) estátuas. Não possuímos zoé, a vida espiritual, mas apenas bios, a vida biológica, que em breve definhará e morrerá. A oferta que o cristianismo faz se resume no seguinte: se deixarmos Deus agir, poderemos vir a compartilhar da vida de Cristo. Então, partilharemos de uma vida que foi gerada, não criada; uma vida que sempre existiu e sempre existirá. Cristo é o Filho de Deus. Se participarmos desse tipo de vida, também seremos filhos de Deus. Amaremos o Pai como o Filho o ama, e o Espírito Santo despertará em nós. Cristo veio a este mundo e se fez homem a fim de disseminar nos outros homens o tipo de vida que ele possui- por meio daquilo que chamo de "boa infecção". Todo cristão deve tornar-se um pequeno Cristo. O propósito de se tornar cristão não é outro senão esse.[14]

Em síntese essa é a vocação missionária: tornar-se “pequeno Cristo” para espalhar a vida de Jesus de Nazaré a todos os “pobres, cativos, cegos e oprimidos”. Essa “boa infecção” precisa alcançar aos confins da terra.

**Considerações finais**

Há de se pensar em uma leitura da Bíblia que seja a partir do nosso chão, do drama da nossa gente. Em que pese a busca de referenciais e leituras diversas, deve-se priorizar o olhar para o povo, enxergando elementos da vida de Jesus que coincidam com a vivência das pessoas em seu dia a dia.

Lucas procurou em seu evangelho trazer um Jesus “de carne e osso”, e comunicou sua proposta de mensagem aos homens e mulheres igualmente “de carne e osso”. A revelação de Deus não ocorreu no espaço sideral, mas na terra. No nosso chão. Em meio à nossa gente.

[14] LEWIS, C.S. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2017, pp. 234,235.

No “Manifesto de Nazaré” é possível ler o anúncio de um tempo em que a economia seria reinicializada. Em um contexto mundial com tantas perdas por conta de desigualdades perversas, urge o tempo de se proclamar o Jubileu encarnado, Jesus, como aquele que propõe em sua mensagem, a verdade que liberta, a saber a verdade do amor.

Quando se olha para a vocação missionária como “algemas invisíveis”, isso provoca o pensamento de que os crentes possuem uma capacidade extrema de envolvimento em causas superficiais da esfera política, que deixam de ir ao cerne da questão humana: o próprio coração.

Nos grupos de “pobres, cativos, cegos e oprimidos” em uma medida ou outra, toda a humanidade se encontra, logo se justifica nossa missão de liberdade e amor neste mundo. Em suma, em um mundo onde as pessoas amam o poder, a igreja de Jesus é chamada para exercer o poder de amar.

**Referências**

COSTA, Antônio Carlos. Teologia da Trincheira: reflexões e provocações sobre o indivíduo, a sociedade e o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2017,188 p.

De Almeida, João Ferreira. trad., **Nova Almeida Atualizada**. Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017)

FOSTER, Richard. **Celebração da Simplicidade.** Campinas: United Press, 1999, 221 p.

GOUVEIA DE OLIVEIRA, Flávio. **O Evangelho em Carne e Osso: Uma exposição do evangelho de Lucas para pessoas de corpo e alma.** Edição do Kindle.

HALE, Broadus David. **Introdução ao Novo Testamento.** JUERP: Rio de Janeiro, 1993, 332 p.

LEWIS, C.S. **Cristianismo Puro e Simples.** São Paulo: Martins Fontes, 2017, 300 p.

MORRIS, Leon L. **Lucas: introdução e comentário.** São Paulo: Mundo Novo e Vida Nova, 1990, 330 p.

Strong, James. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong.** Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

WRIGHT, N.T. **Simplesmente Jesus.** São Paulo: Thomas Nelson, 2020, 299 p.

CROUCH, Andy. **Três fatores cruciais para uma real recuperação da pandemia.** Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2021/june-web-only/tres-fatores-cruciais-para-real-recuperacao-da-pandemia-pt.html> Acesso em: 12 de maio de 2022.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# O COACHING COMO METODOLOGIA DE APOIO NA ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS NA VIDA MISSIONÁRIA

**Teresa Cristina Belchior dos Santos**

Mestre em Teologia pelo Centro Evangélico de Missões (C.E.M.) em Viçosa, graduada em Serviço Social pela Universidade Castelo Branco, RJ. Graduada em conhecimentos gerais com ênfase Bíblica e Missões, pelo seminário Toccoa Falls College. Pós graduada em Elaboração de Projetos e Administração de organizações do terceiro Setor pelo Instituto de Economia da UFRJ. Graduada em Coaching Missionário pelo pelo Coaching Mission International, nos Estados Unidos. Formada em Liderança Avançada, pelo Instituto Haggai em Singapura. Serve como missionária há 34 anos e no último ano serve na SEPAL Brasil, juntamente com seu esposo Marc Pinneo, atuando no treinamento, desenvolvimento e cuidado missionário.

# O COACHING COMO METODOLOGIA DE APOIO NA ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS NA VIDA MISSIONÁRIA

**Resumo**
Apesar do grande empenho do Movimento Missionário Brasileiro na questão do cuidado, desde o período de capacitação/treinamento, durante toda a jornada missionária até o retorno e período de aposentadoria, o estresse e danos causados por situações de conflito continuam sendo um desafio a ser pesquisado. Diante dessa realidade, este artigo tem por objetivo apresentar a metodologia Coaching, como mais uma abordagem de apoio na administração de conflitos na Vida Missionária. Por meio de uma pesquisa exploratória sobre o tema do conflito e Coaching, sobre seus impactos e soluções junto a organizações missionárias e seus missionários, verificou-se que, apesar do muito que já vem sendo feito, conflito é algo inerente e sempre estará presente nas relações humanas e, consequentemente, na Vida Missionária. Além de se apresentarem conceitos sobre a metodologia Coaching, apontam-se, também, similaridades e convergências com princípios bíblicos. A análise dos dados demonstra que, quando usada em uma abordagem bíblica cristã, centrada em Cristo e orientada pelo Espírito Santo, a metodologia pode beneficiar tanto os missionários quanto as agências, sendo mais uma oportunidade de desenvolvimento e crescimento. Diante dos resultados, considera-se viável a realização de novas pesquisas que atualizem dados e sigam confirmando a importância do Coaching aplicado a diversas situações de conflitos na Vida Missionária. Além de se apresentarem conceitos sobre a metodologia Coaching, apontam-se, também, similaridades e convergências com princípios bíblicos.

**Palavras-Chave:** Conflitos. Missionários. Metodologia Coaching. Cuidado. Organizações Missionárias.

**Abstract**
Despite the great effort of the Brazilian Missionary Movement in the issue of member care, from the qualification/training period, throughout the missionary journey until the time for return and retirement, the stress and damage caused by conflict situations in Missionary Life continue to be a challenge to be researched. Considering this reality, this article aims to present the Coaching Methodology, as another support approach in conflict management in Missionary Life. Through exploratory research on the topic of conflict and Coaching, and its impact and solutions within mission organizations and its missionaries, it was confirmed that in spite of much that has been done, conflict is part of human life and will always be present in human relationships and, consequently, in Missionary Life. Beyond the definitions of the Coaching Methodology, similarities with Biblical principles have been presented. Analysis of the data reveals that when the method is used in a Christian biblical context, centered in Christ, and guided by the Holy Spirit, the methodology can benefit both missionaries and mission agencies giving them an opportunity for development and growth through conflict. In view of these results, it is considered feasible to carry out further research to update the data presented here and to confirm the importance of Coaching applied to various situations of conflict in Missionary Life.

**Keywords:** Conflicts. Missionaries. Coaching Methodology. Member Care. Mission Organizations.

## Introdução

Em um contexto mundial de significativas e constantes mudanças, no qual já se vivenciavam os desafios da globalização, pluralismo e avanços tecnológicos, e surpreendido, recentemente, pela pandemia da Covid-19, profissionais das ciências humanas, gestão de pessoas, assim como do cuidado e desenvolvimento missionário vêm sendo desafiados a buscarem por novas estratégias e métodos de apoio à administração de conflitos.

Sendo o conflito inerente e sempre presente nas relações humanas, ele é "inevitável e sempre evidente. Entretanto, compreendê-lo, e saber lidar com ele, é fundamental para o seu sucesso pessoal e profissional"[1].

Diante desta realidade, este artigo tem por objetivo apresentar a metodologia Coaching, como mais uma abordagem de apoio na administração de conflitos na Vida Missionária.

Por meio de uma pesquisa exploratória sobre as causas e situações de conflitos junto a 19 organizações missionárias e 101 de seus missionários, complementada por uma pesquisa bibliográfica sobre os temas de conflito e Coaching, evidenciou-se que apesar do grande esforço para a implementação de métodos e diretrizes que deem suporte a seus missionários, o problema do conflito interpessoal e intrapessoal é uma realidade e continua sendo um desafio.

Além da reflexão sobre o que é e o que não é Coaching, similaridades e convergências de alguns princípios da metodologia com princípios bíblicos, a análise de dois dos principais problemas identificados na pesquisa demonstra como a metodologia pode beneficiar tanto os missionários quanto as agências.

[1] BERG, Ernest Arthur. **Administração de conflitos: abordagens práticas para o dia a dia.** Curitiba: Juruá, 2012, p. 18.

Quando usada em uma abordagem bíblica cristã, centrada em Cristo e orientada pelo Espírito Santo, a metodologia pode beneficiar os missionários de forma individual ou em equipe, na prevenção ou intervenção, durante toda sua jornada missionária, os ajudando a administrarem situações de conflito de forma positiva, como mais uma oportunidade de desenvolvimento e crescimento.

Diante dos resultados, considera-se viável a realização de novas pesquisas que atualizem dados e sigam confirmando a importância do Coaching aplicado a diversas situações de conflitos na Vida Missionária.

**Conflitos na Vida Missionária**

A origem da palavra conflito vem do latim *conflictus*, e significa o choque entre duas pessoas, coisas ou mesmo grupos[2]. Também pode ser definido, na psicologia, como a "Condição mental de quem apresenta hesitação ou insegurança entre opções excludentes; estado de quem expressa sentimentos de essência oposta"[3].

Ao longo da história, conflito passou a ser visto como algo natural e necessário, tendo em vista que pode alavancar mudanças e gerar inovação. Contudo, muitos conflitos são desnecessários e podem destruir valores, causando danos para as organizações e quem nelas trabalham[4].

Na vida missionária não é diferente, considerando-se que ela é cheia dos desafios de uma vida em comunidade, trabalho em equipes, vivência em grupos diversos, choque cultural, transições diversas e relacionamentos com as organizações que enviam, igrejas locais e muitas outras situações.

[2] BERG, 2012.
[3] CONFLITO. **In: Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Objetiva, 2009, p. 520.
[4] BURBRIDGE, R. Marc; BURBRIDGE, Anna. **Gestão de Conflitos: desafios do mundo corporativo.** São Paulo: Saraiva, 2012.

O sucesso ou o fracasso, na vida missionária, podem estar relacionados à qualidade de vida interior, ou seja, à capacidade de o indivíduo fazer uma leitura honesta do seu interior e cultivar uma interioridade sadia; o desafio não é apenas iniciar bem a carreira missionária, mas chegar bem e de forma saudável ao final dela[5].

Ainda que se apregoem muitas estratégias para administrar conflitos, não existe a forma certa ou errada; o melhor método deve ser aquele que responde melhor à determinada situação e às pessoas envolvidas, sendo necessário, entretanto, que os líderes estudem bem a situação e estejam preparados e instrumentalizados para definir bem o perfil de seus colaboradores e lidar com a diversidade dos conflitos[6].

Com base na análise da discussão teórica e nos resultados da pesquisa, possibilidades e benefícios da aplicação da metodologia o Coaching é apresentado como uma abordagem que pode ser somada a outras que já são utilizadas, no contexto missionário brasileiro, para administração de conflitos na vida missionária, com o objetivo de se gerarem desenvolvimento e crescimento.

**O que é *Coaching*?**

Em busca de respostas e soluções para os conflitos enfrentados por seus alunos de tênis, o instrutor Timothy Gallwey[7] percebeu que o "jogo da mente", no qual obstáculos maiores, como o medo, nervosismo, autocondenação, insegurança e ausência de confiança em si mesmo, precisavam ser vencidos. A partir dessa experiência ele lançou um livro cujo conteúdo passou a ser aplicado no desenvolvimento humano.

[5] GARCIA, Márcio. **Conflitos na tarefa missionária.** In: MEER, Antônia Leonora; SOUZA, João Marcos Cardoso; TOSTES, Márcia. (Orgs.). Perspectivas do Cuidado Missionário: Contribuições a Partir do Brasil. João Pessoa, PB: Betel Publicações, 2011. p.89-102.
[6] BERG, 2012.
[7] GALLWEY, W. Timothy. **O jogo interior do tênis [livro eletrônico]: O guia clássico para o lado mental da excelência no desempenho.** Tradução Alexandre Sanches Gamacho. São Paulo: Sportbook, 2019.

Na década de 80, o *Coaching* cresceu como disciplina, profissão e se propagou pelo mundo, dando surgimento a diferentes definições e abordagens.

"*Coaching* é o desbloqueio do potencial de um indivíduo de forma a maximizar seu desempenho. É ajudar o outro a aprender ao invés de ensiná-lo"[8]. Coaching é definido, ainda, como "a arte e a prática de guiar a pessoa ou grupo de onde eles estão em direção a maior competência e realização que eles desejam"[9].

Apesar das diferenças que se percebem nas diversas definições, observa-se, entretanto, que todas têm em comum a essência do *Coaching*, que está no desenvolvimento da consciência e no estímulo à responsabilidade. Resume-se, em verdade, na clarificação dos objetivos, no desenvolvimento de um plano de trabalho, encorajamento e orientações para a pessoa assumir a responsabilidade da ação, sendo conduzida do ESTADO ATUAL ao ESTADO DESEJADO[10].

Com o passar do tempo, a contribuição advinda de diferentes áreas das ciências humanas ampliou a abordagem tradicional, orientada para metas e soluções, dando origem a muitas outras abordagens. A abordagem cristã é apresentada como aquela que procura manter o foco na essência de quem todo o cristão é, em Deus, sobre o chamado de cada um para servir e ser cooperador na missão de dele, e, desse modo, ser capaz de lidar melhor com os conflitos da vida diária[11].

Muitas ferramentas e técnicas podem ser contextualizadas e os princípios do *Coaching* podem ser aplicados com foco na centralidade em Cristo, ajudando pessoas a descobrirem a visão de Deus para suas vidas e a aprenderem a viver de acordo com suas histórias de vidas[12].

[8] WHITMORE, Sir John. **Coaching for Performance: The principles and practice of high-performance leadership.** 5th edition. London: Nicholas Brealey, 2017, p. 8.
[9] COLLINS, R. Gary. **Christian Coaching: Helping Others Turn Potential into Reality.** 2nd. Revised and Updated ed., Kindle Edition. Navipress: 2009, p. 14 (tradução nossa).
[10] COLLINS, 2009.
[11] STOLTZFUS, Tony. Christian Life Coaching Handbook: Calling and Destiny Discovery Tools for Christian Life Coaching. Virginia Beach: VA. Coach22, 2009.
[12] COLLINS, 2009.

**O que não é *Coaching*?**

Além da importância de se compreender o que seja *Coaching*, também é importante esclarecer sobre o que essa metodologia não é, uma vez que se percebe alguma confusão referente a ela. O método não pretende, por exemplo, substituir ou fazer o papel de qualquer outra abordagem de ajuda, ao contrário, reconhece a importância e os benefícios de cada uma.

Mentoria *versus Coaching* - A diferença entre esses processos está no fato de que "o mentor é um indivíduo com maior vivência que transfere o que Deus lhe deu (sabedoria, oportunidades e conselho) a uma pessoa mais inexperiente"; no *Coaching*, a pessoa é impulsionada a extrair os ensinamentos a partir das habilidades, recursos e experiências que Deus colocou nela[13].

Discipulado *versus Coaching* – No discipulado, instruções e orientações são dadas visando ao crescimento e à maturidade cristã, sem um tempo determinado para ser concluído. Já no *Coaching* o processo é realizado durante um período acordado, focado em perguntas, reflexão e decisão da própria pessoa[14].

Psicoterapia *versus Coaching* - Independentemente da linha filosófica e da técnica utilizada pelas diferentes escolas, a psicoterapia tem o objetivo principal de reparar ou encontrar a cura para disfunções emocionais e mentais, enquanto o *Coaching* visa à melhoria do desempenho e da experiência de vida[15].

Aconselhamento *versus Coaching* - No aconselhamento a ênfase está na causa do problema, o passado é mais considerado, visando trazer cura e estabilidade. Já no *Coaching*, o enfoque está no presente e no futuro; por meio de perguntas a pessoa é conduzida a descobrir suas próprias respostas e soluções[16].

[13] STOLTZFUS, Tony. **Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão.** São Paulo: Coach Platform, 2015.
[14] COLLINS, 2009.
[15] OLIVEIRA-SILVA et al., 2018.
[16] COLLINS, 2009.

Consultoria *versus Coaching* – Em uma consultoria, os consultores são pagos para analisar situações e dar orientação e aconselhamento especializados. O *Coaching* é bem mais focado no indivíduo ou grupo, buscando estimulá-los a fazerem seus próprios julgamentos e decisões[17].

Treinamento *versus Coaching* - O treinamento é um processo de transferência de um conhecimento específico; é mais rígido e segue uma agenda pré-determinada pelo treinador. Já no *Coaching* o cliente é quem monta a agenda e estabelece as metas que quer alcançar[18].

**Princípios do Coaching e fé Cristã - Convergências e Similaridades**

Apesar da projeção que a metodologia *Coaching* já alcançou, para a comunidade Cristã ela ainda constitui uma novidade, na medida em que muitos cristãos ainda têm reservas em relação ao método, o que decorre dos muitos desvios e abordagens humanistas e seculares que interferiram na metodologia, pois atribuíram, ao homem, poder para a sua própria transformação[19]. Contudo, na abordagem cristã, crenças, valores e comportamentos têm sua base na cosmovisão bíblica cristã de que o poder de transformação não está no homem, mas sim no Espírito Santo, que conduz o processo centrado em Cristo.

Muitos princípios do *Coaching* caminham de acordo com os preceitos bíblicos e em harmonia com a prática missiológica. São as mesmas atitudes que todo comunicador do evangelho deve desenvolver, usando seus dons, talentos e habilidades por meio do reencontro com a prática dialógica, em que o outro é respeitado, ouvido e valorizado como sujeito e agente do seu próprio desenvolvimento e transformação. Nessa dinâmica, esse sujeito/agente pode contribuir com ideias e decisões, em um relacionamento de igualdade no qual ambas as partes aprendem, crescem e são empoderadas.[20]

[17] COLLINS, 2009.
[18] OLIVEIRA-SILVA et al., 2018.
[19] COLLINS, 2009.
[20] NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro.** Viçosa: Ultimato, 2015.

Um dos grandes diferenciais da metodologia *Coaching* está na prática de fazer perguntas que levam a pessoa a refletir em situações, explorar possibilidades, até que decida e planeje, por si mesma, as ações necessárias que conduzirão ao resultado esperado. Jesus usou a arte de fazer perguntas para estimular a reflexão, durante seus ensinamentos. Em Lucas 18.4, o Mestre perguntou ao homem cego: "O que queres que eu faça?". A pergunta gerou no cego a responsabilidade pela sua própria cura[21]. Outros princípios que devem ser considerados são estes[22]:

- Ser *versus* Fazer - O maior desafio durante todo o processo do *Coaching*, alinhado com a fé cristã, é conduzir o mesmo com o foco em quem a pessoa É EM CRISTO, e não naquilo que ela pode FAZER POR CRISTO ou pelo próximo.
- Crença no potencial das pessoas – É importante ver o outro como Deus vê, e como Jesus respeitou e valorizou a personalidade e potencial de cada discípulo, além de respeitar as diferenças e estimulá-los ao desenvolvimento.
- Parceria relacional - As pessoas esperam ser ouvidas e acolhidas por um coração que deve refletir o coração do Pai, que as entende e conhece sua dificuldade em mudar, como a Bíblia Sagrada registra, na carta aos Efésios 2. 4-5.
- Apoio para mudança - A proposta é ser um instrumento usado nas mãos de Deus para conduzir a pessoa a uma mudança que, sozinha, ela teria dificuldade para alcançar, e leva-la a reconhecer o agir de Deus em todo o processo, conforme sugere o texto de João 5.19: "Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai."
- Dirigido pelo cliente - Um bom *coach* não assume responsabilidades pelo outro, mas permite que a pessoa elabore sua própria agenda, objetivos e ações, com vistas ao crescimento dela, com base, por exemplo, em Hebreus 5.14, que diz: "... o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal".

[21] COLLINS, 2009, p. 107.
[22] STOLTZFUS, 2015.

- Ouvir na essência - Ouvir na essência é ouvir com o coração, aceitando e valorizando o outro, gerando confiança de que a pessoa está sendo compreendida, à semelhança do que Jesus expressou em sua oração: "... Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves ..." (João 11. 41-42).
- Foco no Futuro - O foco está em refletir e planejar o futuro; não está no passado, embora algumas vezes, para seguir em frente, seja necessário ressignificar situações passadas, como escreve Paulo, em Filipenses 3.13-14: "[...] mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim..."
- Ausência de julgamento – É importante não fazer julgamentos, estabelecendo uma relação de aceitação e confiança sem reservas, demonstrando um amor ágape, independentemente de quem seja o cliente e do que seja falado, conforme a Bíblia nos orienta em Lucas 6.35-38.
- Orientado para a Ação - Durante o processo, é importante não apenas estabelecer metas, mas elaborar um bom plano de ação e colocá-lo em prática, vencendo os obstáculos e avançando nas ações que foram traçadas, como nos inspira o grande líder Neemias.
- Orientado para Resultado/Sucesso - No Reino de Deus, sucesso é mordomia: alcançar o máximo daquilo que cada um tem recebido, celebrando todos os pequenos avanços. Deus tem um padrão simples de sucesso: ser o tipo de pessoa certa, mais do que fazer tudo certo.

**Aplicação e benefícios da Metodologia Coaching na administração de conflitos pessoais e com equipe de missionários**

Tendo em vista o objetivo deste artigo, consideram-se, aqui, as possibilidades de aplicação da metodologia *Coaching* e os benefícios que pode trazer, em relação, tanto à intervenção quanto à prevenção de conflitos pessoais, e aos conflitos em geral com a equipe de missionários.

A metodologia pode ser aplicada em caráter interventivo ou preventivo, não como um processo milagroso por meio do qual problemas individuais e coletivos são resolvidos em apenas dez sessões, mas como um processo de desenvolvimento e mudança, centrado em Cristo e na ação do Espírito Santo, a partir da automotivação, autoconhecimento e responsabilidade de cada um.

Na pesquisa que foi desenvolvida sobre o tema reconheceu-se uma ferramenta muito usada pelas organizações - os diferentes testes de perfil e personalidade, que ajudam a identificar pontos fortes, os que precisam ser melhorados e muitas outras áreas pessoais. Esses resultados podem ser aproveitados em um processo de *Coaching* de Vida ou de Equipe, ajudando na identificação de possíveis situações de conflitos intrapessoal, interpessoal e até mesmo organizacional.

É dentro desse contexto de autoconhecimento, autoavaliação, em busca de se identificar o Estado Atual, que outras técnicas e ferramentas da metodologia *Coaching* poderão complementar e contribuir para o desdobramento de ações práticas, por meio das quais pontos fortes serão fortalecidos e desenvolvidos, pontos de melhoria serão trabalhados de forma a prevenirem ou ajudarem na solução de conflitos, e remanejamentos de funções poderão ocorrer de forma mais estratégica. Através de um planejamento viável e flexível, indivíduos e equipes conseguirão alcançar o Estado Desejado e, desse modo, administrar os conflitos de forma a transformá-los em oportunidades para alcançarem o propósito de Deus para suas vidas, aprendendo e crescendo com eles.

**Considerações finais**

As constantes mudanças no contexto mundial, principalmente os prejuízos advindos da pandemia da Covid-19, tem desafiado a sociedade, assim como o movimento missionário brasileiro, a rever estratégias e metodologias que possam continuar ajudando nas diversas situações de conflito.

Evidenciou-se, por meio do estudo empreendido, que conflito é algo inerente ao ser humano e, como tal, faz-se presente na vida missionária, razão por que é necessário que se identifiquem os fatores que o provocam, trazendo-os à luz e motivando mudanças.

Com seu conjunto de técnicas e ferramentas, aplicadas numa abordagem bíblica cristã e centrada em Cristo, a metodologia *Coaching* é apresentada como uma possibilidade que pode beneficiar os missionários de forma individual ou em equipe, seja na prevenção ou na intervenção de situações de conflito. A metodologia amplia o espaço para reflexões em relação ao autoconhecimento, ao fortalecimento da identidade, ao SER, à clareza da missão, ao desenvolvimento de habilidades e competências, à quebra de crenças limitantes, além de auxiliar na elaboração de um plano de ações práticas para lidar de forma positiva com a situação de conflito.

As partes envolvidas poderão receber orientações de como tomar suas próprias decisões de forma criativa e assertiva, otimizando suas energias e transformando os conflitos em mais um meio de desenvolvimento e crescimento. Estratégias e um plano de ação poderão ser traçados em direção ao cumprimento das metas individuais ou de grupo, com resultados surpreendentes, alinhados com o propósito de Deus para cada um, no exercício da sua vocação, no cumprimento da Grande Comissão.

Deixa-se, aqui, o desafio, para o movimento missionário brasileiro, em continuar a desenvolver pesquisas e estudos que considerem a metodologia como mais uma possibilidade para acompanhamento do missionário, desde a formação até a aposentadoria, e como mais uma abordagem de ajuda em situações de conflitos, que, certamente, poderão gerar resultados positivos, crescimento e desenvolvimento tanto para o missionário quanto para a organização.

**Referências**

BERG, Ernest Arthur. **Administração de conflitos: abordagens práticas para o dia a dia.** Curitiba: Juruá, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia *Online***. Almeida Revista e Corrigida, Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo: 2009. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/arc/gl/2>. Acesso em: 29 set. 2019

BURBRIDGE, R. Marc; BURBRIDGE, Anna. **Gestão de Conflitos: desafios do mundo corporativo.** São Paulo: Saraiva, 2012.

COLLINS, R. Gary. **Christian Coaching: Helping Others Turn Potential into Reality.** 2nd Revised and Updated ed., Kindle Edition. Navipress: 2009.

CONFLITO. **In: Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. Objetiva, 2009.

GALLWEY, W. Timothy. **O jogo interior do tênis [livro eletrônico]: O guia clássico para o lado mental da excelência no desempenho.** Tradução Alexandre Sanches Gamacho. São Paulo: Sportbook, 2019.

GARCIA, Márcio. **Conflitos na tarefa missionária.** In: Antônia Leonora van der Meer, João Marcos Cardoso de Souza e Márcia Tostes (orgs.). Perspectivas do Cuidado Missionário: Contribuições a Partir do Brasil. João Pessoa, PB: Betel Publicações, 2011. p.89-102.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro.** Viçosa: Ultimato, 2015.

OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina et al. **Desvendando o Coaching: uma Revisão sob a Ótica da Psicologia.** Psicol. cienc. prof. [online]. 2018, vol. 38, n. 2, p.363-377. ISSN 1982-3703. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000942017>. Acesso em: 7 jan. 2021

STOLTZFUS, Tony. **Coaching de liderança: as disciplinas, habilidades e coração do coach cristão.** São Paulo: Coach Platform, 2015.

STOLTZFUS, Tony. **Christian Life Coaching Handbook: Calling and Destiny Discovery Tools for Christian Life Coaching.** Virginia Beach: VA. Coach22, 2009.

WHITMORE, Sir John. **Coaching for Performance: The principles and practice of high-performance leadership.** 5th edition. London: Nicholas Brealey, 2017.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# O DESAFIO DA PRÁTICA VOCACIONAL NO CAMPO MISSIONÁRIO: UM ENSAIO ACADÊMICO SOBRE SAÚDE E MISSÕES

**Mario Angelo Cenedesi Júnior**

Doutorando direto em Saúde Pública pela *Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales* de Buenos Aires, Argentina. MBA em Gestão em Saúde pela Universidade de São Paulo, MBA em História da Arte pela Universidade Estácio e pós-graduado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Universidade Estácio. Médico formado pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto-SP. Graduação-sanduíche pela *Facultad de Medicina y Ciencias de la Salud de la Universidad de Alcalá*, Alcalá de Henares-Madrid, Espanha. Médico-voluntário da Junta de Missões Mundiais.

**Aline de Almeida Braga Ribeiro**

Mestre em Teologia pelas Faculdades Batistas do Paraná, especialista em Espiritualidade e Saúde/Cuidados Paliativos, pós-graduada em Aconselhamento Pastoral e Capelania e bacharel em Teologia. Consultora em Organização Profissional e Qualidade de Vida. Gestora Estratégica na área de Saúde e Apoio Emocional da Junta de Missões Mundiais.

# O DESAFIO DA PRÁTICA VOCACIONAL NO CAMPO MISSIONÁRIO: UM ENSAIO ACADÊMICO SOBRE SAÚDE E MISSÕES

**Resumo**
A Saúde sempre foi um tema importante de discussão. Desde o traçar de sua definição, deixando de pensar em algo 'completo', mas, sim, 'dinâmico', se faz presente em todas as organizações, inclusive as missionárias. O presente ensaio tece uma discussão importante sobre a necessidade de cuidado à Saúde das populações, bem como cuidar da Saúde dos missionários, de suas famílias e dos demais obreiros. Menciona a necessidade de cuidado em diferentes áreas (como Saúde da Mulher e Saúde Mental), destacando a importância da prevenção à Saúde dos povos acompanhados, como medida de qualidade de vida (pessoal e profissional), bem como qualidade dos trabalhos no próprio campo missionário. Ainda, o preparo do profissional de Saúde, dentro de sua função (como membro de uma equipe multiprofissional) é de suma importância. Por fim, faz-se necessário o entendimento dos sentidos práticos de 'vocação' e 'chamado' como elementos constituintes, básicos e necessários aos profissionais de Saúde que participam da obra missionária, compreendendo o Ide de Jesus, amando Missões e aqueles que precisam ser alcançados.

**Palavras-Chave:** Saúde. Missões. Vocação. Chamado. Campo Missionário.

**Abstract**
Health has always been an important topic of discussion. From the outlining of its definition, ceasing to think of something 'complete', but rather 'dynamic', it is present in all organizations, including missionaries. This essay weaves an important discussion about the need to care for the health of populations, as well as to care for the health of missionaries, their families and other workers. Mentions the need for care in different areas (such as Women's Health and Mental Health), highlighting the importance of prevention to the Health of the peoples being monitored, as a measure of quality of life (personal and professional), as well as the quality of work in the missionary field itself. Also, the preparation of the health professional, within their function (as a member of a multiprofessional team) is of paramount importance. Finally, it is necessary to understand the practical meaningsof 'vocation' and 'call' as constituent, basic and necessary elements for healthprofessionals who participate in missionary work,understanding the Go from Jesus, loving Missions and those who need to be achieved.

**Keywords:** Health. missions. Vocation. Called. Mission Field.

**Introdução**

A Saúde, desde as mais distantes épocas, sempre foi ponto para grandes discussões, descobertas e posicionamentos. Algumas descobertas demoraram anos para serem comprovadas e valorizadas, mas a dinâmica crescente de pesquisa e investimento nunca teve ponto de estagnação.

Organizações relevantes na História e no desenvolvimento do cuidado em Saúde foram de base religiosa. Os templos, os mosteiros, os conventos foram marcos para acolhimento, proteção e lugar de práticas de início científico para pesquisa. Algumas doenças físicas eram tratadas, mas as doenças mentais eram vistas como maldição, possessão e os desmandos enclausuraram muitos em tratamentos sacrificiais para o doente e suas famílias.

Com o passar do tempo, novos focos de pesquisa foram desenvolvidos e tanta a saúde física, como a saúde mental foram ganhando espaço e reconhecimento. Novas abordagens foram sendo descritas, e possibilidades de melhora no acompanhamento de pacientes foram sendo colocados em prática, possibilitando novos campos de trabalho e de pesquisa.

Há um tempo, pensava-se que "ser saudável" era exatamente "não ter doenças", a partir da compreensão de que doenças poderiam ser alterações biológicas do ser humano, manifestadas por um conjunto de sintomas perceptíveis ou não. Ou mais: que ter doença (e, por consequência, não ter Saúde) era considerado "pecado" ou mesmo "culpa por algum erro". No entanto, com o passar do tempo, viu-se que tal ideia não contemplava a realidade dos fatos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS/WHO) define Saúde em 1947 como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. No entanto, acredita- se que essa definição seja arcaica e impossível (afinal, o que seria um estado 'completo' de bem-estar? Isso existe?).

Nesse sentido, Freud, em mais de uma ocasião, procurou evidenciar como a felicidade perfeita de um indivíduo dentro da civilização constitui-se como algo impossível. Para ele, a civilização nasceu quando os homens fizeram um pacto entre si, através do qual trocavam uma parte de sua liberdade por um pouco de segurança.

Dessa forma, a própria organização social e a própria condição de existência do homem em grupos se baseiam em uma renúncia que, embora assegure ao indivíduo certos benefícios, gera uma constante sensação de "desconforto". Não é possível escapar dessa condição, o que significa que entre o indivíduo e a civilização sempre haverá uma certa zona de tensão. O desconforto mencionado pode até ser colocado em um momento anterior à constituição dessa "civilização" mencionada pelo próprio Freud, afinal o homem a construiu exatamente para escapar do desconforto da insegurança em que vivia, fruto de sua exposição a um estado de coisas não exatamente sem lei, mas ditado pela lei do mais apto, a qual continua sendo uma espécie de lei, mesmo como selvagem e injusto. Por esta razão, e nestas condições, certamente não seria possível falar de "bem-estar social perfeito".

Dessa forma, valemo-nos da definição de Saúde mencionada por Cenedesi Júnior (2022), que adaptamos ao nosso contexto: “Saúde é um estado de equilíbrio dinâmico entre o ser vivo e seu entorno (o ambiente), em diferentes contextos e momentos (mas que acabam se somando): saúde física, mental, social, espiritual, dentre outros”. Não há perfeição, mas, sim, equilíbrio entre o ser vivo (no nosso caso, o ser humano) e o meio em que está inserido.

No Brasil, dados de abril de 2022 apontam cerca de 2.876.430 profissionais de Saúde (um número aproximadamente 20% maior do que antes da pandemia de COVID-19). Embora essa cifra pareça expressiva, na prática é pouca e, infelizmente, está mal distribuída pelo território brasileiro (temos bastantes centros saturados de profissionais e os rincões mais distantes com suas populações carentes de atendimento e atenção em Saúde).

Nesse contexto, a 30ª Assembleia Mundial de Saúde, realizada pela OMS em 1977, lançou o movimento 'Saúde Para Todos no Ano 2000' e, como marco inicial, em setembro de 1978 foi organizada pela OMS e UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) a Primeira Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, na cidade de Alma- Ata, na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (atualmente, o Cazaquistão). Assistida por mais de 700 participantes, dessa conferência resultou a elaboração da famigerada Declaração de Alma-Ata, um documento o qual reafirmou o significado de Saúde como um direito humano fundamental, universal e como uma das mais importantes metas mundiais para a melhoria social e, consequentemente, melhoria na qualidade de vida, individual e coletivamente.

O tema dessa primeira conferência era 'Saúde Para Todos no Ano 2000' e, de acordo com a própria Declaração de Alma-Ata, ações no sentido de diminuir a desigualdade social deveriam ser estimuladas e adotadas por todos os países, para que a meta de saúde universal fosse atingida, diminuindo a lacuna existente entre os países em desenvolvimento (ou, na prática, subdesenvolvidos) e os desenvolvidos. Para isso, o investimento em Atenção Primária (ou Básica) seria a chave para a promoção de uma Saúde equânime e ampla, através de medidas de prevenção e Educação em Saúde.

Quando falamos de 'mundo', essas desigualdades tendem a aumentar – encontramos vários povos descobertos de atendimento em Saúde, expostos a doenças e suas consequências. Nesse caminho, várias organizações internacionais têm atuado na promoção e prevenção em Saúde, como os Médicos sem Fronteiras, a *Cooperación Española*, a Assistência Médica Internacional, a própria UNICEF, a *Save the Children*, a Cruz Vermelha Internacional, dentre inúmeras outras. No entanto, embora sejam entidades com profissionais extremamente competentes, VOCACIONADOS e com amor para com sua profissão (e, consequentemente, para com seus pacientes), a vertente CHAMADO e VOCAÇÃO ESPIRITUAL acaba sendo inexistente dentro do contexto, nesse conceito.

Assim, a demanda de profissionais de Saúde VOCACIONADOS e CHAMADOS pelo Senhor é de extrema importância, dentro do 'Ide de Jesus' – profissionais de Saúde são cada vez mais necessários dentro da atuação Missionária.

Mas, o que seriam VOCAÇÃO e CHAMADO?

**Sobre vocação e chamado**

Acredita-se que VOCAÇÃO e CHAMADO sejam a mesma coisa, ou, pelo menos, apresentem algum ponto de intersecção. O vocábulo 'vocação' se origina do verbo latino *vocare* e significa 'chamar ou chamamento', conforme nota-se no seguinte versículo: "Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados". Efésios 4.1.

No entanto, é preciso que se compreendam claramente as definições desses termos, que são distintas, para, em um segundo momento, entendermos o mesmo ponto que as rege.

Vocação

Vocação está relacionada com a essência humana, com o que somos, nossas preferências, gostos, habilidades e talentos. Aquilo que dá prazer a cada um, de forma individual, de modo a levar cada um a fazer suas escolhas, nas esferas acadêmica e profissional, por exemplo. Ainda, pode-se relacionar à área esportiva, artística, comunicativa, social, dentre outras, sem que haja, a priori, relação com a área profissional.

Todavia, há pessoas que não conseguirão perceber, claramente, suas vocações. Para isso, um aliado é o acompanhamento psicológico e terapêutico, o qual auxiliará o indivíduo a perceber e identificar melhor seus gostos e aptidões.

Por fim, deve-se levar em conta que nem sempre a pessoa usará sua vocação para servir ao Senhor, ou mais: a pessoa pode usá-la para o fim que desejar.

Chamado

O chamado, partindo do ponto de vista espiritual, apresenta relação com o que Deus nos convida a realizar em benefício de sua Igreja e das pessoas que Ele próprio deseja alcançar, para Seu Reino. Está relacionado com o tempo, lugar e modo em que faremos o que temos de fazer, obedecendo, assim, à vontade de Deus.

O chamado leva em conta os dons e talentos espirituais dados pelo Deus, mas desenvolvidos pelo indivíduo (inclusive coincidindo com a vocação de cada um) – Deus chama todos os Seus filhos, mas de maneira distinta.

Se a vocação é regida pelas características pessoais estabelecidas e pré-existentes, o chamado é um comissionamento, pelo próprio Espírito Santo, que capacita para a Sua Obra. Ou seja: 'vocação' seria o chamado natural e 'chamado' a vocação espiritual.

Dentro do mundo profissional, muitas são as vocações dos chamados pelo Senhor. Não obstante, pode-se dizer, notadamente, que a área da Saúde tem demonstrado ser necessária em várias esferas do ambiente missionário.

Diferentemente da catequização, que é um doutrinamento e imposição de uma matéria religiosa, entendemos, sob a nossa óptica, que Missões, além de apresentarem o sentido de enviarem pessoas para a propagação do Evangelho a lugares com populações que O desconhecem, também têm a função de colaborar socialmente com o desenvolvimento desse mesmo povo (que, também, perceberá o Amor de Deus, através desse cuidado).

Nesse ínterim, Educação, Assistência Social, Esportes e, sobretudo, Saúde são temáticas indispensáveis e urgentes.

Dessa forma, faz-se totalmente necessária a presença de chamados pelo Senhor e vocacionados em Saúde para participarem do movimento missionário, como apoio técnico à Obra. “Cada um exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas.” 1 Pedro 4.10.

Dentro desse contexto, podemos dividir a atuação dos VOCACIONADOS em Saúde em 02 frentes: o atendimento às populações do Campo Missionário, em si, e o acompanhamento da Saúde dos vocacionados, missionários e demais obreiros.

**A saúde no campo missionário**

O acompanhamento em Saúde das populações do campo missionário

As populações, no Campo Missionário, apresentam as mais variadas necessidades em Saúde. Desde uma consulta de prevenção à Saúde, como o ensino de técnicas básicas de higienização de mãos (mas que, como sabemos melhor do que nunca, podem ajudar a conter o avanço de doenças de proporções catastróficas e pandêmicas, como a COVID-19), até o acompanhamento em Saúde Mental (como subpopulações de refugiados e exilados de guerra), passando por atendimentos clínicos e cirúrgicos, além de atendimento em especialidades (Saúde da Mulher, do Idoso, Pediatria, dentre outros tantos). Um ponto importante a ser destacado é a necessidade de se acabar com a cultura centrada na figura do médico, ou seja, cada vez mais se faz necessária a presença de outras áreas da Saúde, como enfermeiros, terapeutas ocupacionais, psicólogos, farmacêuticos, fonoaudiólogos, biomédicos, nutricionistas e outras especialidades que compõem a tão importante e fundamental 'equipe multiprofissional'.

O missionário profissional de Saúde (termo que descreve bem VOCAÇÃO e CHAMADO) pode ficar um tempo específico no campo (p. ex. 06 meses, 01 ano, como voluntário, ou ficar de forma permanente, como contratado pela organização missionária), prestando atendimentos na região escolhida, como pode participar de ações humanitárias missionárias específicas (como o atendimento emergencial prestado por missionários profissionais em Saúde voluntários da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira (JMM) na região de Beira, na província de Sofala, em Moçambique, por 10 dias em abril de 2019, após a passagem do ciclone Idai). Ainda, no seu período no campo, pode participar de treinamentos de sua especialidade, orientando e atualizando os profissionais autóctones.

Consideramos essa uma excelente maneira de um profissional de Saúde aplicar o 'Ide de Jesus', servindo à sua Igreja e à comunidade com sua capacidade profissional, promovendo qualidade de vida aos seus pacientes, mas, sobretudo, com sua vida de temor a Deus e amor pelas almas – aqui, um importante ponto a ser destacado é que, antes de buscarmos ser exímios profissionais de Saúde, nosso objetivo principal deve ser o já mencionado 'Ide de Jesus', ou seja: que Cristo seja visto em mim, por mim e através de mim, e que eu esteja preparado para exercer meu papel de propagador do Evangelho, servindo ao Deus de Missões.

O acompanhamento da Saúde dos Missionários

Muitos são os desafios na vida de um missionário de carreira. A saudade da família do pequeno grupo e do grande grupo familiar (que, na maioria das vezes, está longe), o dia a dia ministerial, a luta espiritual enfrentada no campo missionário e, é claro, sua Saúde.

De acordo com o Centro Global de Estudos sobre Cristianismo, havia cerca de 440 mil missionários cristãos atuando pelo mundo, em 2018. Esse número inclui católicos, protestantes, cristãos ortodoxos e grupos americanos como os Testemunhas de Jeová e os mórmons. A JMM apresenta 1860 missionários em 79 países, de acordo com o Relatório Anual de Atividades 2021.

Ou seja, são 440 mil pessoas que precisam ser assistidas na esfera da Saúde e, embora muitas vezes apresentem acompanhamento de sua Saúde no país de destino (ou seja, o campo missionário), cremos ser importante algum monitoramento por algum profissional de Saúde de seu país de origem (devido à mesma cultura e, sobretudo, em casos de emergência, poder ser detectado alguma necessidade que fará com que o missionário possa ser levado de volta a seu país de origem – lembrando que em nem todos os países os estrangeiros podem ser atendidos pelo Sistema Público de Saúde, fato que faz com o que o Brasil (embora com certas dificuldades na prática, em muitos lugares, sobretudo por falta de uma gestão adequada e excesso de corrupção) seja destaque com seu Sistema Único de Saúde universal.

Quanto aos tipos de atendimento aos missionários, as queixas e problemas são vários, mas gostaríamos de destacar a necessidade crescente de acompanhamento em Saúde Mental. Morilha (2019) mostra que 35,5% de missionários de diversas denominações apresentam transtorno de ansiedade e 22,3% apresentam transtorno depressivo. E, de acordo com a OMS, esses números tendem a aumentar após a pandemia, chegando a 50% das pessoas com algum transtorno em Saúde Mental, e isso não está relacionado com ação demoníaca, pecado, falta de fé, preguiça ou mesmo outro termo pejorativo e errôneo, mas, sim, precisa-se entender, de vez, que tais transtornos também são doenças, assim como hipertensão arterial sistêmica e *diabetes mellitus*, precisando de atenção, atendimento, e acompanhamento multiprofissional.

De igual forma temos os cuidados à Saúde da Mulher, tendo em vista a grande proporção de mulheres presentes no campo. Exames e consultas de rotina e rastreio (como mamografia, ultrassom de mamas (quando detectadas anormalidades na mamografia, p.ex), exame preventivo de colo de útero (conhecido com o epônimo 'Papanicolau'), orientações específicas e prevenção de outras doenças são extremamente importantes e bem-vindas, a esse contexto.

De igual maneira, é de suma importância que a família dos missionários seja acompanhada. Em grande parte das vezes, os missionários vão para o campo junto de seus cônjuges (que, geralmente, também são missionários) e têm filhos pequenos, em idade escolar.

Por vezes, a adaptação desses filhos pode ser até mais difícil do que a do próprio missionário (além da nova cultura (novo país, ambiente, clima, língua, alimentação), existe a adaptação escolar, a nova igreja, e acabam deixando para trás seus amigos, avós e outros de sua rede psicossocial), sendo importante o acompanhamento psicológico, nutricional e atenção aos primeiros sintomas possíveis de diversas patologias (orgânicas e/ou psicológicas) – no entanto, ainda julgamos que a prevenção à Saúde seja primordial, não esperando que adoeçam para, assim, iniciarem algum tratamento específico, mas, sim, que sejam acompanhados e orientados constantemente, conforme reza a Atenção Básica à Saúde ('Básica' no sentido de 'base').

O acompanhamento da Saúde dos missionários se faz necessário quanto ao fato do cuidado integral para com esse missionário (acompanhamento na esfera 'biopsicossocioespirtual'), a fim de que seu tempo de permanência no campo seja proveitoso e frutífero, além de ser estendido em permanência e qualidade – missionários saudáveis muito provavelmente terão ministérios saudáveis.

Faz-se necessário lembrar que todo o cuidado se inicia com uma boa anamnese na consulta, com tópicos específicos para a vida missionária, aplicada dentro de uma escuta atenciosa e acolhedora, estimulando o autoconhecimento e a prevenção.

Falando sobre prevenção, não podemos deixar de citar a necessidade de aumentarmos o acompanhamento multidisciplinar em prevenção de doenças e outras situações, no campo missionário.

Em um ambiente diferente com o qual estamos acostumados a lidar, a prevenção será (mais ainda) primordial. Isso envolverá, a largo prazo, economia em Saúde – p. ex., é preferível evitar-se a hipercolesteromia (com re-educação alimentar e mudança no estilo de vida) a aguardar que ela surja e, depois disso, introduzir medicações que, por vezes, não serão encontradas no campo; ainda, esse profissional já adoecido poderá demandar um acompanhamento profissional não disponível na região (mesmo com a ajuda de voluntários) e sua condição física, por fim, também pode influir no desenvolver dos projetos missionários.

Preparo do Profissional de Saúde

Importante destacar a necessidade de o profissional de Saúde se preparar para sua ida ao campo missionário (ou mesmo para prestar algum atendimento remoto a algum missionário). Conhecer a cultura do destino, as doenças específicas e mais prevalentes da região, sua sazonalidade e as possibilidades de tratamento no destino (afinal, não é em toda região que se consegue um frasco de Dipirona, com facilidade – que dirá outros tratamentos) são imprescindíveis. Ainda, fazem-se necessárias constantes atualizações sobre sua área de atuação e a necessidade de adequação quanto à sua carteira vacinal (ou mesmo o uso de medicações profiláticas, como para malária, doença endêmica em regiões específicas da África, p. ex.), evitando, assim, problemas em sua própria Saúde.

A comunicação a ser empregada no campo também é de suma importância, e o profissional precisa saber o idioma da região para qual irá, ou ter intérpretes para se fazer compreendido e, acima de tudo, poder ouvir, entender e acolher a população e suas necessidades.

Capacidade de trabalho em equipe é outro ponto a ser mencionado, pois, muitas vezes, o profissional em questão estará junto de outros (por vezes, até profissionais de Saúde autóctones), com decisões a serem tomadas em conjunto.

Por vezes, esse profissional e a organização podem fazer parcerias com outras organizações (religiosas ou não), e o trabalho em equipe, mais uma vez, será necessário e válido. Ainda, submissão, respeito à Liderança(local e da própria organização) e compreensão sobre hierarquia são consideráveis e esperados.

Por fim, e o mais importante: estar no centro da vontade de Deus e lembrar que, antes de ser um profissional de Saúde, está desempenhando esse papel por CHAMADO do próprio Deus com o objetivo de abençoar vidas e, assim, levar a mensagem da Salvação a aqueles que não a conhecem.

“Então ouvi a voz do Senhor, conclamando: "Quem enviarei? Quem irá por nós?" E eu respondi: Eis-me aqui. Envia-me!” Isaías 6.8.

**Considerações finais**

A área da Saúde tem ampliado muito sua atuação, na prática, de forma global, ampla, acolhedora, universal e multidisciplinar, nos últimos anos. E, dentro dessa temática, sua presença dentro das organizações missionárias tem sido, consideravelmente, necessária, a partir de uma visão mais completa. Nunca o texto de Mateus 25 foi tão real e necessário. Alimentem os que têm fome! Vistam os desnudos! Levem Saúde aos enfermos! Essa sim é a verdadeira chama missionária: amor e cuidado, como se fizéssemos ao próprio Jesus e, ao mesmo tempo, fazendo em Seu nome.

Que tenhamos mais profissionais de Saúde extremamente vocacionados, preparados e que respondam ao Chamado do Senhor. Que tenhamos organizações missionárias que entendam a necessidade real de terem profissionais de Saúde especialistas e capacitados colaborando com a Obra Missionária. O campo missionário precisa de profissionais dispostos a servirem ao povo e aos próprios missionários.

Precisamos cuidar dos que necessitam. Precisamos acompanhar, de forma antecipada, os que poderão adoecer. Precisamos cuidar de suas famílias. E que o Senhor Deus nos abençoe e nos guarde em nossa missão!

"Tudo, oh Cristo, a Ti entrego, tudo, sim, por Ti darei". Cantor Cristão, Hino 295 (van de Venter/Ginsburger).

**Referências**

BUTESEKE, W. **O Chamado: Características e consequências da vocação ministerial.** FACULDADE BATISTA PIONEIRA IJUÍ-RS. 2011.

CENEDESI JÚNIOR, M.A. **ENSAYO SOBRE LA RELACIÓN SALUD-ENFERMEDAD: CONCEPTOS,CONTEXTOS HISTÓRICOS Y RETOSEN LA SALUD PÚBLICADE ARGENTINA, CHILE, MÉXICO Y BRASIL.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.8.n.04. abr. 2022. ISSN -2675 –3375.

CÉSAR, K.M.L. **Vocação: perspectivas bíblicas e teológicas.** Viçosa: Ultimato, 1997.

CUBELLI GR. **Salud, Enfermedad y Culpa.** Editorial Dunken, 2018.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização(1930).** Rio de Janeiro, Imago, (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 21), 1980.

FRUSTRAÇÃO Ministerial: **Quando a empolgação vira decepção.** Rio de Janeiro, 05 abr. 2011.

GUSSO, A. R. **Evidências da vocação ministerial.** O Batista Pioneiro, Curitiba, ano 84, n°11, p. 03, nov 2010.

HELMANCG. **Cultura, saúde e doença.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

MORILHA, A. **A prevalência de sintomas de transtornos psiquiátricos em missionários evangélicos/protestantes transculturais brasileiros.** Tese de doutorado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Programa de Psiquiatria. 2019.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU). XVI Asemblea General. **Decenio de las Naciones Unidas para el desarrollo: programa de cooperación económica internacional (I).** New York: ONU; 1961. [Resolución 1710].

PHMM. **A Brief History of Public Health.** Public Health Museum in Massachusetts. USA, 2001

ROSA, M. **Psicologia da religião.** 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.

SCLIARM. **História do Conceito de Saúde.** PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1):29-41, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO/OMS) **Action required to address the impacts of the COVID-19 pandemic on mental health and service delivery systems in the WHO European Region.** Geneva: World Health Organization. 2021.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# PASTORES, UNIVERSITÁRIOS E VOCAÇÃO

**Maurício Jaccoud da Costa**

Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Pastor batista e missionário da Cru Campus, atuando há 19 anos na missão universitária. Contato: mauricio.costa@cru.org.br ou (44) 99999-4568.

# PASTORES, UNIVERSITÁRIOS E VOCAÇÃO

**Resumo**
O objetivo deste artigo é aproximar os pastores/líderes aos universitários. Busca-se mostrar que os pastores são importantes para os jovens universitários exercerem sua vocação. Para tanto é demonstrado que os pastores precisam conhecer a juventude atual, entender as características da atual geração e os possíveis conflitos geracionais, e estar disposto a ouvir os estudantes. Espera-se que no seguimento a Jesus os universitários exerçam suas vocações, vivendo em comunhão com a Igreja, sendo auxiliado pelos seus pastores.

**Palavras-Chave:** Juventude. Universitário. Pastores. Vocação.

**Abstract**
The purpose of this article is to bring pastors/leaders closer to university students. It seeks to show that pastors are important for university students to exercise their vocation. Therefore, it is demonstrated that pastors need to know the current youth, understand the characteristics of the current generation and the possible generational conflicts, and be willing to listen to students. It is expected that in following Jesus, university students exercise their vocations, living in communion with the Church, being helped by their pastors.

**Keywords:** Youth. University. Pastor. Vocation.

## Introdução

Os pastores são importantes para os jovens universitários exercerem sua vocação. A intenção deste artigo é aproximar os pastores/líderes aos universitários, para que estes vivam suas vocações. Aborda-se a corresponsabilidade dos pastores e do jovem universitário evangélico no exercício de suas vocações. Para tanto é demonstrado que os pastores precisam conhecer a juventude atual, entender as características da atual geração e os possíveis conflitos geracionais, e também estar disposto a ouvir os estudantes. Espera-se que no seguimento a Jesus os universitários exerçam suas vocações, vivendo em comunhão com a Igreja, sendo auxiliado pelos seus pastores.

## A corresponsabilidade dos pastores e do jovem universitário evangélico no exercício de suas vocações

Os pastores precisam conhecer seus jovens, e, principalmente, ouvir suas opiniões e sentimentos. Miranda afirma:

> "Faltam espaços de escuta e de diálogo no interior da Universidade para conhecermos melhor o nosso público, suas indagações, seus preconceitos, seus anseios, suas representações e seus questionamentos. Naturalmente ouviremos o que não nos agrada, o que nos choca, o que talvez nos obrigue a pensar, o que nos force a estudar. Urge uma mudança de mentalidade por parte dos responsáveis que mais fomentasse a liberdade de expressão e a cultura do diálogo no interior do campus universitário."[1]

Espaços de escuta e diálogo devem haver também no interior das igrejas, principalmente por parte de seus líderes. Moltmann afirma que “uma igreja que não muda para estar à disposição da humanidade do homem em novas circunstâncias fossiliza-se e morre”[2].

[1] MIRANDA, Mario de França. in Atualidade teológica: Revista do Departamento de Teologia PUC-Rio. – Ano XIX, n. 49 (jan./abr. 2015), - Rio de Janeiro: PUC-Rio, Dep. Dep. Teologia/Letra Capital, 2015, p. 18.
[2] MOLTMANN, Jurgen. **O Deus crucificado. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã.** Santo André (SP): Academia Cristã, 2011, p.29.

Kasper diz que "a igreja só poderá ter futuro se refletir Jesus Cristo e sua mensagem do Reino de Deus vindouro"[3]. Esta mudança da igreja parte dos seus líderes que devem se abrir à juventude universitária.

Desde sempre foram os jovens os grandes responsáveis por importantes mudanças em nossa sociedade e este jovem universitário tem legitimado pela sociedade um período de cerca de 4 anos para preparação ou formação. Porém, muitas vezes, esta parcela da juventude não tem recebido um preparo adequado de seus pastores para aprender a vivenciar sua fé dentro do ambiente universitário. Beozzo alerta:

> A Igreja falha, porém, ao não se aproximar da universidade como terra de missão, ao não acreditar no potencial do universitário. A pastoral da juventude não prepara os jovens que ingressam na universidade para enfrentar o novo meio e está praticamente ausente da vida dos que vivem na universidade[4].

A juventude é vista como uma etapa de transição para a vida adulta, um processo que prepara o jovem para assumir o papel de adulto na sociedade. A falta de atuação dos líderes, ao não se trabalhar com esse público, e a ausência ou distância destes que vivem na universidade, contribui para o afastamento desta juventude de sua missão, e perde-se a chance de se formar bons cidadãos para esta sociedade. A igreja sofre, a sociedade sofre. Se os pastores não conseguirem ensinar ou lidar com essa juventude de hoje dificilmente se conseguirá mudar esta situação depois, porque o tempo de vivência da fé durante a caminhada universitária é um ótimo momento para formar esta juventude ao bom exercício de sua vocação.

Devido ao grande potencial que o universitário tem na sociedade no exercício de sua vocação faz-se necessário entender a corresponsabilidade dos pastores e universitários na vivência da fé. De acordo com Libânio:

[3] KASPER, W. **A Igreja católica.** Essência, realidade, missão. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 421.
[4] BEOZZO, José Oscar. **Cristãos na universidade e na política.** Petrópolis: Editora Vozes, 1984, p. 177.

> "Os jovens abandonados a eles mesmos dificilmente manterão a fé tradicional, especialmente aqueles que entram na Universidade[...] Muitos jovens, ao entrar especialmente na Universidade e defrontar com as críticas ferrenhas da modernidade à religião, perdem toda referência de fé por falta de preparação."[5]

Porém, tensa tem sido muitas vezes a relação entre o leigo universitário e as lideranças eclesiásticas. Com sua formação o universitário cristão torna-se mais preparado para criticar os desvios e os abusos da fé que podem acontecer por parte dos líderes eclesiásticos, tendendo a rebelar-se contra a estrutura e seus líderes, afastando-se do convívio eclesiástico. Os líderes, para livrarem-se de possíveis problemas devido a esses questionamentos, permitem muitas vezes que estes jovens saiam até mesmo para não contaminar outros. Perde-se o papel profético dentro das igrejas. Com isso, o pecado se enraíza. É comum os líderes preferirem jovens que não questionam, que se acomodam, que são dependentes deles. Porém, para esta geração questionar é uma forma de se conectar. Estes jovens dão menos valor para cargos e posições sociais, eles consideram todo relacionamento um processo de integração. Estes jovens cresceram questionando seus pais a respeito de tudo, e como, universitários, onde são ainda mais estimulados a questionarem a realidade, certamente irão fazer isso com seus pastores também. Porém, esses mesmos pastores precisam considerar que estes jovens foram formados assim e que este questionamento não é contestação ou desafio à sua liderança, mas apenas um desejo dos jovens de colaborar.

Os pastores não podem assumir uma atitude paternalista, buscando dar respostas prontas, ignorando a capacidade e o esforço do jovem para pensar e andar por si mesmo. Não podem colocar o jovem numa postura de apenas escutar e obedecer, como se o papel do jovem não fosse o de falar, nem de pedir explicações, muito menos o de tomar decisões e de assumir responsabilidades. Hoje essa atitude paternalista afasta o jovem da Igreja. Não pode haver o silêncio dos líderes das igrejas aos jovens.

[5] LIBANIO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais.** São Paulo: Loyola, 2004, p.44.

Os pastores precisam se aproximar dos jovens. Os jovens respondem ignorando ou alienando-se de uma Igreja que os ignora e os aliena.

Na corresponsabilidade entre pastores e universitários faz-se necessário que os líderes entendam a importância da amizade para esta geração. São os amigos que representam as questões mais importantes para os jovens, à frente da universidade e do trabalho. Libânio aborda esta questão afirmando que "na idade da juventude, valorizam-se as relações sociais com iguais sob a forma de amizade... A preferência pela amizade é algo permanente na juventude[6]". Esta é uma abertura que precisa ser aproveitada pelos pastores.

As pesquisas mostram que os jovens gostam de ir à igreja. Dos jovens que participam de grupos sociais, os grupos da igreja são os mais frequentados[7]. Nesta mesma pesquisa, quando se perguntou: "O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre, mesmo que você só faça de vez em quando?", chamou a atenção o fato de "ir à missa/igreja/culto" ser a resposta mais alta[8]. Com tantos jovens na população brasileira, com o aumento do número de evangélicos, juntamente com o fato do jovem gostar de ir à igreja, era de se esperar que o número de jovens nas igrejas evangélicas também aumentasse significativamente.

**Características desta geração de universitários**

Esta geração atual de universitários não se preocupa com hierarquias. Os jovens da atual geração não se preocupam com hierarquias, pois muitos dos pais procuraram ser mais amigos do que impor ordem ou disciplina aos seus filhos. Provavelmente um jovem desta geração irá tratar seu pastor como trata um colega de turma e muitas vezes isso pode ser considerado uma falta de respeito por parte deste líder, pois não era assim que ele quando jovem tratava o seu pastor.

[6] LIBANIO, 2004, p.23.
[7]ABRAMO Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo (org.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Instituto Cidadania e Fund. Perseu Abramo, 2005, p. 400.
[8] ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 418.

Os conflitos de gerações são bem percebidos no ambiente de trabalho e também acontecem no espaço eclesiástico. A juventude universitária opta por relações interpessoais e horizontais. Buscam uma relação democrática, de tolerância horizontal e aberta com seus pastores, tendo uma grande repulsa e impaciência com autoridades despóticas. O apóstolo Pedro fez um apelo em sua primeira carta aos que também exerciam a função pastoral dizendo,

> "Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho" (1 Pedro 5:1-3).

Cabe aos pastores empoderar os seus jovens universitários para que estes exerçam suas vocações. Empoderar é um processo estrutural, cultural e de atitude em que os jovens (ou qualquer população) ganham habilidade, autoridade e agência para tomar decisões e implementar mudanças para além de suas próprias vidas.

Os jovens são capazes de tomar decisões informadas sobre suas vidas, portanto não se pode relegar seu potencial de contribuição ao futuro. Os pastores muitas vezes têm uma visão bem-intencionada, porém errônea de que "um dia os jovens serão o futuro". No entanto, essa visão não só minimiza a contribuição da juventude, como passa a ideia de que os jovens ainda não estão preparados para lidar com as questões do presente, quando, de fato, isso ocorre em seu cotidiano.

Esta geração de universitários é de jovens colaborativos e com necessidade constante de reconhecimento. Esta é uma característica que pode muito ajudar o jovem universitário em sua relação com a Igreja e serviço ao mundo. Mais do que qualquer outra, esta geração é altamente colaborativa.

O fato de serem colaborativos, não se preocupando com hierarquias, faz com os jovens possam se aliar por causas comuns sem necessidade de lideranças. Para estes jovens, o importante é dar a sua contribuição. O jovem se sente valorizado quando pode participar e sente que sua intervenção foi útil. Importa para eles perceberem que o que fazem contribui de alguma maneira na transformação da sociedade. Seja qual for a colaboração, este jovem precisa sentir que sua atuação está tendo significado.

Os jovens desta geração precisam ver sentido no que estão fazendo. Para perceberem isso faz-se necessário para aqueles que atuam com essa geração enfatizarem sempre a importância da colaboração deles, pois é característica dessa juventude a necessidade de constante reconhecimento. Reuniões onde somente uma pessoa fala e os outros passivamente escutam não estimulam a participação dos jovens e estes precisam receber feedbacks constantes para continuarem motivados e engajados em seu serviço ao mundo. A falta de feedback por parte daqueles que trabalham com essa juventude leva os jovens a não sentirem e não perceberem que seus esforços ou contribuições são significativos, e com isso, esses jovens acabam se distanciando e indo participar de alguma outra atividade ou causa para se sentirem úteis. Ter um trabalho significativo é uma necessidade para esta juventude, e não apenas algo bom ou importante. Um simples *feedback* dos pastores faz com que a força desta juventude seja canalizada para a participação da *missio Dei* e serviço ao mundo.

Outra característica desta geração de universitários é a de ser multitarefas. É importante que os pastores entendam que uma importante característica desta juventude é sua capacidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Ser multitarefa é uma característica desta geração que ajuda o jovem a lidar bem com a questão do tempo. Estes jovens gostam de estar envolvidos em muitas atividades, eles são multitarefas. Desde cedo aprenderam a estar ocupados durante todo o dia com muitas atividades ao mesmo tempo. Ser multitarefa ajuda o universitário no seu serviço ao mundo e o leva a entender que é exatamente participando das situações do cotidiano que se pode exercer influência na sociedade.

Os pastores costumam reclamar de uma falta de compromisso desta juventude. Porém, como eles são multitarefas, eles estão sempre envolvidos com muitas coisas, com isso não conseguem se comprometer com alguma coisa durante muito tempo. A questão não é que eles não têm compromisso, a questão é que eles já estão fazendo outra coisa.

**Conflitos de geração**

A questão geracional é importante no relacionamento dos universitários com seus pastores. De acordo com Oliveira, "é a primeira vez que cinco gerações diferentes de pessoas convivem mutuamente, em números significativos, de forma consciente, interferindo e transformando a realidade"[9]. Cada geração possui seus próprios valores e características que muitas vezes levam a conflitos no relacionamento entre pessoas de diferentes gerações.

Muitos pastores são de gerações diferentes destes universitários, com valores e atuações diferentes, e não podem esperar que seus membros universitários atuem da mesma forma que eles agiram em sua época. Os pastores precisam entender que esta nova geração não é pior nem melhor do que as outras, apenas diferente.

Esta geração possui fraquezas e virtudes como qualquer outra geração. Cada geração possui luzes e sombras e os pastores precisam conhecer as características desta geração de universitários. Na relação entre os jovens universitários evangélicos e seus pastores há conflitos e situações particulares. De acordo com Libânio, "a idade deixou de ser critério para a juventude confiar nos mais velhos"[10].

[9] OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes.** São Paulo: Integrare Editora, 2010, p. 40.
[10] LIBANIO, J.B. **Para onde vai a juventude?** São Paulo: Paulus, 2011. p.57.

Em uma pesquisa com jovens estudantes evangélicos da Universidade Estadual de Maringá - PR[11], os entrevistados demonstraram pouco relacionamento com seus pastores que são de gerações diferentes e uma aproximação maior com os pastores mais novos e mais próximos de suas gerações. Apesar desta geração ser de jovens que gostam de aprender com os mais velhos e de ser orientados por eles[12], os pastores titulares que geralmente são de gerações mais velhas não estão aproveitando essa abertura proporcionada pelos jovens universitários evangélicos.

Nos últimos anos, muitas igrejas evangélicas começaram a contratar pastores jovens para pastorear os próprios jovens. Os jovens universitários evangélicos se sentem mais próximos e se relacionam melhor com pastores ou lideranças mais jovens. Já a figura do pastor principal ou titular é distante para os jovens universitários evangélicos. Os entrevistados relataram medo da figura do pastor e, principalmente, distanciamento pela falta de tempo que seus pastores têm. A contratação de um pastor jovem para um grupo de jovens é boa no sentido de ajudar no pastoreio desta parcela da sociedade, mas não pode o pastor titular terceirizar este pastoreio e se afastar totalmente destes jovens.

Veja alguns dos comentários feitos pelos entrevistados:

> *i.Não tenho muita relação com meu pastor principal, porque têm muitas pessoas na igreja. Mas tenho uma relação mais forte com o pastor de jovens.*
> *ii.Meu vínculo com minha pastora é de amiga. Já com o pastor tenho medo. Nunca conversei com o pastor. Acho que é porque tem muita gente na igreja. Meus pais que conversam com o pastor.*
> *iii.A relação com meu pastor anterior era muito boa, porque ele era mais jovem. Agora é um pastor mais velho que lidera mais os adultos e os jovens ficaram meio de lado. Já tentei marcar para conversar com ele, mas nunca consegui conversar.*

[[11] COSTA, M. Jaccoud. **O rosto do jovem universitário evangélico. A vivência da fé e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo.** Tese de doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47106/47106.PDF. Acesso em 27 maio de 2021.
[12] LANCASTER, Lynne C.; STILLMAN, David. **O Y da questão: como a Geração Y está transformando o mercado de trabalho.** São Paulo: Saraiva, 2011, p. 239.

> *iv.É difícil conseguir um horário com o pastor. Não tenho tanta proximidade com ele.*
> *v.Minha relação com o pastor é boa, mas meu pastor tem uma cara muito fechada, ele parece brabo. Aí temos um pouco de medo. Ele deve ter uns 60 anos de idade. Nunca conversei com ele sobre alguma coisa da faculdade ou sobre os conflitos que já vivi aqui.*

Nessa mesma pesquisa, alguns jovens universitários evangélicos de maneira espontânea comentaram na entrevista que ouviam de seus pastores, em pregações, nos púlpitos de suas igrejas, do medo ou preocupação que eles tinham dos universitários perderem a fé ao entrarem na universidade. Na entrevista estes universitários evangélicos foram questionados se suas igrejas possuíam algum tipo de preparação específica quando eles entrassem na faculdade ou algum tipo de preparação específica para a permanência deste jovem na universidade. Todos, sem exceção, afirmaram que suas igrejas não possuíam nenhum tipo de preparação neste sentido. Uma universitária disse, "*nunca recebemos nenhum tipo de preparativo ou aconselhamento por parte dos líderes antes de entrar na faculdade. Nós mesmos nos ajudamos, mas por parte dos líderes não*". Uma outra universitária disse que achava interessante que tivesse um trabalho específico para os universitários cristãos. E segundo ela, "*nem precisava ser algo muito elaborado, apenas uma orientação*". Já outra disse que gostaria simplesmente que seu pastor dissesse que estava orando por ela.

**Considerações finais**

Do púlpito os pastores têm demonstrado medo de que estes jovens percam sua fé na universidade, mas como a pesquisa verificou não há nenhum tipo de preparação quando estes ingressam em uma faculdade. Jovens universitários tem tido muita dificuldade em sua fé e de adaptar-se à rotina universitária, especialmente em seu primeiro ano de curso. Atitudes simples de aproximação dos pastores e líderes podem fazer uma grande diferença na vocação desses jovens.

Muitos dos pastores titulares ou principais nas igrejas evangélicas têm pastoreado apenas através dos púlpitos e precisam estar mais próximos dos jovens universitários evangélicos. Eles desejam esta aproximação. De acordo com a pesquisa do Projeto 18/34, mesmo em tempos de hiperconexão, os jovens, em muitos casos, têm preferência por se comunicarem pessoalmente[13]. Rocca em seu estudo sobre resiliência, espiritualidade e juventude afirma o que pode também ser verdade para os pastores em sua relação com os jovens universitários evangélicos. Ela diz,

> "A Igreja, através das pessoas, das comunidades e das variadas instituições que possui, pode ser um ambiente propício para que os jovens encontrem pessoas e grupos que os ajudem a se fortalecer. Seja pela presença de qualidade, isto é, pela escuta e pela acolhida, pelo testemunho de vida, pela disponibilidade para ajudá-los nas suas necessidades concretas (educação, saúde, etc.) como na busca de sentido e de narrativa. Às vezes, não se trata de grandes ações nem gestos demasiado originais. Basta estar presente ou fazer demonstrações de carinho, de companhia, um intercâmbio sincero de ideias ou dizer palavras oportunas que orientem, por vezes, uma colaboração em necessidades físicas ou materiais."[14]

Espera-se que isso seja ouvido pelos pastores, pois "a juventude é a fase do ciclo de vida em que se concentram os maiores problemas e desafios, mas é, também, a fase de maior energia, criatividade, generosidade e potencial para engajamento"[15]. E os jovens universitários evangélicos precisam e esperam o apoio de seus pastores. Os pastores devem olhar com muito amor e confiança para os jovens universitários. Os pastores têm muito a dizer para os jovens, assim como os jovens têm tantas coisas a dizer para os pastores. Portanto, é necessário haver um diálogo recíproco, com cordialidade, atenção, clareza e coragem. Esta atitude irá aproximar os pastores e os jovens universitários ajudando-os em suas vocações.

[13] Disponível em: http://projetos.eusoufamecos.net/espacoexperiencia/projeto-1834/. Acesso em 25 de maio de 2022.
[14] ROCCA, Susana Maria. **Resiliência, espiritualidade e juventude.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013, p. 367.
[15] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais.** Documento da CNBB 85. São Paulo: Paulinas, 2007, p.15.

**Referências**

ABRAMO Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo (org.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Instituto Cidadania e Fund. Perseu Abramo, 2005.

BEOZZO, José Oscar. **Cristãos na universidade e na política.** Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais.** Documento da CNBB 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

COSTA, M. Jaccoud. **O rosto do jovem universitário evangélico. A vivência da fé e sua relação com a Igreja no serviço ao mundo.** Tese de doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47106/47106.PDF. Acesso em 27 maio de 2021.

KASPER, W. **A Igreja católica. Essência, realidade, missão.** São Leopoldo: Unisinos, 2012.

LANCASTER, Lynne C.; STILLMAN, David. **O Y da questão: como a Geração Y está transformando o mercado de trabalho.** São Paulo: Saraiva, 2011.

LIBANIO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais.** São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Para onde vai a juventude?** São Paulo: Paulus, 2011.

MIRANDA, Mario de França **in Atualidade teológica:** Revista do Departamento de Teologia PUC-Rio. – Ano XIX, n. 49 (jan./abr. 2015), - Rio de Janeiro: PUC-Rio, Dep. Dep. Teologia/Letra Capital, 2015.

MOLTMANN, Jurgen. **O Deus crucificado. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã.** Santo André (SP): Academia Cristã, 2011.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes.** São Paulo: Integrare Editora, 2010.

ROCCA, Susana Maria. **Resiliência, espiritualidade e juventude.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# A MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ

**Aline Silva Szamszoryk Fierro Davi**

Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, produtora cultural, diretora da Missão Steiger Brasil, atua como missionária há 11 anos na *Steiger International* alcançando e discipulando jovens que nunca entrariam numa Igreja. Palestrante na área de missiologia, nos seguintes temas: Cultura Jovem Global e Pós-Cristianismo.

# A MISSÃO DA IGREJA NA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ

**Resumo**
Este artigo propõe uma investigação sobre as características que definem uma Igreja Missional no século 21. Por meio de pesquisa bibliográfica examina qual o tipo de relacionamento que essa Igreja deve estabelecer com a cultura a fim de ser reconhecida por ela como organismo essencial e de amor. Para isso, busca aprimorar e aprofundar a compreensão dos termos: Cultura, Contextualização e Igreja Missional. Investiga a história do secularismo, movimento este que exerce grande influência na presente geração e fomentou a constituição de uma sociedade pós cristã, que remove Deus do centro e coloca o homem em seu lugar. É neste cenário que a Igreja dos nossos dias luta para existir, para resistir, por isso, o presente artigo apresenta possibilidades de atuação junto a essa cultura, incentiva a construção de pontes, de maneira tal que a Igreja seja notada e respeitada pela sua relevância, pela forma como serve a todos para o bem comum, refletindo o caráter de Cristo na esfera pública.

**Palavras-Chave:** Missão. Cultura. Igreja Missional. Contextualização. Secularismo. Pós-Modernidade.
.

**Abstract**
This paper proposes an investigation into the defining characteristics of a Missional Church in the 21st century. Through bibliographical research it examines what kind of relationship this Church must establish with culture in order to be recognized by it as an essential and loving organism. To do so, it seeks to refine and deepen the understanding of the terms: Culture, Contextualization, and Missional Church. It investigates the history of secularism, a movement that exerts great influence on the present generation and has fomented the constitution of a post-Christian society, which removes God from the center and puts man in his place. It is in this scenario that the Church of our days struggles to exist, to resist, therefore, this article presents possibilities of acting together with this culture, encourages the building of bridges, in such a way that the Church is noticed and respected for its relevance, for the way it serves everyone for the common good, reflecting the character of Christ in the public sphere.

**Keywords:** Mission. Culture. Missional Church. Contextualization. Secularism. Post-modernity.

**Introdução**

A sociedade do século 21 subsiste sob uma forte influência do secularismo, considerado atualmente como um sistema ético que não aceita a influência da fé ou da devoção religiosa na esfera pública, ou seja, na sociedade secular religião e Estado caminham separados e possuem papéis distintos. Nesta atual formação sociocultural o sentido da vida, o sentimento de pertencimento, a esperança e a felicidade são entendidos e buscados no consumismo exagerado, na prosperidade econômica, no conforto material e na realização emocional momentânea.

Sendo assim, esse sistema propõe para a fé cristã um grande desafio quanto a sua atuação e papel social na esfera pública, em decorrência disso, muitas Igrejas vem se retirando do debate público e isolando-se em suas comunidades acabam por se tornar uma espécie de clube exclusivo, guiado por uma prática dualista que frequentemente substitui a ordenança de irmos por todo o mundo pregando o evangelho e fazendo discípulos, por ações meramente assistenciais.

A cosmovisão secularista é incompatível com a cosmovisão cristã e está profundamente atrelada ao coração da atual geração, orientando sua maneira de perceber o mundo, moldando seus relacionamentos, sua forma de amar, suas escolhas com relação ao futuro e influenciando de maneira direta todas as áreas da sua vida, é um estilo de vida enraizado na cultura e na formação sociocultural contemporânea; por assim ser, torna-se um processo muitas vezes sutil e que silenciosamente submete não apenas a mente e o coração do não cristão mas também a Igreja de forma geral.

Pretendemos, portanto, despertar uma reflexão sobre o tipo de ponte que temos estabelecido com os não cristãos; se temos de fato contribuído de forma expressiva nos debates e nas agendas da atual geração, e como Cristo tem sido contemplado em nossa expressão de amor.

Refletiremos sobre como podemos nos manter fiéis ao propósito de Deus para nós, de maneira tal que a sociedade e a cultura ao nosso redor sejam profundamente impactadas pelas verdades práticas do evangelho, e como o isolacionismo de evangélicos genuinamente alinhados com a cosmovisão cristã na esfera pública tem transformado a atuação da Igreja brasileira insuficiente em pautas que o secularismo se apropriou.

**Paradigmas históricos que contribuíram para a construção do modelo de missão**

Quando olhamos para este mundo supostamente identificado como pós-moderno, notamos uma grande mudança acontecendo na cultura ocidental, Paul G. Hiebert em seu livro "Transformando Cosmovisões", apresenta alguns temas que nos direcionam para uma maior percepção do contexto cultural atual.

O autor inicia sua análise sobre a "cosmovisão moderna com a afirmação de que uma dessas grandes mudanças na história ocidental ocorreu no século 17" (HIEBERT, 2012, p.157), com a chegada da "ciência moderna" e da própria modernidade. Até então a sociedade ocidental era teísta, ou seja, havia unidade quanto ao pensamento de que toda a criação, os acontecimentos da vida pessoal e históricos estavam sob controle de um Deus pessoal, já neste novo paradigma a compreensão do mundo material não seria mais baseada na existência de um Deus criador, mas passaria a acontecer por meio do uso da lógica e da fé na razão humana. Este momento inaugura o pensamento que separa "céu e terra", desta forma, Deus se torna cada vez mais abstrato e a ordem natural, o "universo material" passa a ser concreto, verdadeiro; a consequência deste movimento foi a cisão definitiva entre o homem e Deus, confiscando a sua crença no envolvimento divino direto e em seu controle do mundo temporal; "O domínio sobrenatural foi relegado a crenças, emoções e ética imaginárias" (HIEBERT, 2012, p.161).

Neste novo mundo a centralidade de Deus nas ações, nas escolhas humana é excluída e o homem passa a ser seu próprio centro, os seres humanos passaram a viver de forma autônoma e "livres se tornaram o centro do universo e a medida de todas as coisas [...] o resultado foi uma mudança de um universo ordenado por Deus para um mundo planejado pelos seres humanos" (HIEBERT, 2012, p.165).

Depois do Iluminismo a religião passa então, a ser retratada "pela ciência como aquilo que a ciência não era",portanto, incompatíveis entre si. Nasce aqui essa ideia de superioridade da ciência em relação à religião, sendo a primeira "objetiva, racional, empírica e verdadeira para todos" (HIEBERT, 2012, p.167), enquanto as religiões se caracterizam como organismos subjetivos, emocionais e relacionados à fé pessoal.

Outro produto da modernidade legado para a atual geração diz respeito à divisão entre o "secular" e o "religioso"(HIEBERT, 2012, p.169), resultando numa separação profunda entre as esferas pública e privada, a moralidade e as tradições religiosas são banidos da vida pública, cabendo a cada indivíduo escolher qual princípio de conduta regerá sua vida, definirá seus valores e coordenará suas ações. A concepção de moralidade se tornou contestável porque presume a ação de um agente divino, por isso a modernidade substitui o conceito "moralidade por valores", que baseia-se na "escolha humana, e não na ordem divina" (HIEBERT, 2012, p.220).

A chegada da Pós-modernidade contesta alguns desses ideais da modernidade ao reconhecer que nenhuma razão humana é capaz de superar a realidade da vida, por isso, o ser humano deveria manter seu foco no presente e desfrutar ao máximo o que a vida lhe oferece agora. Seus ideais sustentam que toda realidade é subjetiva, relativista, ou seja, não existem verdades absolutas, pessoas e comunidades podem ter as próprias versões de verdades pessoais e comunitárias, a realidade é egocêntrica e estimula o "culto ao eu" (HIEBERT, 2012, p.252).

Outro ídolo dominante desta era pós-moderna é o consumismo, que estabelece-se como valor cultural e esta diretamente ligado à busca por prazer e satisfação imediata.

Em seu livro "Verdade Absoluta" a autora Nancey Pearcey (2006, n.p.)[1], aponta como essa "revolução secular" classificou o cristianismo como prosélito ao mesmo tempo que elevou filosofias seculares como o materialismo e o naturalismo a objetivas e neutras. A autora prossegue e reafirma que não há neutralidade, a sociedade secular nega a existência de Deus para reafirmar a sua verdade e desafia a Igreja sobre seu papel na esfera pública e privada.

Hoje a palavra religião vem sido cada vez mais substituída pelo termo espiritualidade, uma vez que, religião trata das instituições, doutrinas oficiais e rituais formais, já espiritualidade está associada a experiência pessoa.

Neste contexto, o maior desafio da Igreja hoje é apresentar um cristianismo contextualizado, holístico, comprometido com a verdade bíblica que é absoluta, dentro das esferas de atuação em que está inserida, os desafios enfrentados por essa geração não são os mesmos enfrentados pela geração anterior, a Igreja precisa resistir ao espírito desta era ao mesmo tempo que a reconhece e se relaciona com sua cultura.

**Compreendendo a cultura para entender nossa missão**

D.A. Carson (2012, p. 13) inicia sua obra "Cristo e Cultura" refletindo como é variante a aplicação do termo cultura, segundo ele, atualmente cultura é considerado um conceito adaptável, elástico, podendo ser compreendido como um "conjunto de valores amplamente partilhado por algum subconjunto da população humana".

[[1] Texto digital, Parte I, capítulo 3. (e-book)

Manfred Grellert (1983, p.8), indica em sua obra "O Evangelho e a Cultura", da Série Lausanne, que a base bíblica para compreensão do termo cultura esta em Gênesis 1:26-28, nestes versículos é possível identificarmos o mandato cultural de Deus para a humanidade; Deus criou o ser humano, homem e mulher, munindo-os de atributos como: racionalidade, sociabilidade, moralidade, criatividade e espiritualidade, ordenou-os a ocuparem a Terra e dominarem sobre ela. O autor sabiamente destaca como é necessário nos lembrarmos que "Onde quer que o ser humano desenvolva sua organização social, arte e ciência, agricultura e tecnologia, sua criatividade refletirá a do seu Criador" (GRELLERT, 1983, p.9).

Para Grellert (1983, p.9) uma boa "Definição de Cultura" no sentido mais abrangente seria: padrões seguidos por um determinado grupo para que possa existir algum tipo de vida em comum podendo ser compreendida como o comportamento, as escolhas morais, as tradições e conhecimentos de um grupo social, incluindo sua "língua, sua comida, sua religião, música, arte, forma de vestir e inúmeros outros aspectos, ou seja, cultura engloba todos os aspectos da vida humana".

Importante lembrarmos que a autorrevelação pessoal de Deus na bíblia foi transmitida na própria cultura do ouvinte, observarmos isso em toda a Escritura, especialmente no Novo Testamento onde é possível perceber a influência cultural judaica helenística na formação sociocultural da Igreja, também observamos isso nos textos e no vocabulário filosófico grego utilizado por Paulo.

A partir desta constatação é possível considerar que Deus não despreza a cultura mas se relaciona através dela com a Sua criação, manifestando Seu amor, Sua criatividade, Sua graça e nela cumpre também os Seus propósitos.

Outros dois autores que também abordam esse tema de maneira relevante são Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew (2016, p.198), na obra "Introdução à Cosmovisão Cristã" eles sintetizam em um pensamento o tipo de relacionamento que devemos estabelecer com a cultura, "No mundo, mas não do mundo". Eles destacam a importância de termos uma participação crítica na cultura.

Em sua obra "Igreja Centrada", Timothy Keller (2014, p.108) ressalta que a cultura não é neutra e nos relembra a importância de estarmos bem contextualizados de maneira tal que, nossa comunicação com os de fora da fé seja relevante, faça sentido para quem ouve e sempre aponte para Cristo.

Para isso precisamos entender que contextualização não significa dizer o que as pessoas querem ouvir, o autor acentua o oposto do que geralmente pensamos ao afirmar que "contextualização saudável significa traduzir e adaptar a comunicação e o ministério do evangelho a determinada cultura sem comprometer a essência e as particularidades do próprio evangelho" (KELLER, 2014, p.107).

Uma contextualização equilibrada pressupõe um relacionamento de mão dupla, compartilhamos acerca das verdades bíblicas ao mesmo tempo em que somos corrigidos da nossa concepção sobre a cultura que nos cerca.

Somado a isso, precisamos de uma contextualização ativa que aponta passos práticos para entrarmos na cultura, precisamos investir tempo nos relacionando de forma verdadeira com as pessoas, ouvindo-as com diligência, desprendendo tempo para participar efetivamente de suas vidas.

Goheen e Bartholomew (2016, p.204) nos fornece exemplos bíblicos de contextualização fiel; os autores apontam para o fato do próprio apóstolo Paulo ser um missionário transcultural que ao invés de "simplesmente rejeitar ou confirmar a instituição cultural da casa romana", identifica nela conexões com a criação e trabalha para refazê-las pelo poder do evangelho, conforme vemos em Efésios 5.

A admoestação do apóstolo ao marido, para que ele ame sua esposa de maneira sacrificial, para que ele crie seus filhos com amor e trate seus escravos de maneira digna foi totalmente subversivo para aquela época, para aquele lugar e cultura, uma vez que naquele contexto o pai era senhor absoluto do lar e liderava sua casa de maneira abusiva, autoritária, replicando na organização familiar a ótica de poder hierárquico do Império Romano.

Observamos nas escrituras que o plano missionário de Paulo foi "chamar a Igreja a viver dentro das instituições existentes da cultura, mas com uma presença crítica e transformadora" (GOHEEN e BARTHOLOMEW, 2016, p.204). Compreender a cultura, se relacionar com ela de maneira contextualizada são características de uma Igreja que dialoga com o seu tempo.

Na obra "A Igreja Missional na Bíblia", Michael W. Goheen (2014, p.20), diz que classificar uma Igreja como missional nos dias de hoje significa que ela participa da missão de Deus, e que para que isso Ele estabeleceu papéis para o seu povo nessa história, Deus, por meio do seu chamado concede significado e direção a seus filhos, Ele os encarrega de viver para a Sua glória participando de Sua obra redentora.

Uma Igreja Missional é portanto, "uma igreja profundamente envolvida nas necessidades de sua vizinhança e do mundo", ela não vive apenas de anunciar a palavra, mas traz para essas palavras credibilidade comprovada com ações de justiça e misericórdia.

É “uma igreja comprometida com missões”, Goheen (2014, p.260) enfatiza que a missão deve ser o padrão de vida da Igreja, ela é um “empreendimento transcultural”; uma comunidade que assume sua responsabilidade sobre missões “se torna mais propensa a ser uma igreja missional no lugar onde ela está inserida” (2014, p.261).

**A configuração de uma igreja em missão na era pós cristã**

A expectativa do secularismo quanto a extinção da religião no mundo não alcançou êxito, mesmo três séculos após a formação dos primeiros ideais da modernidade ainda observamos a forte influência religiosa na sociedade do século 21.

Em sua obra “Uma fé pública”, Miroslav Volf (2018, p.145) aborda essa questão e afirma que o “mundo sempre foi um lugar muito religioso, e pelo que tudo indica, assim continuará sendo no futuro que se pode prever". Este é um panorama bastante animador para a Igreja de Cristo, pois evidencia a presença ativa de Deus na história da criação e aponta para o fato de que Ele permanece salvando e transformando pecadores em remidos, e que não há pensamento ou ciência humana capaz de sufocar Sua ação.

Timothy Keller (2014, p.297) em sua obra “Igreja Centrada”, analisa o que significa ser uma Igreja Missional, suas características, a maneira como ela se insere na cultura e serve a sociedade estabelecendo-se como organismo vivo, exercendo seu papel ao refletir o amor de Deus em suas ações.

O autor defende que essa Igreja “precisará confrontar os ídolos da sociedade se deseja mesmo ter um encontro missionário com a cultura” (KELLER, 2014, p.321); Deverá confrontar com as verdades bíblicas os ídolos do “consumismo e ganância que geram injustiça”; Não deverá de forma alguma modificar o evangelho, deixando-o palatável para que seja aceito pela cultura, mas deverá viver de modo simples e exercendo justiça no mundo.

A igreja missional certifica que todos os cristãos são missionários em todas as áreas da vida, e deve capacitar seus membros para três coisas: 1) Para serem testemunho vivo do evangelho; 2) Para amarem o próximo e praticarem a justiça ao redor, não somente para os da fé, mas especialmente para os de fora; 3) Integrar fé e trabalho, se relacionando com a cultura por meio de suas profissões.

Keller (2014, p.445) nos fornece conselhos práticos ao enfatizar que a Igreja deve livrar-se da possibilidade de "recriar uma sociedade cristã que se isola da sociedade em um reino espiritual", deve porém, garantir que o culto seja "edificante e evangelístico, centrado no evangelho e tenha uma linguagem contemporânea"; deve reconhecer o "papel da injustiça sistêmica" na sociedade deixando claro que o "evangelho da graça ajuda a lidar" com essa questão, recomenda ainda que ela reconheça a importância e valorize o trabalho secular, orientando seus membros a serem sal e luz onde estão, vivendo suas vidas a partir de uma cosmovisão genuinamente cristã, e insiste para que ela desenvolva pontos em c omum para o "trabalho em conjunto com o não cristão e ainda assim faça críticas proféticas aos ídolos culturais".

**Considerações finais**

Até o século 21, costumava-se afirmar que a sociedade ocidental era prioritariamente cristã e haviam de fato, cristãos ocupando posições relevantes na política, na arte, nas mídias, na ciência, porém, na modernidade esse cenário começou a mudar consolidando-se em definitivo nos nossos dias. Neste novo cenário qualquer pessoa atuante na esfera pública que se declare cristã talvez se torne alvo de perseguição, de críticas, ser automaticamente considerado intolerante, prosélito e por vezes será desprezado.

Em razão disto, os atuais cristãos ocidentais têm sido desafiados a mudarem a forma com a quais se relacionam com a cultura, se faz urgente a adoção de uma nova abordagem, uma linguagem contemporânea que faça sentido para quem busca alcançar.

Por vezes a Igreja tem evangelizado para garantir diante de Deus e dos homens o cumprimento da sua missão, mas para que esse seja um processo genuíno o envolvimento com a cultura precisa ser relacional, é preciso romper com a falsa ideia de que estamos protegidos do mundo quando nos isolamos em nossas comunidades, não fomos chamados por Deus para vivermos uma vida individualista centrada em nós mesmos, esse comportamento está alinhado com o espírito humanista da presente era e não com o evangelho de Cristo.

Jesus não pediu ao Pai que tirasse a sua igreja do mundo, ao contrário, Ele a fez testemunha dEle na sociedade, na cultura, refletindo as benesses de uma vida onde Ele é o centro. A igreja é chamada para estabelecer pontes com os não cristãos, servi-los de maneira generosa e genuína. O trabalho dos cristãos como servos do Deus Vivo não é redimir pessoas, somos chamados a amá-las, a espalhar as boas novas do evangelho inspirados e impulsionados pelo poder do Espírito Santo no exercício do pleno equilíbrio entre fidelidade (essência) e relevância, com a plena consciência que quem promove arrependimento e salvação do perdido é a cruz de Cristo. Contextualizar e ser relevante não é sobre ter uma boa estratégia de conversão, é sobre amar de fato as pessoas, é estar disponível para abraçar o pecador provendo consolo no dia do sofrimento.

A sociedade secular brasileira está enferma, desesperada por algo que lhe traga sentido, segundo dados do governo federal em 2019 houve um aumento de 43% no número anual de mortes por suicídio no Brasil. O número de suicídios entre jovens de 15 a 29 anos já é a segunda maior causa de morte no mundo segundo a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde).

A conexão emocional entre as pessoas é cada vez menor, elas tem depositado suas esperanças no consumo desenfreado e na artificialidade das mídias sociais que ditam padrões de perfeição inalcançáveis, uma vida milimetricamente pensada, superficial, composta por relacionamentos sexuais utilitarista que culminam na objetificação do outro e de si mesmo.

Possuem milhares de seguidores, centenas de *likes*, mas no final do dia estão sozinhos, lidando com suas frustrações, desejando algo que lhes dê significado.

Esta é a realidade cultural em que estamos inseridos, por isso, precisamos assumir nossa responsabilidade e estabelecer um relacionamento saudável com a cultura, sendo luz em meio às trevas, ordem em meio ao caos e participantes da Missão da Deus, lembrando que o Evangelho é poder de Deus em qualquer lugar, e vemos Deus se mover quando o verdadeiro e singular Evangelho é proclamado. Jesus é o Evangelho que gera vida, ilumina e empodera a igreja.

**Referências**

ABU EDITORA S/C E VISÃO MUNDIAL. **O Evangelho e a Cultura: Série Lausanne.** São Paulo, 1983.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora**.1ª ed. São Paulo: Mundo cristão, 2016.

**BOLETIM Epidemiológico**. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/setembro/20/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf>. Acesso em 29 nov. 2021.

CARSON, D.A. **Cristo e Cultura: Uma releitura.** São Paulo: Vida Nova, 2012.

GOHEEN, Michael W. **A Igreja missional na Bíblia: Luz para as Nações.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã: Vivendo na intersecção bíblica e a contemporânea.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

HIEBERT, Paul G. **Transformando Cosmovisões: Uma análise antropológica de como as pessoas mudam.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. **Deus na Era Secular: Como céticos podem encontrar sentido no cristianismo.** São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

PEARCEY, Nancey. **Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural.** Rio de Janeiro: Casa Publicadoras das Assembleias de Deus, 2006. E-book

**SUICÍDIO**. Disponível em <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>. Acesso em 02 dez. 2021.

SCHMAELTER, Matheus Maia. **Dualismo.** Disponível em <https://www.infoescola.com/filosofia/dualismo/>. Acesso em 16 nov. 2021.

VOLF, Miroslav. **Uma fé pública: Como o cristão pode contribuir para o bem comum.** São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

WRIGHT, Christopher J.H. A **missão do povo de Deus: Uma teologia bíblica da missão da igreja.** São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# EDUCAÇÃO E VOCAÇÃO: UMA MISSÃO A SER PARTILHADA

**Renata Trivelato Felício Cenedesi**

Mestre em Supervisão Pedagógica pela Universidade Aberta de Portugal. Especialista em Neurociência da Educação pela Faculdade Metropolitana. Especialista em Gestão de Pessoas nas Organizações e MBA Executivo em Desenvolvimento de Pessoas pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Pedagoga e Psicopedagoga pelo Centro Universitário Barão de Mauá. renatatri@hotmail.com

**Denise Afonso Sabino Santos**

Mestranda em Supervisão Pedagógica pela Universidade Aberta de Portugal. Especialista em Gestão de Centro Educativos pela Université Gaston Berger - Saint Louis no Senegal e certificada em Competências Digitais para Educadores pela Universidade de Jyväskylä – Finlândia. Licenciada em Ciências da Educação pela Université Catholique de Bourgogne, Dijon, França.

# EDUCAÇÃO E VOCAÇÃO: UMA MISSÃO A SER PARTILHADA

**Resumo**
Neste artigo pretendemos flexionar sobre a educação e vocação estabelecendo um diálogo desta relação com o que identificamos ser também uma prática missionária evidenciada no preparo, capacitação, chamado e apropriação do conhecimento, para o desenvolvimento de indivíduos plenos e propagação do evangelho. Esta reflexão incidirá na perspectiva de, assim como Cristo, nós, Sua Igreja, efetivarmos propostas e alternativas para uma dinâmica pedagógica de formação de vocacionados no campo da sociedade atual e suas demandas, como também para os campos.

**Palavras-Chave:** Educação. Vocação. Formação. Educador. Igreja.

**Abstract**
In this article we intend to reflect on education and vocation, establishing a dialogue of this relationship with what we also identify as a missionary practice evidenced in the preparation, training, calling and appropriation of knowledge, for the development of full individuals and the propagation of the gospel. This reflection will focus on the perspective of, like Christ, we, His Church, put into effect proposals and alternatives for a pedagogical dynamic of formation of vocations in the field of the current society and its demands, as well as for the fields.

**Keywords:** Education. Vocation. Formation. Educator. Church.

**Introdução**

Que a educação é direito de todos, que visa o pleno desenvolvimento do indivíduo e que se dá em um processo de parceria entre família, Estado e sociedade, nós já sabemos e podemos constatar conforme regulamentado na Constituição Federal Brasileira de 1988[1]. Ainda poderíamos acessar um arsenal de Leis, Planos e Diretrizes que balizam esse desafiador exercício que é a educação.

Entretanto, para (Brandão, 1985 *apud* Cenedesi, 2020) o termo Educação abarca uma ampla definição considerando que os processos educacionais e de formação acontecem em diversos espaços além da escola, outras redes e estruturas sociais de transferência do saber, sem que haja necessariamente um modelo formal de ensino.

Por vezes, taxiamos na amplitude deste tema que denota um sentido equivocado para com a formação profissional do educador e sua práxis: Toda a ação de um homem sobre outro, tendo como resultado a modificação deste, é educação? Todas as relações sociais alteram algo nos indivíduos? Substituir a noção de alteração pela de contribuição positiva seria o bastante para considerar como sendo um ato educativo? Quais seriam as delimitações entre uma alteração neutra e uma contribuição positiva?

E é exatamente aqui, neste ponto, que nos posicionamos a cabeceira da pista querendo atrair sua atenção para o tema educação e vocação, pois concordando com o que a educadora francesa Viviane Isambert-Jamati proferiu em seu livro - Educação e Sociedade (1965), somos chamados a realizar grandes voos, e se o que o leva a realizar o que faz é a necessidade de reconhecimento, de aceitação, de ser querido, talvez precise ajustar o foco para que não passe a vida toda agindo em falso.

[1] Constituição Federal, Capítulo III, Seção I, Artigos 205 – 214.

Segundo (Carneiro, 2001 *apud* Cenedesi, 2020), no fazer-se educador requer-se ir ao encontro do outro de forma humilde e acolhedora, é gratuitamente dar-se a outros, consciente da responsabilidade e compromisso que irá significar contribuir para agregar no desenvolvimento pleno de outrem. Decolamos então em nossa REflexão - (no sentido de pensarmos outra vez, e com olhos frescos) - clarificando um pouco sobre o educar e o educador. Na esteira de Almeida (2001), poderíamos iniciar a partir do entendimento de que todo o ser humano é um educador? Ou, que em todo o contexto social haveria um movimento educativo?

**A Educação e o Educador**

Considerando apenas a vertente cognitiva, bastar-nos-ia aceitar que a educação se dá mediante uma ação de emissão, exercida por uma pessoa que dominando saberes mais que outra se colocaria no papel de emitir conhecimento a outras pessoas. Entretanto, pretendemos aqui flexionar saberes, ampliar o campo e por isso nos ateremos ao sentido francês do termo educar que significa transmitir caracteres sociais, compreendendo, simultaneamente, a formação dos comportamentos consoante às normas sociais e a formação das capacidades e da linguagem, sob a forma das noções e das operações lógicas, aquisição do conteúdo dos conhecimentos já possuídos na sociedade.

Tendo este entendimento em voga, passamos então a considerar aqui a função de operacionalidade da educação, um processo, onde além da emissão do conhecimento, existe consideração quanto à recepção deste conhecimento (quem é, quando e como o indivíduo pode melhor receber o conhecimento que lhe é compartilhado) e a geração de novos conhecimentos (como o indivíduo interage em seu cotidiano com o conhecimento adquirido, como o perpetua e o retransmite) ao termo de os indivíduos serem considerados aptos, plenos em seu desenvolvimento, assegurando continuidade e coesão à própria sociedade.

Como citado por Cenedesi (2020), a sociedade contemporânea não coaduna com uma educação meramente transmissora e evidencia a necessidade de uma mudança clara de paradigma, baseando-se em uma prática que vislumbre o indivíduo como personagem principal e não apenas figurante.

Corroboram (Coelho e Neves, 2010 *apud* Cenedesi, 2020) que o papel da educação deve ser o de reforçar o acesso formal e informal a uma vasta base de conhecimentos, aptidões e competências que promovam atitudes de valor e caráter para toda uma vida. A partir deste dimensionamento, quem seriam os agentes deste processo? Quem são os educadores profissionais para além das questões que apequenam e furtam o caráter antropológico da educação, como "grades" curriculares, formas de disciplina e avaliação de alunos, luta sindicais, questões salariais?

Educador, segundo a L.D.B., é o trabalhador em educação habilitado em cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura, com sólida formação básica em conteúdo técnico-pedagógico, ou ainda, "profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins de sua formação ou experiência profissional, (...)"- Art.61 inciso IV da Lei de Diretrizes e Bases.

Ainda para Almeida (2001), o educador se especializa na prática de fruir com nitidez e continuidade em um contexto de negociações, visão de conjunto, sentido de ética, desenvolvimento de senso estético, dimensão política, sociológica, econômica, capacidade de argumentação, sabedoria de pesquisar, continuamente saber negar o óbvio, ser criativo, ter múltiplas saídas para os mesmos problemas e ter capacidade em detectar filosoficamente problemas no decorrer do processo educativo dando a eles um tratamento a partir do ponto de vista das múltiplas ciências.

[2] Lei 9.394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Título VI.

Entretanto, com um currículo e tempo de formação aligeirados, os cursos universitários de formação de educadores profissionais, pautados em um modelo academicista, já dão sinais de saturamento em consequência de horas de discursos em sala de aula, que segundo (D`Avila, 2013 *apud* Cenedesi, 2020) transmitem uma mensagem distante da realidade cotidiana destes futuros profissionais educadores.

Atualmente, de acordo com Masetto (2015), o conhecimento necessário aos profissionais da educação exige uma multiplicidade aliando ciências exatas e humanas, voltando-se para a compreensão do mundo, da evolução e dos fenômenos de uma sociedade, na qual o homem pode pensar e realizar seu desenvolvimento com uma perspectiva de totalidade em aspectos educacionais, políticos, éticos, econômicos, culturais, de direitos e individualidades, de responsabilidades sociais, de cidadania, para além do espaço escolar e acadêmico, e presente durante toda a sua existência. A formação do educador não é apenas uma questão de didática ou de psicologia do desenvolvimento, envolve também uma questão de perspectiva, desenvolvimento pessoal e interpessoal, trocas e transformações que favoreçam oportunidades para conexões pessoais e competência para transformar; fazemos então aqui uma incisão, e inserimos a este contexto de formação do educador uma vocação. E o que seria essa vocação?

**A prática Educacional Por Vocação**

O termo vocação, vem do latim "*vocatio*" e significa chamado, convocação ou convite, tendo a palavra "*vocatio*" derivado do verbo "*vocare*" que significa "chamar". Segundo o dicionário da Língua Portuguesa{3], a inclinação natural, tendência ou habilidade que leva o indivíduo a exercer uma determinada carreira ou profissão, e que gera o desejo ou interesse por uma certa área de atuação é reconhecida como uma vocação. Escolher ou entender qual é a sua vocação não é tarefa fácil, sobretudo porque a vida profissional é parte primordial da existência de um indivíduo.

[3] AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 5.

Embora a liberdade para a escolha de sua ocupação vem sendo crescentemente atribuída ao indivíduo somente depois do advento da democracia na sociedade industrial e de maneira relativa (Super & Junior, 1980). Em seu livro - Qual é a Tua Obra? - o filósofo, escritor e doutor em educação Mario Sergio Cortella escreve que "temos carência profunda e necessidade urgente de a vida ser muito mais a realização de uma obra do que um fardo que se carrega no dia a dia"[4]; a partir desta citação o autor nos acerca a respeito da ideia de substituirmos trabalho por obra, apresentando-nos o termo grego *poiesis*, que significa minha obra. No cenário de formação do educador, *poiesis* seria conjugado pelo que (Baptista, 2005 *apud* Cenedesi, 2020) cita como sendo a prática educativa uma relação de doação e disponibilidade para responder-se a um outro, diante do qual, não se pode ficar indiferente; ou ainda o que (Vygotsky, 1984 *apud* Cenedesi, 2020) diria ser o homem transformando o meio e consequentemente a si mesmo.

A turbulência que se apresenta neste ponto segundo Moran, é que, "intimamente, muitos não se gostam de verdade, não se aceitam plenamente como são, duvidam do seu valor, tentam justificar seus problemas, procuram formas de compensação, de aprovação".[5] Cortella salienta que todas as vezes que uma pessoa exerce um trabalho no qual não se reconhece, seu trabalho torna-se estranho, a pessoa se aliena, "e esse é um dos traumas mais fortes que se tem atualmente."[6] A vocação também se estende para outras áreas da vida do ser humano, como a vocação para a religião que é definida como um chamado divino para a dedicação ao serviço religioso através do serviço ao próximo. O termo religioso ou vocacionado religioso pode ser empregado para designar o cristão que se dedica ao serviço da comunidade como forma de dedicação a Deus. Darrow Miller afirma que "nosso chamado é, antes de tudo, à salvação, mas que cada crente recebe também seu chamado à vocação que contribuirá de maneira específica para o avanço do Reino de Deus."[7]

[4] CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre a Gestão, Liderança e Ética.** 21th ed. São Paulo: Vozes; 2007. p.21.
[5] MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. p.76.
[6] CORTELLA, M. S. op. cit., p.21.
[7] MILLER, D. **Vocação - Escreva sua Assinatura no Universo.** Curitiba: Instituto de Publicações Transforma e DNA Brasil, 2012. p.153.

O autor destaca a respeito de uma fusão entre área de atuação profissional e testemunho do evangelho acontecendo, simultaneamente, à medida que venhamos viver a vocação no campo profissional como nossa obra de testemunho a tempo e fora de tempo.

De acordo com César (2002 p.18), Martinho Lutero acreditava na vocação universal, proferindo que "Todo crente tem uma vocação na vida porque tem uma posição e, nesta posição, ele encontra sempre oportunidade de servir". Ainda de acordo com o autor,

> "O povo de Deus não tem que ficar esperando um chamado extra especial, uma sarça que arde sem se consumir. Pela sua própria natureza, a igreja já é um povo chamado, separado, eleito e designado para proclamar as boas novas".[8]

**A Participação da igreja no contexto educacional e de desenvolvimento da vocação**

Faremos uma escala em nosso voo para considerarmos o que Malik (1982, *apud* Goheen & Bartholomew, 2016) ressalta sobre o fato que todos os líderes mundiais e de todas as esferas das sociedades ao redor do mundo foram preparados pela educação que receberam, para reafirmar que não existiriam lideranças competentes sem uma educação eficiente.

Desde a primeira escola até a universidade, as bases e estruturas são montadas para a formação dos governantes e das pessoas que exercerão grande influência em todos os setores. Os profissionais das mais diversas áreas e esferas de atuação, incluindo as lideranças das igrejas, têm em comum uma longa caminhada de aprendizagem e a passagem pela universidade. Essa é uma fase de grande relevância para a formação profissional e para capacitar o cristão para exercer sua vocação na área de sua especialidade.

Miller (2012) nos convida a olhar para a história do ensino superior e constatar avalorosa participação dos cristãos desde a idade média, quando da fundação das primeiras universidades.

[8] CÉSAR, K. M. L. **Vocação: Prespectivas Bíblicas e Teológicas.** Viçosa: Ultimato, 2ª ed. 2002. p.18.

A Universidade de Bolonha na Itália foi a primeira a surgir dentro da concepção moderna de instituição de ensino superior e de onde nasceu o termo Universidade. Em seguida, surgiram as universidades da Espanha, Escócia, Suécia, Polônia, a Universidade de Paris e Oxford na Inglaterra, Alemanha, Portugal e Áustria. Outras renomadas universidades, também fundadas por cristãos, permanecem com grande reputação até os dias presentes, como é o caso de Harvard, Yale e Princeton que são parte das mais de cem universidades cristãs que estavam entre as primeiras a serem fundadas nos Estados Unidos de acordo com o mesmo autor.

O compromisso com a educação superior e a atuação no ensino, na pesquisa e extensão marcam a história do cristianismo, influenciando as sociedades ao longo dos séculos. Por causa disso, é tão importante que os acadêmicos cristãos continuem se posicionando e exercendo influência através de sua produção. Infelizmente, segundo já anunciava Marsden (1998) muitos acadêmicos cristãos têm optado por omitirem suas crenças em suas pesquisas e produções, em um esforço de adaptação à cosmovisão humanista na busca pela boa aceitação da academia. De certa forma, esse posicionamento acaba por criar um abismo dividindo a vocação acadêmica da cristã. Goheen e Bartholomeu (2016) chamam a atenção das instituições acadêmicas cristãs a considerarem a influência da tradição acadêmica ocidental, originária da antiga Grécia, quanto da tradição cristã no ensino superior iniciada pelos pais da igreja.

Diante disso, cabe a estas instituições garantirem que não viverão fechadas em si mesmas, mas buscarão exercer influência relevante na academia. Essa abertura, contribuirá para fortalecer a vocação dos acadêmicos cristãos que só será evidenciada através de uma contribuição crítica e relevante, demonstrando desenvoltura ao trilhar pela tradição ocidental sem perder de vista sua função de sal da terra. Essa participação crítica na cultura e educação, deve estar fundamentada na cosmovisão cristã, imprimindo os valores do evangelho em todas as etapas do sistema educativo, através dos serviços que se busca oferecer.

A educação desenvolvida pelas escolas confessionais oferece uma reflexão do evangelho capaz de inspirar uma visão de mundo alinhada com a perspectiva bíblica. Isto é possível graças à construção e implementação de currículos fundamentados nos valores cristãos, abordagens de ensino e aprendizagem pautadas por princípios bíblicos.

No entanto, Hull (2003) chamou a atenção para o fato de que muitas escolas cristãs ou confessionais se equivocam, pensando estarem oferecendo educação cristã, estão apenas educando cristãos. Mesmo cheias de boa vontade e boas intenções podem sucumbir ao modelo humanista por consentirem em muitos aspectos como meio de se adequar aos padrões do ensino público. O equívoco está em acreditar que apenas trabalhando questões ligadas a integridade, valores morais e vida devocional estaremos oferecendo uma educação genuinamente cristã.

Postman (1996) afirma que “sem objetivo, o aprendizado não tem nenhum propósito. Sem um propósito, as escolas são casas de detenção, não de atenção".[9] O que nos leva a questionar qual o propósito da educação  numa perspectiva cristã e qual a função das instituições confessionais. Se a escola serve à sociedade, de que forma a educação cristã a deve impactar? Qual a vocação das instituições cristãs neste século XXI? Como elas devem contribuir para a formação dos vocacionados a fim de que eles testemunhem acerca do evangelho em suas interações nas diferentes esferas da sociedade?

As instituições educacionais cristãs não devem se conformar em apenas atender aos padrões de excelência da educação secular, mas reconhecer que seu principal papel é testemunhar, influenciando o sistema educativo por meio do evangelho, enquanto prepara seus alunos para fazerem o mesmo na sociedade. Esse testemunho educacional é o que deve segundo Darrow Miller (2012) pautar as decisões curriculares, de pedagogia e liderança. Para o autor,

[9] POSTMAN, N. **The end of Education, Redefining the Value of School.** New York: Vintage Books, a Division of Random House, inc.1996. p.7.

> "Uma visão bíblico-cristã da educação busca instruir, crianças, jovens e adultos para extrair da criação o bom potencial e os recursos que Deus nos ordenou que cuidássemos. à medida que buscamos "trazer para fora" as crianças e os alunos para obedecerem às leis e à verdade de Deus, então estaremos educando crianças que estarão quando adultas, prontas para resgatar, renovar e transformar aspectos de suas sociedades. Essa é a grande contribuição que os educadores cristãos podem fazer para suas escolas e sociedades. Ocupar territórios na educação para o reino sempre foi um dos principais objetivos do cristianismo em toda a história."[10]

**Jesus, O Grande Educador Vocacionado**

Ser educador por vocação é conseguir ter uma causa tamanha pela qual vidas possam ser transformadas e influenciadas, pois como apresentado por Brandão (2007):

> "A educação, tratando-se de uma prática antropológica, exige que o educador seja um técnico de relação. Ir ao encontro do outro sem esperar nada em troca, mas com a missão de acolher a alteridade como uma riqueza única, irrepetível e misteriosa, é a principal missão de quem, na sua profissionalidade e com o seu saber, é chamado a ajudar a crescer, a caminhar, a propor caminhos e projetos de vida".[11]

Influenciar a sociedade através da educação, através de sua atuação e seu modelo de ensino foi uma missão iniciada por Jesus e transferida a seus seguidores, seus discípulos que com ele andaram, e a nós, seus discípulos nos dias atuais. Quando educamos, mediamos a aprendizagem sobre o mundo, o mesmo acontece quando somos educados, aprendemos como devemos agir na sociedade, na porção onde podemos intervir e interagir no mundo.

[10] MILLER, D. **Vocação - Escreva sua Assinatura no Universo.** Curitiba: Instituto de Publicações Transforma e DNA Brasil, 2012. p.257.
[11] BRANDÃO, P. S. da S. **A Pedagogia Social, uma antropologia da proximidade, hospitalidade e serviço.** Cadernos de Pedagogia Social.Universidade Católica Portuguesa, 2007. p.110.

Quando Jesus começou seu ministério de ensino neste mundo, ele foi encontrando e chamando seus aprendizes, seus discípulos, e empregando as metodologias, que nos dias atuais ainda são consideradas modernas, para ensinar tudo que seus seguidores deveriam saber sobre seu reino e as estratégias que deveriam empregar para implantá-lo. Ele costumava andar com as pessoas, usar exemplos do cotidiano, envolvê-las nas resoluções dos problemas, características que colocam Jesus na posição de grande educador, que empregando metodologias que hoje se consagram como sendo ativas, colocava seus aprendentes no centro de sua aprendizagens e os ensinava enquanto caminhava com eles.

Ao contrário dos fariseus, recusava-se a estar no centro das grandes assembleias, mas preferia estar ao lado de seus discípulos, ensinando-os de maneira prática, envolvendo-os nas tomadas de decisões, educando pelo exemplo e acima de tudo considerando os conhecimentos e experiências prévias de seus aprendentes. Quando ele chamou os pescadores para iniciarem uma caminhada de aprendizagem ao seu lado, ele os prometeu fazer pescadores homens (Mateus 4:19; Marcos 1:17). Ele estava valorizando suas experiências vividas até ali e escolheu ilustrar a missão para a qual os chamava dentro de uma perspectiva conhecida, contextualizada e compreensível. Para uma comunidade que vivia a beira do mar, ele ensinava no seu próprio contexto e usava a atual e consagrada técnica de *storytelling*, esta arte que segundo Peterson e Boris (2017) tem o poder de engajar, influenciar, ensinar e inspirar os ouvintes e que há muito tempo era conhecida como Parábola. Marcos (4:1-2) nos mostra uma destas ocasiões:

> "Jesus começou a ensinar outra vez à beira-mar. E uma numerosa multidão se reuniu em volta dele, de modo que entrou num barco, onde se assentou, afastando-se da praia. E todo o povo estava à beira-mar, na praia. Assim, ensinava-lhes muitas coisas por parábolas e, durante o seu ensino, dizia..."[12]

[12] DE ALMEIDA, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. Mc 4.1–2.

Pensando na aprendizagem, se o termo pedagogo foi originado no ato de guiar o aluno pelo caminho para a aprendizagem, Jesus, o maior educador de todos os tempos, é o próprio caminho. Ele mesmo, se apresenta como o caminho, a verdade e a vida (João 4:16). Conhecendo a Verdade o discípulo será liberto (João 8:32), Cristo é essa verdade. O conhecimento, liberta o discípulo para o pleno exercício de sua vocação. Conhecer a verdade sobre o reino de Deus, e sua missão de embaixador deste reino na terra, confere ao discípulo, atuando em qualquer esfera da sociedade, a capacidade e liberdade para testemunhar plenamente sobre o reino de Jesus.

Para Jung Mo Sung, co-autor do livro "Todos somos Vocacionados"(2019) os filhos de Deus enfrentam um grande desafio de viver na liberdade do Reino de Deus, pois são diariamente pressionados a se conformar com o modelo e valores do mundo, desafio que se observa até mesmo dentro das igrejas.

Depois de terem caminhado lado a lado com Jesus, aprendendo com suas histórias, e pela observação de seus exemplos, participando ativamente do seu grande projeto pedagógico, os discípulos foram enviados a continuar a missão. Em Mateus (28:19-20) vemos Jesus instruir aqueles com quem caminhou e que aprenderam de perto com ele, que agora, deveriam ir e fazer o mesmo. Jesus chamou a atenção para a maneira que deveriam proceder com os novos discípulos, "ensinando-os a guardar todas as coisas" assim como haviam aprendido com ele.

Essa metodologia de Jesus leva-nos a refletir na nossa grande missão e vocação, que é continuar despertando outros vocacionados e conduzi-los para a salvação em Cristo Jesus. Além disso, sendo também vocacionados para a educação, atuando em diversas áreas da formação profissional, nos cabe ainda a missão de contribuir para desenvolvimento de outros discípulos a fim que estes também exerçam a vocação profissional numa perspectiva bíblica de chamado e de serviço, onde os valores do Reino venham a ser conhecidos e vivenciados.

**Considerações Finais**

Para entendermos a responsabilidade da educação para a formação de cristãos vocacionados para a salvação e para a expansão do reino de Deus, é preciso, primeiramente, responder a pergunta: Por que educar?

Sabemos que as instituições de educação trabalham em cooperação para formar cidadãos que atendam certas demandas, esculpindo o perfil do cidadão que a sociedade almeja. Nos nossos dias, fala-se muito da educação do Século XXI, para preparar o aluno dentro de um processo educativo a fim que ele adquira competências que o possibilitem enquanto cidadão, para atuar nessa sociedade tão exigente.

Podemos dizer que a educação é a argamassa para a construção da sociedade, uma vez que é responsável por mediar em todas as suas etapas a formação do cidadão, sem ignorar sua capacidade de reflexão e crítica. É preciso admitir que a educação acontece com objetivos e fins determinados de aprendizagem, mas que ela também acontece para transmitir e inculcar princípios e valores, pois à medida que a sociedade evolui os padrões de educação evoluem com ela e suas demandas.

Vamos aqui, então, nos prepararmos para uma aterrissagem, recolher nossas bagagens, desfazê-las e refazê-las outras tantas vezes necessárias para que possamos sair de um lugar e chegarmos a um outro, numa reflexão contínua sobre a nossa *poiesis* enquanto educadores.

Nossa identidade vocacional vai sendo solidificada ao longo de nossa caminhada, definindo a postura que assumimos em relação ao outro e assumimos a responsabilidade sobre o que fazemos com a vocação que nos foi conferida.

A nossa vocação a serviço de Deus na educação demanda que antes de começarmos a mudar o mundo alinhemos a visão que temos dele à cosmovisão cristã, a fim de cumprirmos nossa missão com a certeza declarada em Provérbios 16:4, de que "O Senhor fez todas as coisas para determinados fins" e instituiu a nós, seus discípulos neste mundo, neste tempo, nesta sociedade, neste lugar em que estamos para mudar o enfoque fundamental das práticas educacionais, para vivenciar práticas mais ricas, abertas e significativas de comunicação pedagógica inovadora, profunda e criativa que estejam acima de tudo alinhadas aos valores do Reino.

**Referências**

ALMEIDA, F. J. **O Educador: Magnanimidades e Ambiguidades.** 2001. Recuperado de: https://www.scielo.br/j/spp/a/LJSPdKxGMKnsDxSYMRWwQmg/?format=pdf&lang=pt

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 5.

BRANDÃO, P. S. da S. **A Pedagogia Social, uma antropologia da proximidade, hospitalidade e serviço.** Cadernos de Pedagogia Social. Universidade Católica Portuguesa, 2007. Recuperado de http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/CadernosPedagogiaSocial/CPSocial01.pdf#page=107

CENEDESI. R. T. F. **Proposta educativa de aprendizagem-serviço como atividade acadêmica de extensão no Curso Superior de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Ribeirão Preto - SP**, Brasil. Brasil, 2020. Recuperado de: http://hdl.handle.net/10400.2/10798

CÉSAR, K. M. L. **Vocação: Perspectivas Bíblicas e Teológicas.** Viçosa: Ultimato, 2ª ed. 2002.

CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre a Gestão, Liderança e Ética.** 21th ed. São Paulo: Vozes; 2007.

DE ALMEIDA, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

GOHEEN, M. W. & BARTHOLOMEW,C.G. **Introdução à cosmovisão cristã -Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea.** São Paulo: Vida Nova, 2016. Recuperado de: https://doi.org/10.1177/073989130800500114

HULL, J. E. **Aiming for Christian education, settling for Christians educating: the Christian's school's replication of the public school paradigm**, Christian Scholar's Review 32, n.2, p. 203-223, 2003.

JAMATI, V. I. **Educação e Sociedade.** Recuperado de: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164140I8jYT5vr0Zz29IH8.pdf

MARSDEN, G. M. **The outrageous idea of a Christian scolarchip.** New York : Oxford University Press, 1998

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário.** São Paulo: Summus, 2015.

MILLER, D. **Vocação - Escreva sua Assinatura no Universo.** Curitiba: Instituto de Publicações Transforma e DNA Brasil, 2012.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

PETERSON, L. e BORIS, V. **The Science Behind The Art Of Storytelling,** Harvard Business Publishing Corporate Learning,2017. Recuperado de: https://www.harvardbusiness.org/the-science-behind-the-art-of-storytelling/

POSTMAN, N. **The end of Education, Redefining the Value of School.** New York: Vintage Books, a Division of Random House, inc.1996

RATCLIFF, D. **Book Review: The Bible and the task of teaching.** Christian Education Journal, 5(1), 190–195, 2008.

SENADO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Artigo 205. 1988. Recuperado de: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf

-- **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Título VI. Artigo 61, Inciso IV. 1996. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>

SUNG. J. M. **Vocação como diálogo e a liberdade cristã.** In: Nascimento, Analzira at Al . Todos Somos Vocacionados . Viçosa: Ultimato,2019. E-book.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# A VOCAÇÃO DA IGREJA DE CRISTO PARA O CUIDADO COM A CRIAÇÃO

**Adriana Brito da Silva**

Mestre em Ciência Ambiental pela Universidade de São Paulo (2000), possui Especialização em Economia Ambiental (UFPR) e também em Mudanças Globais e Desenvolvimento Sustentável (INPE), e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (1994). Trabalha no Ministério do Meio Ambiente (MMA), no Departamento de Clima (DCL) da Secretaria de Clima e Relações Internacionais (SCRI), com o tema de Adaptação à Mudança do Clima. Fez parte da equipe que coordenou a elaboração do Plano Nacional de Adaptação (PNA) à Mudança do Clima, coordenando o processo de elaboração da Estratégia Nacional de Desenvolvimento de Capacidades em Adaptação à Mudança do Clima, além de compor a equipe que elaborou a estratégia de adaptação da Zona Costeira Brasileira à Mudança do Clima. Atuou também como professora universitária por 12 anos, tendo sido Professora Substituta na Universidade Federal do Pará (UFPA); Professora Adjunta e coordenadora do curso de Bacharelado em Biologia no Centro Universitário do Pará (CESUPA); e Professor Titular no Instituto de Estudos Superiores da Amazônia. No período de docência universitária, adquiriu experiência não somente na área do ensino e orientação, mas também em gestão acadêmica. Área de atuação no ensino superior: Ecologia de Ecossistemas, Educação Ambiental, Meio Ambiente, Zona Costeira (manguezal); Legislação Ambiental e Mudança do Clima. Possui experiência transcultural, tendo trabalhado por 2 anos em projeto voluntário no oeste africano (língua francesa), no Senegal e no Níger, além também de projetos de curta duração na África do Sul.

**Daniel da Cruz Moulié Corrêa**

Especialização em Engenharia Ambiental pela Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro (2013), Bacharel em Química Plena pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2008), e Bacharel (livre) em Teologia no Seminário Teológico Batista Carioca (2015). Serve na Junta de Missões Mundiais desde 2016, coordenando a área de Segurança e Inteligência Missionária e responsável pelo Núcleo de Pesquisa - daniel.moulie@jmm.org.br

# A VOCAÇÃO DA IGREJA DE CRISTO PARA O CUIDADO COM A CRIAÇÃO

**Resumo**
O processo de degradação do meio ambiente tem aumentado a cada ano. A sociedade tem se mobilizado para discutir ações contra a degradação ambiental. Compreender a vocação da igreja de Cristo de acordo com a teologia da criação é vital. A metodologia foi a pesquisa qualitativa a partir de referências bibliográficas de referência na temática ecológica. Deseja-se inspirar a igreja a cultivar e cuidar melhor da terra, e, ao assim fazê-los, viver-se-á de forma prática os ensinamentos de Jesus Cristo.

**Palavras-Chave:** Teologia. Ecologia. Vocação. Igreja.

**Abstract**
The process of environmental degradation has increased every year. Society has mobilized to discuss actions against environmental degradation. Understanding the vocation of the church of Christ according to the theology of creation is vital. The methodology was qualitative research based on bibliographic references in ecological and theological themes. It is hoped to inspire the church to better cultivate and care for the earth, and in so doing, to live the teachings of Jesus Christ in a practical way.

**Keywords:** Theology. Ecology. Vocation. Church.

**Introdução**

O Relatório de Brundtland definiu desenvolvimento sustentável como "aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades"[1].

Segundo Vizeu, Meneghetti & Seifert (2012), "o conceito surge em razão do processo de degradação econômica, fragilidade política e destruição da natureza como tentativa de amenizar o gérmen do sistema de produção capitalista: exploração, destruição e alienação".[2]

Refletindo sobre o Relatório de Brundtland após 30 anos, Japiassú & Guerra (2017) reescreve a definição de desenvolvimento sustentável, apresentando que,

> "...a proteção do meio ambiente e o uso equitativo dos recursos naturais são necessários para que possam ser atendidas as necessidades das gerações presentes sem comprometer os direitos das gerações futuras, por meio de uma lógica de solidariedade entre as gerações."[3]

Leonardo Boff (2010) afirma que a expressão "desenvolvimento sustentável" sofreu fortes críticas, desde o início, devido aos termos contraditórios: desenvolvimento e sustentabilidade. Não se limitando aos termos, o autor apresenta que o processo de crescimento é conflitante com o processo da sustentabilidade, e apresenta que a lógica intrínseca do processo de crescimento é a exploração irrestrita de todos os recursos naturais com os propósitos de: ampliar o capital, acelerar o dispêndio e amplificar a manufatura.[4]

---

[1] BRUNDTLAND, Gro Harlem; COMUM, **Nosso Futuro. Relatório Brundtland.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991. p. 46.
[2] VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. **Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável.** Cadernos Ebape. br, v. 10, p. 569-583, 2012.
[3] JAPIASSÚ, Carlos Eduardo; GUERRA, Isabella Franco. **30 anos do relatório Brundtland: nosso futuro comum e o desenvolvimento sustentável como diretriz constitucional brasileira.** Revista de Direito da Cidade, v. 9, n. 4, p. 1884-1901, 2017. p. 1890.
[4] BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo.** Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 22.

Segundo Leonardo Boff, "desenvolvimento e sustentabilidade representam lógicas opostas e contraditórias. São termos que se repugnam. A expressão desenvolvimento sustentável como proposta global para sairmos da crise mundial é um engodo."[5]

É possível existir a preservação do meio ambiente, tendo como princípio o uso racional dos recursos naturais dando a capacidade do ecossistema de se regenerar?

Em 1992, na ECO-92, a Carta da Terra começou a ser discutida e escrita, terminando sua redação em 2000, em Paris, e nela são apresentados princípios de respeitar e cuidar da comunidade de vida, integridade ecológica, justiça social e econômica, e, democracia, não violência e paz.[6] Segundo Leonardo Boff (2010), a Carta da Terra é um documento que posiciona a Terra, a vida e a humanidade no cerne das preocupações políticas, econômicas e espirituais.[7]

> "A Carta da Terra é uma declaração de princípios fundamentais para a construção de uma sociedade global no Século XXI, que seja justa, sustentável e pacífica. A mesma procura inspirar em todos os povos um novo sentido de interdependência e de responsabilidade compartilhada para o bem-estar da família humana e do mundo em geral. É uma expressão de esperança e um chamado a contribuir para a criação de uma sociedade global no âmbito de uma conjuntura histórico-crítica. A visão ética inclusiva do documento reconhece que a proteção ambiental, os direitos humanos, o desenvolvimento humano equitativo e a paz, são interdependentes e indivisíveis. Isto fornece um novo marco com relação à maneira de pensar sobre estes temas e de como abordá-los. O resultado também inclui um conceito mais amplo sobre o que é o desenvolvimento sustentável."[8]

[5] BOFF, 2010, p. 22.
[6] DA TERRA, Carta. **A carta da Terra. Eco-92. Rio de Janeiro: Comissão Carta da Terra**, 2000. p. 2-3.
[7] BOFF, 2010, p. 27.
[8] DA TERRA, 2000. p. 1.

Segundo Leonardo Boff (2009), a Carta da Terra foi escrita com a finalidade de "enfrentar a crise ecológica global para reforçar o lado promissor da existência que contém a esperança de que outra Terra é possível."[9]

**Vocação e o cuidado da criação**

Leonardo Boff, em seu livro "Ecologia, Mundialização, Espiritualidade", reflete a corresponsabilidade do cristianismo com a crise ecológica. O autor afirma que "o ser humano é o representante de Deus na criação e aquele que prolonga a obra criadora de Deus. Deus criou o ser humano criador[10]. Será que o aquecimento global e a mudança do clima não deveriam ser vistos como algo em que a igreja de Cristo também possui responsabilidade? Diante disto, qual seria a inclinação da igreja frente aos desafios ecológicos globais?

A humanidade, muitas vezes, encara a preservação ambiental como irrelevante frente aos problemas humanos, que, para alguns, é muito mais crítico do que se preocupar com o meio ambiente. Uma questão importante para essa problemática é a falta do ensino sobre a criação, que está profundamente conectada com o caráter de Deus. O ensino da criação tem relação com o mundo e toda a experiência humana, entretanto, o ensino da criação se torna incompleto. Assim sendo, é necessário o ensino da redenção, cuja relação é com a igreja e a nova criação, abrangendo o convite para participar do Reino de Deus.[11]

Segundo Leonardo Boff (2013), o cuidado é a direção mais apropriada para perceber as divisões e tensões quando apontar alguma crise, propiciando o consenso e buscando a harmonia.[12] De igual modo, o autor reafirma que,

[9] BOFF, Leonardo. **A opção-Terra: a solução para a Terra não cai do céu.** Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 184.
[10] BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade. Rio de Janeiro: Record.** 2008. p. 59.
[11] HARRIS, Peter. **A Rocha: uma comunidade evangélica luta pela preservação do meio ambiente.** São Paulo: ABU Editora, 2001. p. 50-52.
[12] BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética, e na espiritualidade.** 2ª Edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 26.

> "O cuidado é exigido em praticamente todas as esferas da existência, desde o cuidado do corpo, dos alimentos, da vida intelectual e espiritual, da condução geral da vida até ao se atravessar uma rua movimentada. Como já observava o poeta romano Horácio, o cuidado é aquela sombra que sempre nos acompanha e nunca nos abandona porque somos feitos a partir dele."[13]

Milton Schwantes, em seu livro "Deus vê, Deus ouve!", comenta a relação da terra em Gênesis. O autor dá ênfase de conteúdo, primeiro, na questão da família, segundo, na temática da contribuição à paz, e, por fim, na temática da terra, destacando que a terra é promessa. "As terras são de promessa, mas, nelas, faz-se necessário aprender a conviver com quem lá está estabelecido. A terra é dádiva na medida em que é negociada, na medida em que nela há espaço para todas e todos."[14] Em Gênesis 1.26-28 é possível ver dois verbos que foram assumidos literalmente: dominar e subjugar. Esses dois verbos dão sustentação para o consumo desenfreado e exploração irrestrita de todos os recursos naturais, tendo seu sentido literal predominado no seio da igreja de Cristo. Entretanto, Leonardo Boff (2008) afirma que esses verbos se aplicam no sentido de "administrar uma herança recebida do Pai e cuidar dela."[15]

Em Gênesis 2.15, diz que, "o Senhor colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo". Bomtempo (org.) reflete que o conceito usado para desenvolvimento sustentável nada mais é do que uma aplicação de Gênesis 2.15 que sintetiza a finalidade de todos os seres humanos. A mesma discute que "cultivar" e "cuidar" pode ser entendido como um modo de desenvolvimento e compreendido como um ato de zelo ambiental, respectivamente. De igual modo, Bomtempo (org.) afirma que Jesus estimula que todos se adaptem de forma prática o viver diário, não se limitando a palavras, mas de acordo com os propósitos de Deus para todos.[16]

[13] Ibid., p. 27.
[14] SCHWANTES, Milton. **Gênesis 12-25. Deus vê – Deus ouve.** São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 24-25.
[15] BOFF, 2008, p. 60.
[16] BONTEMPO, Gínia César. **Assim na terra como no céu: experiências socioambientais na igreja local**. Viçosa: Ultimato, 2011. p. 48.

A relação de Jesus com a terra é inspiradora e demonstra que Jesus não veio somente para salvar a humanidade; mas, também veio para redimir a terra. A atitude de Cristo em relação à terra molda a perspectiva daqueles que praticam os ensinamentos de Jesus. As bases teológicas para o desenvolvimento sustentável não se limita ao Antigo Testamento, mas é possível identificá-las nos relatos de Jesus nos Evangelhos. Jesus Cristo é o único caminho para que a terra seja capaz de ser liberta da maldição do pecado. Como resultado do pecado de Adão, a terra foi amaldiçoada e somente Jesus é o caminho para o perdão, a cura e a restauração de todos.[17]

> A essência da queda foi o desejo arrogante do homem de ter autonomia, uma rebelião contra a autoridade e a benevolência do Criador. A devastação causada por esta tentativa de inversão de status e a maldição que atraiu, afetaram não apenas o relacionamento espiritual do homem com Deus e os seus relacionamentos pessoais e sociais, como também com todo o seu ambiente material e econômico. Assim, em vez de acesso compartilhado e uma mordomia responsável para com os recursos da terra, a terra e os recursos tornaram-se a maior causa primária de lutas e guerras entre os homens.[18]

Segundo Moltmann, Cristo tem a função de mediador da criação. “Cristo como fundamento da criação de todas as coisas (*creatio originalis*); Cristo como força motora da evolução da criação (*creatio continua*); e Cristo como Redentor de todo o processo da criação (*creatio nova*).”[19]

> “Com isso, na verdade, apenas estamos retomando a doutrina veteroprotestante do triplo officium regium Christi e a desdobramos dentro dos modernos conhecimentos: Cristo reina no regnum naturae, no regnum gratiae e no regnum gloriae. Com essa visão integral podem ser evitadas aquelas unilateralidades que oneraram a cristologia cósmica até agora.

[[17] JONES, James. **Jesus e a Terra – a ética ambiental nos evangelhos.** Viçosa: Ultimato 2008. p. 21-27.
[18] WRIGHT, Christopher J.H. **Povo Terra e Deus – a relevância da ética do Antigo Testamento.** 1ª Edição, São Paulo: ABU Editora, 1991. p. 75.
[19] MOLTMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas.** Santo André: Ed. Academia Cristã, 2009. p. 424.

> Quando se fala apenas de Cristo, o fundamento da criação, então esse mundo muitas vezes tão caótico é transfigurado, de forma ilusória, em harmonia e pátria. Quando se fala somente de Cristo, o "Evolutor", então o próprio processo ficam definitivamente esquecidas. E por fim, quando se tem em vista apenas o Cristo vindouro, que deverá redimir o mundo, então se vê apenas este mundo necessitado de redenção, e nada da bondade do Criador e das marcas de sua beleza em todas as coisas."[20]

Michael W. Goheen (2016) afirma que "o enredo principal da Bíblia é a narrativa de como Deus restaura uma criação que tinha sido desfigurada pelo pecado: em primeiro lugar vem a Criação seguida pela Queda, e depois disso vem a restauração."[21] Em toda a Bíblia, o Deus Criador e Sustentador de todas as coisas convida a humanidade para um relacionamento pessoal e, convida, também, para que todos, através de suas responsabilidades individuais, possam contribuir para o avanço do Seu Reino. O primeiro convite de Deus é à salvação, que todo cristão deve responder, e o segundo convite é à vocação, que é para todo cristão. Todos as pessoas, em Cristo, são convidadas à expansão do Reino de Deus, levando verdade, justiça e beleza através da fé e vocação. O convite de Deus aos cristãos é um convite que indica para Cristo e é um convite para que todo cristão seja luz do Reino de Deus no mundo.[22]

David bosch (2002) apresenta que "a missão não é primordialmente uma atividade da igreja, mas um atributo de Deus. Deus é um Deus missionário."[23] Peter Harris apresenta, também, que "missão não se define por nenhuma atividade em particular, mas pela intenção clara de viver o que significa o Reino de Deus...isto significa que não existe uma classe profissional de missionários...a missão é coisa de todos os cristãos..."[24]

---

[20] Ibid., p. 424-425.
[21] GOHEEN, Michael W. **Introdução à cosmovisão cristã – vivendo na interseção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 62.
[22] MILLER, Darrow L. **Vocação – escreva sua assinatura no universo.** 1ª edição, Curitiba: Publicações Transforma, 2012. p. 153-154.
[23] BOSCH, David. J. **Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002. p.468.
[24] HARRIS, 2001, p. 121.

> "A ecologia...nos facilita entender o conceito teológico da criação...A reflexão cristã dominante não aprofundou muito o mistério da criação. Por razões históricas e institucionais, se concentrou muito mais no mistério da redenção. Mas sempre houve também uma vertente forte que soube articular melhor a criação com a redenção, como a herança de São Francisco..."[25]

**Considerações finais**

James Jones (2008) afirma que,

> "O único caminho pelo qual a terra pode ser liberta de sua maldição é o perdão, a cura e a restauração da descendência de Adão. Não são apenas os teólogos cristãos, muçulmanos e judeus que concordariam com este ponto de vista. Muitos ambientalistas, ativistas e lobistas poderiam testificar que a integridade da terra e o futuro do planeta dependem do arrependimento e da restauração da integridade da família humana."[26]

Leonardo Boff (2013) afirma que "o cuidado está ligado a questões vitais que podem significar a destruição do nosso futuro ou a manutenção da nossa vida sobre este pequeno e belo planeta."[27] Bomtempo (org.) reforça que "a mordomia do meio ambiente é parte do evangelho integral e da missão de Deus no mundo..."[28]

Entender o convite de Deus é primordial para o progresso de uma teologia bíblica da vocação. O convite de Deus não é separado, dividido ou fracionado, mas engloba todo o ser e contexto. Infelizmente a igreja anuncia o convite de Deus somente para a salvação da alma à eternidade. O convite de Deus para todos é o envolvimento por completo e em todos os seus relacionamentos, incluindo o relacionamento de todo cristão com Ele, com seu próximo e com a criação.[29]

[25] BOFF, 2008, p.61.
[26] JONES, 2008, p. 27.
[27] BOFF, 2013. p. 39
[28] BONTEMPO, 2011, p.66.
[29] MILLER, 2012, p. 154-155.

David Bosch (2002) diz que "participar da missão é participar do movimento de amor de Deus pra com as pessoas, visto que Deus é uma fonte de amor que envia."[30] Peter Harris (2001) afirma que "missão é todo o evangelho, porque o evangelho nunca foi somente palavras acerca da salvação...os discípulos de Jesus precisam viver essa vida...só assim a missão irá abranger o todo da experiência humana."[31] Quem sabe ao se refletir sobre a importante da criação para Deus, não seria possível contribuir para que o próximo entendesse e acentuasse o cuidado com a terra?[32] A missão da igreja cristã é abrir os olhos da humanidade e levantar a voz em socorro das prerrogativas da própria criação quanto ao cuidado.[33]

> "Precaução, cuidado e responsabilidade quanto ao uso dos recursos não-renováveis da terra são atitudes que definitivamente precisam ser incorporadas ao cristão no século 21. Cuidar é mais do que um ato. É uma atitude de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. Sem o cuidado, o ser humano deixa de ser humano. Colocar cuidado em tudo o que faz ou imagina é característica humana essencial e singular. E isso vale tanto para a esfera humana quanto na relação com o meio ambiente e o próprio cosmo. Para que o futuro seja diferente do que hoje está projetado nas estatísticas e no desdobramento do que já aconteceu e está planejado, é urgente assumir este no ethos do cuidado..."[34]

Frente ao desafio global que se apresenta à humanidade, em particular pela certificação do aquecimento global e pela mudança do clima, é extremamente necessário formar uma aliança global para cuidar da Terra.[35] É preciso rever concepções do passado, atualizar antigas visões, projetar outras e buscar novas respostas que afligem a humanidade e estimulam a igreja de Cristo para os desafios ecológicos. Deseja-se que esse artigo possa inspirar a igreja de Cristo a cultivar e cuidar melhor da terra, e, assim fazendo, viverá de forma prática os ensinamentos de Jesus Cristo.

[30] BOSCH, 2002, p. 468.
[31] HARRIS, 2001, p. 120.
[32] Ibid., p. 52.
[33] ZWETSCH, Roberto Ervino. **Ecologia e espiritualidade: uma reflexão missiológica.** Estudos Teológicos. V.48 n.1, p. 64-82, 2008. p.69
[34] Ibid., p.69
[35] BOFF, 2009, p.198.

**Referências**

BOFF, Leonardo. **A opção-Terra: a solução para a Terra não cai do céu.** Rio de Janeiro: Record, 2009. p.222.

BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo.** Rio de Janeiro: Record, 2010. p.330.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade.** Rio de Janeiro: Record. 2008. p.235.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética, e na espiritualidade.** 2ª Edição – Petrópolis: Vozes, 2013. p.287.

BONTEMPO, Gínia César. **Assim na terra como no céu: experiências socioambientais na igreja local** / Gínia César Bontempo, org. Viçosa: Ultimato, 2011. p.152.

BOSCH, David. J. **Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão.** São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002. p.690.

BRUNDTLAND, Gro Harlem; COMUM, Nosso Futuro. **Relatório Brundtland.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DA TERRA, Carta. **A carta da Terra.** Eco-92. Rio de Janeiro: Comissão Carta da Terra, 2000.

ESTENDER, Antonio Carlos; PITTA, Tercia de Tasso Moreira. **O conceito do desenvolvimento sustentável.** Revista Terceiro Setor & Gestão de Anais-UNG-Ser, v. 2, n. 1, p. 22-28, 2008.

GOHEEN, Michael W. **Introdução à cosmovisão cristã – vivendo na interseção entre a visão bíblica e a contemporânea.** São Paulo: Vida Nova, 2016. p.272.

HARRIS, Peter. **A Rocha: uma comunidade evangélica luta pela preservação do meio ambiente**. São Paulo: ABU Editora, 2001. p. 205.

JAPIASSÚ, Carlos Eduardo; GUERRA, Isabella Franco. **30 anos do relatório Brundtland: nosso futuro comum e o desenvolvimento sustentável como diretriz constitucional brasileira.** Revista de Direito da Cidade, v. 9, n. 4, p. 1884-1901, 2017.

JONES, James. **Jesus e a Terra – a ética ambiental nos evangelhos.** Viçosa: Ultimato, 2008. p.128.

MILLER, Darrow L. **Vocação – escreva sua assinatura no universo.** 1ª edição, Curitiba: Publicações Transforma, 2012.

MOLTMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas.** Santo André: Ed. Academia Cristã, 2009. p.512.

SCHWANTES, Milton. **Gênesis 12-25. Deus vê – Deus ouve.** São Leopoldo: Oikos, 2009. p.280.

VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. **Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável.** Cadernos Ebape. br, v. 10, p. 569-583, 2012.

WRIGHT, Christopher J.H. **Povo Terra e Deus – a relevância da ética do Antigo Testamento.** 1ª Edição, São Paulo: ABU Editora, 1991. p.231.

ZWETSCH, Roberto Ervino. **Ecologia e espiritualidade: uma reflexão missiológica.** Estudos Teológicos. V.48 n.1, p. 64-82, 2008.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022

# VOZES DO CAMPO

# *LÁ ONDE NÃO HÁ ESPERANÇA*

**veralúcia Ferreira da Rocha**

**País: Mali - África**

Fui para a África com um ardente desejo no coração de poder ajudar àqueles que necessitavam e de participar da cura física e da alma dos que estivessem em busca.
Fiz um curso de auxiliar de enfermagem com o único intuito de ser as mãos, os pés e a boca de Deus, lá onde NINGUÉM quisesse ir. Minha resposta para pergunta do profeta Isaías 6.8 sempre foi " EIS-ME AQUI. ENVIA-ME A MIM."
Contando com esta disposição de olhar para os outros e suas necessidades, fui convidada pelo líder da organização que eu estava cooperando no campo para ir visitar uma aldeia que fica a 90 quilômetros da capital do Mali, Bamako. O caminho para chegar até lá era impraticável, e a pergunta que eu me fazia era: "Será que tem gente morando por aqui?"... Uau! Para minha grande surpresa me defrontei com uma comunidade que estava plena de cabanas todas feitas de barro, muitas crianças, e ali estava o chefe da aldeia que nos aguardava com ansiedade.
Caminhamos um pouco, e, de repente, o chefe da aldeia nos perguntou: "Já que vocês estão aqui, será que não poderiam nos ajudar?". Qual não foi o espanto do nosso líder, que em seguida perguntou ao chefe: "Que tipo de ajuda vocês está precisando? Venham quero mostrar-lhes um local para que vejam o que nós chamamos de maternidade.
Aceitamos o convite dele, e lá fomos nós. Ao chegarmos diante do local, não acreditávamos no que via os nossos olhos. Um lugar sujo, mal organizado, sem nenhum recurso para trazer com dignidade uma criança ao mundo. Todo local era coberto de palha, a mesa do parto coberta com um plástico preto totalmente empoeirado, e, o pior, não tinha uma iluminação adequada. Ele nos apresentou a parteira e ela nos disse que se tivesse que fazer um parto durante a noite, ela precisaria utilizar uma lanterna.
Pense vocês, o que eu senti diante daquele cenário? Era uma pobreza gritante, e pelo fato de conhecermos algumas realidades malinesas, como, por exemplo, das mulheres que morriam após o parto com hemorragias terríveis causadas pela prática desumana da mutilação genital feminina, saí daquele lugar chorando e me perguntando o que poderíamos fazer para ajudar àquele povo.
O Mali é o segundo país no mundo em que essa prática desumana ainda é uma realidade. Devido essa situação as mulheres são vítimas não só de hemorragias, mas, também, de fístulas tão graves que as impedem de ficarem de pé. Para levar uma mulher com parto complicado da aldeia onde estávamos até um outro centro de saúde com recursos para realizar o atendimento são 18 quilômetros. Esse percurso só é possível realizar o apoio de uma charrete ou na garupa de uma moto. Quadro doloroso e desumano! O que fazer?
Ao voltarmos para Bamako compartilhamos com todo staff da nossa organização, e comecei a pesquisar sobre a possibilidade de buscar recursos para construir uma maternidade, ou, pelo menos, um local onde os pequeninos viessem ao mundo com um pouco de dignidade.
Sentia-me desafiada e confrontada com esse cenário terrível; entretanto, da mesma forma, estava diante de uma situação real, não havia recurso financeiro disponível!
Então, eu decidi fazer um orçamento, e, de verdade, não sabia a quem recorrer. Eu pensava: "E se eu tiver os recursos para construir a maternidade, vou precisar de profissionais qualificados, de preferência nacionais que possam ser formados para prestar um serviço de qualidade e com excelência para este povo tão sofrido. Onde encontrá-los?"
Após esse tempo eu retornei ao Brasil e durante 4 meses desafiei as igrejas batistas brasileiras durante a mobilização missionária no Sul do Brasil, e os convidei para irem comigo para o Mali.

Fiquei extremamente admirada pela resposta recebida por mim, pois foi algo indescritível! Eu consegui os recursos necessários. Mas, e agora? "Mãos à obra!"
Depois de 3 meses de trabalho incansável e intenso, estava pronta a nossa "CASA DE GRAÇA". Esse nome foi escolhido pela comunidade, especialmente, pelas mulheres. Nós começamos os preparativos para a inauguração. Os aldeões prepararam uma festa que jamais será esquecida. Eles mesmos convidaram as autoridades da comunidade, e um fato marcante era ver a expressão de gratidão de todos eles, especialmente, das mulheres.
Agora a aldeia de Bankoumana tinha a sua maternidade e daria assistência a outras 13 aldeias que estavam ao seu redor. O sonho era de oferecer àquele povo cuidados com excelência. Comecei uma campanha de sensibilização na comunidade perguntando quem gostaria de se apresentar para ser formado como enfermeiro ou enfermeira e, assim, poder atuar na maternidade.
Eu tive a alegria de acompanhar o primeiro candidato e a nossa organização no Brasil, pagou toda a formação dele. Em seguida, uma jovem senhora da mesma aldeia expressou o desejo de ser formada. Essa jovem foi para a capital, e consegui, pela graça de Deus, que uma igreja no Rio de Janeiro pagasse todos os seus estudos.
Como trabalhei como voluntária em uma escola que se encontrava dentro de um lixão, fui desafiada mais uma vez, a dar um passo de fé. Eu consegui uma jovem senhora para me ajudar, e durante este tempo, tivemos ajuda de uma O.N.G. Espanhola, que nos concedeu a oportunidade de formar mais duas enfermeiras.
Sinto-me privilegiada, por ter podido ser alguém que não só cooperou com o Reino de Deus, mas que pôde ser útil no meio da nação malinesa, formando vidas que serão não somente profissionais, mas serão também cidadãos que ajudarão o seu país e nação a ter um desenvolvimento social utilizando os valores que honram a Deus e também fazem toda diferença na comunidade, obedecendo ao Mestre JESUS: "Amarás o senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda tua alma, e com todo teu entendimento, e amarás ao teu próximo como a ti mesmo." Onde há Deus, há esperança: Jesus é a nossa esperança!

# MINHA VOCAÇÃO

**Analzira Pereira do Nascimento**

**País: Angola – África**

Quando uma pessoa decide seguir radicalmente a direção que Deus dá e não perde o timing da história, ou o *Kairos* de Deus, Ele pode agir, Seu amor é manifestado e Seu nome glorificado. O Reino dEle é sinalizado e Sua vontade é feita aqui na terra exatamente como está acontecendo no céu.

Trabalhei 17 anos em Angola à frente do Seminário Teológico Batista do Huambo e na coordenação de alguns projetos de desenvolvimento comunitário; e na volta ao Brasil coordenei por 8 anos o Projeto Radical, da JMM – Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, que envia jovens para diferentes regiões do planeta.

Enquanto aguardava o momento certo para ir à África, trabalhei até como doméstica para alguns colegas de faculdade, e fiz geleia para arrecadar fundos para minha ida ao campo missionário. Vários irmãos e igrejas da zona sul de São Paulo já conheciam minhas geleias de banana e laranja!

Para mim, não foi fácil partir para Angola, perder, deixar, romper. Decisão baseada numa certeza de que Deus é que estava apontando os rumos e conduzindo os passos. Obedeci mesmo sangrando na alma, porque não existia nada aqui que pudesse me dar realização e preencher um vazio que só o trabalho em Angola me concederia. Tive medo do futuro, medo de não conseguir interpretar a vontade de Deus, medo de não me acostumar à cultura, medo de não dar conta do trabalho, medo da guerra e suas consequências, medo do isolamento e solidão, medo de rejeição e outros.

Mesmo tendo a certeza de fazer a escolha certa, algumas dúvidas me atemorizavam. Deus estava me chamando mesmo ou eu me enganei? Como ficaria a minha família? Voltaria a ver os meus amigos? Sentiria muita falta da minha igreja? Com quem eu poderia conversar nos momentos críticos? Faltaria alimentação para mim? Onde eu iria dormir?

Algumas vezes eu tive vontade de desistir quando vinha o "Dia de Habacuque" no meu ministério. Abandonei família, projetos, sonhos e um noivado, mas apesar de alguns temores sobre o meu futuro e a incerteza sobre como seria minha vida sozinha num país em guerra, eu tinha convicção de que não seria em vão todo o sacrifício pessoal porque submeti toda a minha caminhada ao comando do grande Deus criador dos céus e da terra. Isto me trazia segurança e tranquilidade e a cada dia ia reduzindo a ansiedade inicial.

Durante os combates mais intensos, cheguei a pedir a Deus que me levasse abreviando aqueles dias terríveis. Mas foi no vale da sombra da morte que eu aprendi a orar. Com o passar do tempo, eu já não fazia a oração egoísta e infantil de pedir a remoção do problema, mas declarava a soberania do Senhor sobre todos os acontecimentos, e me apropriava do conforto da Sua presença ali comigo. Sim, a graça de Jesus foi suficiente nos momentos mais desesperadores!

Muitas vezes pensei em desistir porque não via um sentido naquele conflito armado. Alguns acontecimentos conspiravam contra todos os projetos em andamento e a insegurança da situação político-militar nos fragilizava bastante. Quantas vezes lamuriei achando que não suportaria mais e que todo o esforço seria em vão! Quando visito Angola e reencontro as lideranças em diversas áreas de atuação, e vejo o desenvolvimento dos trabalhos, posso afirmar que tudo valeu a pena! Hoje sou professora de missiologia.

O trabalho mudou. As tarefas e funções também, mas minha vocação continua a mesma. Ela é maior do que a minha carreira. Ela é um conjunto de atuações que viabilizam realizações maiores e contribuem para minha participação no cumprimento dos propósitos redentores de Deus para este mundo.

Atualmente, estou focando minhas atividades em contribuir para que mais pessoas descubram seu lugar no projeto de Deus para o mundo. Gosto de alavancar pessoas. Uma frase de Viktor Frankl pode resumir o que mais gosto de fazer atualmente: "eu encontro sentido para minha vida ajudando outros a encontrar o sentido para eles".

Desde que entreguei a minha vida totalmente a Cristo decidi permitir que o Pai conduzisse todas as minhas escolhas. Decidi que não queria mais viver por viver: queria ser o que Deus queria que eu fosse. Fiz uma decisão de viver uma vida que glorifique a Deus não importa onde estiver e o que acontecer. Por mais intensa que seja a nossa dor e por mais sofrida que sejam as nossas perdas, nenhuma dificuldade pode nos travar ou sufocar ou nos separar do que Deus quer fazer em nós e através de nós. Existe um pensamento atribuído a Nietzsche que tem várias traduções e interpretações, mas a ideia principal reforça essa concepção de vocação e sentido de vida: "quem tem por que viver, é capaz de suportar qualquer como". Creio que o que justifica nossa vida no planeta é viver para Aquele que nos deu vida.

Sim todos nós estamos em missão onde vivemos, com o que somos, com o que temos, com o que fazemos e podemos decidir participar do que Deus está fazendo no mundo! Mas se a tua parte neste macro é a carreira missionária, pare de fugir! Se a tua vocação é missionária, não tenha medo! Dá uma chance para o Espírito Santo de Deus te conduzir na definição e decisão de como harmonizar todas as áreas da sua vida e ore com sinceridade pedindo e deixando que Ele cumpra na tua vida todo o Seu "plano A". Ele vai cuidar de você. Quem convida paga a conta!

Não tenha medo de se entregar totalmente para Deus. Não tenha medo de perder pessoas ou coisas. Costumo dizer aos meus alunos que a Rute da Bíblia só encontrou o Boaz porque ela estava fazendo o que tinha que fazer. Simples assim.

Em seu discurso na Jornada Mundial da Juventude na Polônia, em 2016, o Papa Francisco conclamou os jovens a saírem do sofá do comodismo. Deixar aquele lugar gostoso que traz segurança, bem-estar e tranquilidade de estar dentro da nossa casa. Ele alertou também sobre o perigo de uma "paralisia que brota quando se confunde a felicidade com um sofá! Sim, julgar que, para ser felizes, temos necessidade de um bom sofá [...] um sofá que nos faça estar fechados em casa, sem nos cansarmos nem nos preocuparmos. Provavelmente, o sofá-felicidade é a paralisia silenciosa que mais nos pode arruinar; porque pouco a pouco, sem nos darmos conta, encontramo-nos adormecidos".

Vamos romper com esta cultura do sofá e da acomodação! Vamos fazer valer o sacrifício de Cristo na cruz por nós também entregando nossa vida como oferta viva para o serviço dele servindo pessoas a nossa volta e por onde andarmos.

Deus nos criou para viver uma vida que vale a pena. Viver intensamente cada dia. Não espere até o final da sua vida para descobrir que correu atrás do vento. Reconfigure o GPS e decida hoje ser o que Deus pensou para você.

# TÉMOIGNAGE

**Christance Badiate**

**País: Senegal - África**

Meu nome é Christance BADIATE, Sra. BABENE, sou mãe de um menino de 2 anos.
É realmente uma alegria dizer como o Senhor me levou a trabalhar em Seu trabalho no nível do Programa de Educação Pré-Escolar (PEPE) da Junta de Missões Mundiais. E conseguir entender minha vocação.
No quinto ano, tive uma professora de economia doméstica e social (assunto que fazia parte do currículo escolar) que eu gostava muito porque toda vez que ela ia para a aula, ela era modesta e, também, o conteúdo do curso era muito interessante.
Depois do meu sucesso no bacharelado em 2009, vim para Dacar, capital do Senegal, para os estudos universitários e, nesse mesmo ano, fiz meu encontro pessoal com o Senhor JESUS e é aqui que tudo muda na minha vida.
Eu não me preocupei mais com o que faria na minha vida, mas, sim, o que farei pelo Senhor e lá me fiz muitas perguntas:
✔se eu passar por uma competição estadual, haverá uma igreja onde eu serei designado?
✔Que trabalho eu poderia fazer para agradar ao Senhor?
Esses pensamentos eram muito fortes em meu coração e eu não entendia que o Senhor estava me chamando para servi-lo às crianças.
Depois de dois anos na universidade, no departamento de história, fui convidada para fazer um estágio em uma escola particular que estava procurando professores e lá eu tinha que ser um substituto nas aulas, mas o Orientador Pedagógico me levou como sua assistência. Comecei a fazer quase todo o trabalho da gerência sob sua supervisão. Em setembro de 2011, durante as grandes férias, fui convidada para a cidade de Mbour para participar de um treinamento do PEPE organizado pelo José Ricardo, missionário brasileiro da Junta de Missões Mundiais, e foi nessa formação que vim conhecer o Programa de Educação Pré-Escolar (PEPE). Em 2012, durante a primeira reunião de PEPE no Senegal, recebi um convite para participar deste treinamento.
Em 2013 entrei em um centro de formação pedagógica para fortalecer melhor minhas capacidades pedagógicas. Após esse treinamento em 2014, assumi minha posição no PEPE como coordenadora nacional por cinco anos. Graças a essa formação pedagógica, organizei treinamentos básicos para missionário-educadores para melhorar as habilidades, e, também, fiz visitas de supervisão às unidades. Estive em contato com outros educadores e inspetores de educação e isso me fez entender minha vocação; ser uma luz, um porta-voz do Reino de Deus neste ambiente. Ser uma educadora cristã me dá a oportunidade de influenciar muitas pessoas em muitas comunidades.
Em 2018 fiz um curso de gestão escolar na Universidade Gaston Berger, no Senegal. Essa formação me fez desenvolver habilidades para melhor cumprir minha vocação, o chamado que Deus me deu no contexto educacional.
Hoje, entendo que o Senhor me deu um estágio, seguido de treinamento para me trazer para servi-lo com crianças, e, também, com suas famílias. Pois a vocação pode, no entanto, desenvolver-se gradualmente e ser lentamente iluminada através da tentativa e erro e no final por afinamento.
Olhando para trás em toda a minha jornada, entendo que a voz do Senhor é insondável, pois continuo a servi-lo através do PEPE como Coordenadora Regional para a região do Oeste Africano.

# VOCAÇÃO NA INFÂNCIA É POSSÍVEL!

**Carla Nunes de Barros Freitas**

**País: Colômbia - Américas**

Até onde consigo lembrar, era um domingo de manhã na sala dos juniores no segundo andar da Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte. Mas não nego a possibilidade de ter sido um domingo à noite na sala mais ao fundo do mesmo corredor, onde acontecia o culto infantil. As lembranças estão um pouco turvas na minha mente ainda que nem faça tanto tempo assim. Hoje tenho 33 anos, naquela época, deveria ter uns 9.
O fato é que parecia ser um domingo comum, em que cantaríamos corinhos, escutaríamos a história bíblica, faríamos a tarefa e comeríamos o lanche. A hora do lanche era para muitas crianças a mais esperada, mas para mim, a melhor hora era a da história.
Eu amava ouvir as aventuras dos personagens bíblicos e imaginava como seria se eu estivesse ali. Eu tentaria convencer Jonas a não subir naquele barco, acordaria Sansão antes de que Dalila cortasse seu cabelo, tocaria uma das trombetas que derrubou o muro de Jericó, pularia de felicidade ao ver o maná cair do céu e, entre tantas coisas que eu me imaginei fazendo, a mais desejada era sentar aos pés de Jesus para escutar seus ensinamentos.
Porém, aquele domingo foi diferente. Uma moça que eu nunca tinha visto entrou na sala. Ela se identificou como uma missionária. Primeiro, nos ensinou uma canção que dizia que Cristo ama as criancinhas do mundo todo. Depois, começou a explicar que ao redor do mundo existem muitas crianças que nunca escutaram de Jesus e nem conheciam os personagens bíblicos que eu tanto amava.
Ela disse que era preciso mais missionários para ir até essas crianças para contar-lhes as histórias que eu escutava todos os domingos. Meu coração apertou. Não podia entender como era ser criança sem conhecer aqueles que eram os meus heróis. Senti uma grande compaixão e ali aceitei o convite que ela nos fez. Eu seria uma missionária.
Hoje, já missionária pela Junta de Missões Mundiais na Colômbia há 8 anos, posso discernir que o que aconteceu naquele domingo foi minha experiência de vocação ao ministério.

## Vocação é um assunto tão sério que deve ser levado para a sala infantil

Frequentemente tratamos do tema "vocação" com os jovens e os adultos das nossas igrejas. Talvez porque acreditamos que esses teriam mais autonomia para tomar decisões e se engajarem no serviço do Reino. Entretanto, não consideramos o alto poder de adesão presente na infância. Quando a Palavra diz em Provérbios 22:6: "Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele", nos indica que essa etapa da vida guarda a incrível capacidade de adesão a crenças, valores, condutas, padrões, ou seja, de transmissão da cosmovisão, do conhecimento de mundo.
De acordo com pesquisas realizadas por diferentes organizações cristãs, crianças e adolescentes que são apresentados ao evangelho entre os 4 e os 14 anos tem mais probabilidade de aderi-lo que jovens e adultos. Em 2015, a *National Association of Evangelicals* encontrou que 63% dos cristãos se converteram neste período que ficou conhecido como a Janela 4-14. Assim, minhas experiências de conversão e de vocação não foram isoladas. Crianças são capazes de tomar decisões e construir suas vidas sobre os pilares das informações que receberam na "salinha".
Se vamos ao campo da cognição, ou seja, capacidade que todo ser humano possui de aquisição de conhecimento, encontraremos um teórico chamado Jean Piaget, que influenciou a pedagogia do século XX. Segundo ele, o indivíduo possui maior desenvolvimento cognitivo na infância. É até os 12 anos de idade que iremos processar a maior quantidade de informações para transformá-las em conhecimento. Isso acontece por meio de dois processos: assimilação (associação realizada pela criança das novas informações com as suas experiências anteriores), e acomodação (modificação da criança para a incorporação das novas informações).

Podemos traçar um paralelo entre a teoria de Piaget e meu testemunho pessoal. Naquele domingo recebi novas informações sobre a existência de crianças que não conheciam a Jesus. Associei essas informações com as minhas experiências anteriores de aprendizado sobre a Bíblia, o que gerou empatia e compaixão por elas. Logo, acomodei a mim mesma na perspectiva daquelas novas informações e desejei ser missionária. Dali para a frente, todas as decisões que tomei na minha vida como hábitos, amizades, estudos, casamento, etc., foram para corroborar com a cosmovisão que havia adquirido, ou seja, para viver a minha vocação.

**Comunicação clara é fundamental para a experiência de vocação**

É importante ressaltar que a experiência de vocação, também conhecida como chamado, está marcada pelo encontro de três agentes que são fundamentais, pois a ausência de qualquer um deles não permitiria que a esta fosse realizada. Na dinâmica entre eles, um exerce papel definitivo na condução da ação dos outros dois agentes. Este é o Espirito Santo.

O Espirito Santo dirige todo o processo que levará a experiência de vocação do cristão. Sabemos que todo cristão é vocacionado por Deus para a obra missionária, conforme está escrito em Atos 1:8. Entretanto, há uma vocação ao ministério de tempo integral, em que o vocacionado entende que todos os seus esforços serão investidos na realização do trabalho eclesiástico. É o Espirito Santo quem, segundo seu desejo, chama cristãos para essa tarefa.

Outro agente envolvido na experiência de vocação é o vocacionado, aquele que é despertado pelo Espírito para comprometer-se com o Reino. Em meu caso, ter reconhecido minha vocação ainda pequena me permitiu viver uma preparação para ir ao campo. Entendi que viveria longe da minha família e do meu país; procurei adquirir conhecimento e destrezas no trabalho da igreja local para que no campo distante eu pudesse servir melhor; e fiz escolhas conscientes que me levaram a desenvolver minha vocação.

Por fim, temos um agente que executa um papel fundamental: o de ser canal de informação sobre a necessidade existente e urgente de vocacionados. Em minha experiência, essa função foi cumprida por aquela missionária, que chegou até nós porque a igreja tinha uma visão missionária que incluía as crianças. Em outras experiências, a informação pode ter sido comunicada pelo promotor de missões, pelo líder de célula ou ministério, pelas notícias em veículos de comunicação dedicados a missões, etc.

O fato é que, assim como é indispensável a participação do canal que informa, é indispensável pensar em como informar. Existe um esquema clássico na comunicação que é: emissor -> mensagem -> receptor. Para que a mensagem chegue claramente ao receptor, ou seja, que a intenção comunicativa do emissor seja alcançada, não pode haver ruído na comunicação, ou este deve ser minimizado o máximo possível. Para isso, é preciso conhecer o receptor de maneira que a informação possa ser comunicada para que ele a entenda.

Falar de vocação para crianças é entender como elas podem responder positivamente à necessidade informada. É também entender como envolvê-las no tema e levá-las a serem ativas no cumprimento da vocação ainda sendo crianças. Graças a igreja em que eu passei boa parte da minha infância, pude exercer minha vocação ao ter a incrível oportunidade de como mensageira do Rei fazer viagens missionárias para apoiar o projeto de plantação de igrejas no interior de Minas. A experiência de pregar em praça pública, de visitar casas para falar sobre o plano de salvação e ver pessoas se convertendo me marcou profundamente.

Há uma enorme possibilidade de que diante de uma comunicação assertiva crianças assimilem a informação recebida sobre a necessidade de vocacionados, acomodem a si mesmas para se apresentarem como resposta à esta necessidade, se envolvam no Reino ainda pequenas e preparem-se para viver plenamente a sua vocação quando adultas. Investir em formas de abordagem do tema vocação dentro da salinha é um excelente caminho, senão o melhor, para o desenvolvimento e crescimento do trabalho ministerial futuro.

# SINAIS E MARAVILHAS

**Priscila & Áquila Dantas***

**País: [redacted] - Sul da Ásia**

Sempre que paro para considerar o trabalho que realizamos no Sul da Ásia vejo as mãos de Deus. Parceiros e amigos que só poderiam ter sido feitos com a intervenção divina, ser escolhido a dedo para treinamentos com "trabalhadores" bem-sucedidos mesmo não merecendo, uma igreja local que nos considera parte da família e nos apoia em nosso trabalho, agência parceira enviando novos trabalhadores formando uma equipe solida para o cumprimento da tarefa de alcançar um povo ainda considerado não alcançado de 10 milhões muçulmanos. Estar envolvido em momentos de perseguição a irmãos queridos que vivenciaram ataques físico, encarceramento e processo judicial por conta do evangelho e ver a poderosa mão de Deus cuidar de cada um deles no processo de cura. Vemos tudo isso como milagres de Deus.

Todas as experiências descritas acima só aconteceram por causa da intervenção de Deus. A bondosa mão do Pai sempre esteve presente. Mas aprendemos a esperar a supernatural ação do criador. Nesses 7 anos de ministério no Sul da Ásia, uma cultura marcada pela mistura da cultura de vergonha e medo, esperar a ação poderosa do Criador de maneira supernatural parece ser teologicamente e missiologicamente correta. Confesso que já pastoreei e até atuei como missionário pensando que sinais e maravilhas diminuiriam o poder da mensagem do evangelho pregado. Mas há uma falha fatal em pensar dessa forma contra desejos que Deus realize de sinais e maravilhas. Se desejar sinais e maravilhas dilui o poder do evangelho – então os primeiros cristãos e os próprios apóstolos eram ímpios e adúlteros, porque eles queriam tão apaixonadamente que Deus fizesse sinais e maravilhas ao lado de sua poderosa pregação.

Por exemplo, Pedro e João e os discípulos oraram em Atos 4:29-30: "Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que falem a tua palavra com toda a ousadia, enquanto estendes a mão para curar, e sinais e maravilhas são realizadas pelo nome de teu santo servo Jesus". Aqui temos homens e mulheres piedosos orando para que sinais e maravilhas aconteçam em nome de Jesus. E Lucas não os retrata como uma "geração má e adúltera" por fazer isso. Eles são exemplares.

Temos aprendido a orar esperando a ação sobre humana em nosso meio. E três testemunhos foram marcantes para ver as palavras das sagradas escrituras saltar para a nossa realidade.

O primeiro é do nossos grandes parceiros e amigos Abubakar* e Yasmim*. Os dois são ex-muçulmanos que em certo ponto de suas vidas decidiram colocar sua fé em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Quero compartilhar como Cristo se revelou para Yasmim* e sua família. Ela que foi criada cercada pelo Islamismo e desde muito cedo aprendeu a religião de sua família. Seu pai abandonou a família e a mãe de Yasmim* teve assumir a responsabilidade de criar três crianças. Após alguns anos, sua irmã mais velha, vai para a capital do país para estudar e desenvolve uma doença séria no fígado. E aqui começamos a perceber a poderosa mão de Deus ao colocar uma filha sua no caminho da irmã de Yasmim para pregar o evangelho e orar pela cura do seu fígado. Deus realiza os dois grandes milagres, curar e salvar. Enquanto a irmã mais velha estava tendo essas experiências com Jesus, Yasmim* conheceu uma amiga de fé cristã ortodoxa que vivia dizendo para ela que Isa era Deus, junto com o Pai; aparentemente sem muito desejo de evangelizá-la. Sua irmã do norte liga para Yasmim* para dar notícias da sua milagrosa cura que Jesus efetuou nela e que ela agora é seguidora de Jesus. Yasmim* decide ir à igreja da sua amiga cristã ortodoxa, mas as imagens de santos foram algo pesado demais para uma muçulmana aceitar. Até que Deus conduz para uma igreja evangélica onde a explicam o evangelho e a razão pelo qual cremos que Jesus é Deus. A mãe, dos agora três irmãos salvos, se torna a grande ameaça a fé deles, que com receio de que os filhos estejam cometendo o pecado de Shirk (idolatria ou politeísmo – talvez o pior pecado no islamismo) ameaça os filhos. Yasmim* que ainda vive com a mãe é a que mais sofre, sua mãe a proíbe de ir à Igreja, de orar e ler a Bíblia. Essa nova crente em Jesus decide acordar antes de que sua mãe todos os dias para orar pela salvação de sua mãe. Sempre de joelhos suplica que sua mãe seja salva junto com o restante da família.

Uma certa manhã, ao orar, Yasmim* sente ser ombro ser tocado. Era sua mãe falando que Isa tinha aparecido para ela em sonho e que agora ela tem a fé da filha. Em apenas uma história vemos Deus agindo através de uma cristã fiel que não perdeu a oportunidade de anunciar o evangelho e orar por cura, Deus agindo até por alguém que segue uma doutrina correta a respeito da fé cristã e, como em muitos outros relatos, Jesus aparecendo em sonhos e visões. Sinais e maravilhas tem trazido muito filhos escolhidos para o Pai no Sul da Ásia.

Deus não se cansa de salvar pessoas. Estatísticas mostram que mais pessoas tem entregado suas vidas a Jesus do que nunca na história da Igreja. O trabalho da Igreja em enviar missionários aos povos não alcançados, tradução da palavra de Deus em muitos idiomas e estabelecimento de uma liderança local estão entre as razões dessa mudança de paradigma.

Mas uma coisa não tem mudado desde sempre, a poderosa ação do Espírito Santo. Deus tem atuado como nos tempos bíblicos nos nossos dias hoje. Priscila* tem se aproximado de alguns jovens, desenvolvendo relacionamento e vendo Deus agir na vida de algumas dessas meninas. Elas têm demonstrado um desejo profundo de ver a suas vidas sendo usada para a expansão do reino e, algumas delas, até pensando em consagrar suas vidas para missões.

Essa que tem orado a respeito de seu envolvimento em missões é professora universitária, que ficou sabendo que uma de suas alunas era cristã apesar de seu nome Hindu. Ela quis logo saber como se deu o processo de salvação dessa ex-hindu. Os pais dela foram os primeiros a serem salvos. Dois hindus muito devotos que passaram a ter sonhos com Jesus, e foram pedir ajuda a uma igreja local para saber por que esse "homem" estava aparecendo em seus sonhos. Essa igreja os acolheu, discipulou-os e ajudou a filha desse casal a conhecer a Cristo.

Não, Cristo não está usando sonhos para atrair pessoa para si apenas no mundo muçulmano, muitos hindus têm entregado suas vidas, entendido a retidão oferecida por Jesus através do sacrifício realizado no Calvário, deixado de adorar milhões de falsos deuses e viver abundantemente com Cristo. O ponta pé inicial tem sido sinais e maravilhas.

A última história não é exatamente nossa. Mas vem de uma amiga de trabalho que compartilhou recentemente em uma reunião de obreiros. O trabalho de um missionário nem sempre é fácil, nunca foi glamuroso. Nessa reunião ela confessou como vinha andando desanimada por conta de todas as dificuldades de ver muçulmanos abraçando a fé verdadeira em Jesus. Após um dia cansativo de trabalho com alguns irmãos pegou o famoso Tuk-Tuk para voltar para casa. Durante o caminho, o motorista precisou atender o telefone. Muito consternado após a ligação confessou que era sua família informando que seu irmão havia morrido em um acidente de carro, que ele precisava voltar para a sua cidade natal para ajudar no sepultamento.

Após algum tempo, tentativa de consolar o enlutado, pregar Jesus para ele, um irmão pega o telefone do motorista e orar com as mãos no telefone para que se fosse da vontade de Deus e gloria do nome de Jesus que o irmão dele ressuscitasse. Após alguns minutos o telefone toca novamente, a família do motorista ligando confirmando o milagre. Seu irmão ressuscitou.

Há pelo menos 17 episódios de milagres que ajudaram na conversão de pessoas no livro de Atos. Os exemplos mais claros são Atos 9:34-35 e 9:40, 42. Pedro cura Eneas e Lucas escreve: "Todos os que viviam em Lida e Sarona o viram e se converteram ao Senhor. Pedro ressuscita Dorcas, e Lucas diz: "Este fato se tornou conhecido em toda a cidade de Jope, e muitas creram no Senhor."

Não há dúvidas que milagres – sinais e maravilhas – ajudaram trazer pessoas para Cristo. Isso que Lucas quer que nós vejamos e é isso que faz com que nós, cristãos, oremos por isso.

*Todos os nomes foram alterados ou retirados das histórias para proteção dos envolvidos.